



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA - PPGSCA**

**ERIK GONÇALO RUBEM**

**O BENZIMENTO E OS SABERES TRADICIONAIS EM SAÚDE NO  
MUNICÍPIO DE AMATURÁ-AM**

**Manaus-Amazonas**

**2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA  
AMAZÔNIA - PPGSCA**

**ERIK GONÇALO RUBEM**

**O BENZIMENTO E OS SABERES TRADICIONAIS EM SAÚDE NO  
MUNICÍPIO DE AMATURÁ-AM**

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de pesquisa: Aspectos Simbólicos e Manifestações Socioculturais

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dra. Renilda Aparecida Costa

**Manaus-Amazonas**

**2022**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

R894b Rubem, Erik Gonçalo  
O benzimento e os saberes tradicionais em saúde no município de Amaturá-AM / Erik Gonçalo Rubem . 2022  
141 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Renilda Aparecida Costa  
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Benzimento. 2. Benzedores. 3. Saberes tradicionais em saúde. 4. Amaturá. I. Costa, Renilda Aparecida. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**BANCA DE DEFESA**

---

**Professora Dr.<sup>a</sup> Renilda Aparecida Costa  
(Presidente)**

---

**Professor Dr.<sup>o</sup> Alexandre Santos de Oliveira  
(Membro)**

---

**Professora Dr.<sup>a</sup> Gilse Elisa Rodrigues  
(Membro)**

## **DEDICATÓRIAS**

**Àqueles que hei de ver e rever um dia**  
Francisca, Humberto, Pascoal e Almerita

**Às minhas inspirações de vida, que não cansam de rezar e torcer por mim**  
Glorinha e Carmito

**Aos meus grandes parceiros e irmãos**  
Ériton, Elton, Janilson e Maria do Carmo

**A todos vocês, dedico com carinho.**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, por me proporcionar o dom da vida e ter me concedido saúde durante toda a minha existência terrena.

À Universidade Federal do Amazonas – UFAM, por me conceder a oportunidade de realizar este programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia na referida instituição.

À Professora Dra. Renilda aparecida Costa pela orientação e confiança posta em mim na construção deste trabalho.

À Danielle, pelo apoio que me deu durante este percurso.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, pelas disciplinas ministradas e por compartilharem seus conhecimentos durante essa jornada acadêmica que foi muito importante para a pesquisa.

Aos professores Alexandre Santos de Oliveira e Gilse Elisa Rodrigues, pelas importantes sugestões e contribuições para este trabalho durante a Banca de Qualificação.

Àqueles e àqueles com muito amor, paciência e carinho auxiliaram na realização dessa dissertação: os senhores Francisco F., Francisco B. e Milton, e às senhoras Maria, Raimunda e Zenaide.

Ao grande amigo e Professor da Universidade do Estado do Amazonas Reginaldo Conceição da Silva, que me auxiliou desde a gênese do projeto de pesquisa, ainda enquanto vivia no município de Tabatinga, até nas correções do referido trabalho.

Ao meu primo Elilson Rubem por me conceder um computador e um espaço na escola em que atuava, para que eu pudesse escrever boa parte do meu trabalho.

Aos interlocutores indiretos que auxiliaram de alguma forma para a elaboração e enriquecimento de informações desta pesquisa.

**A todos vocês, meu muito obrigado.**

## RESUMO

Este estudo assumiu o propósito de conhecer o ato de benzimento que (re) existe na cidade de Amaturá (município do estado do Amazonas) mesmo com o avançar da tecnologia e de todos os preconceitos que estão em torno dessas atividades em nossa sociedade contemporânea. A pesquisa que aqui será discorrida teve seu desenvolvimento a partir do aporte das abordagens qualitativas com o a utilização da técnica da entrevista semiestruturada. Por meio da aproximação e convivência com os interlocutores analisa a história de vida e trajetória dos benzedores e as atividades desenvolvida por eles no campo da benção. Possui ainda inspiração na etnografia. Ficou evidente que a práticas tradicionais dos benzimentos no município de Amaturá é legitimado pelas relações de fé e confiança que existem em todo de tais saberes, que podem ter origens a partir de experiências mágico-religiosas ou a partir da transmissão da missão da benzedura para os que herdarão essa missão que é essencial na vida da população local. De maneira geral, a pesquisa mostra que os detentores dos saberes tradicionais de benzimento possuem uma variedade gigantesca de conhecimentos sobre as ervas, os modos de benzer e as formas de intervir nas enfermidades que rondam tanto o mundo físico quanto o espiritual, trazendo alívio a todos que necessitam.

**Palavras-chave:** Benzimento. Benzedores. Saberes tradicionais em saúde. Amaturá

## RESUMEN

Este estudio asumió el propósito de conocer el acto de bendición que (re) existe en la ciudad de Amaturá (municipio del estado de Amazonas) incluso con el avance de la tecnología y de todos los prejuicios que están en torno a estas actividades en nuestra sociedad contemporánea. La investigación que aquí será discurrida tuvo su desarrollo a partir del aporte de los enfoques cualitativos con la utilización de la técnica de la entrevista semiestructurada. Por medio de la aproximación y convivencia con los interlocutores analiza la historia de vida y trayectoria de los benzedores y las actividades desarrolladas por ellos en el campo de la bendición. Posee también inspiración en la etnografía. Se hizo evidente que las prácticas tradicionales de las bendiciones en el municipio de Amaturá están legitimadas por las relaciones de fe y confianza que existen en todo de tales saberes, que pueden tener orígenes a partir de experiencias mágico-religiosas o a partir de la transmisión de la misión de la bendición a los que heredarán esa misión que es esencial en la vida de la población local. De manera general, la investigación muestra que los poseedores de los saberes tradicionales de bendición poseen una variedad gigantesca de conocimientos sobre las hierbas, los modos de bendecir y las formas de intervenir en las enfermedades que rondan tanto el mundo físico como el espiritual, trayendo alivio a todos los que lo necesitan.

**Palabras clave:** Benzimento. Benzedores. Saberes tradicionales en salud. Amaturá.



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**CESTB** – Centro de Estudos Superiores de Tabatinga

**FAPEAM** – Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas

**FUNAI** – Fundação Nacional do Índio

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IEADAM** – Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas

**IFAM** – Instituto Federal do Amazonas

**MS** – Ministério da Saúde

**MPU** – Ministério Público da União

**OMS** – Organização Mundial da Saúde

**PNCSA** – Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

**PPGSCA** – Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia

**SEMSA** – Secretaria Municipal de Saúde

**SESP** – Serviço Especial de Saúde Pública

**SUS** – Sistema Único de Saúde

**TCLE** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UBS** – Unidade Básica de Saúde

**UEA** – Universidade do Estado do Amazonas

**UFAM** – Universidade Federal do Amazonas

**UEMA** - Universidades Estadual do Maranhão

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1:</b> vista panorâmica do município de Amaturá.....	29
<b>Fotografia 2:</b> Vista aérea do encontro das águas (do Rio Solimões e do Igarapé Acuruí), na entrada do município de Amaturá.....	30
<b>Fotografia 3:</b> Derrubada do mastro pelas devotas de Nossa Senhora com machado.....	34
<b>Fotografia 4:</b> Devotas de Nossa Senhora carregando o mastro pela cidade de Amaturá.....	34
<b>Fotografia 5:</b> Devotas de Nossa senhora do Carmo realizando a retirada do caule do mastro para a ornamentação e erguimento.....	35
<b>Fotografia 6:</b> Término da retirada do mastro e retorno ao município de Amaturá.....	36
<b>Fotografia 7:</b> Devotos de São Cristóvão e pagadores de promessas no percurso de volta ao município sobre o mastro, que é arrastado por uma embarcação de pequeno porte.....	36
<b>Fotografia 8:</b> Procissão com o mastro de São Cristóvão pela cidade de Amaturá.....	37
<b>Fotografia 9:</b> Palco de realização do louvorção da Igreja Assembleia de Deus.....	39
<b>Fotografia 10:</b> Residência da benzedeira Maria R.....	67
<b>Fotografia 11:</b> Residência da benzedeira Maria e a igreja Assembleia de Deus.....	67
<b>Fotografia 12:</b> Residência do benzedor Francisco F.....	70
<b>Fotografia 13:</b> Residência do benzedor Francisco B.....	72
<b>Fotografia 14:</b> Residência da benzedeira Zenaide.....	76
<b>Fotografia 15:</b> Residência do benzedor Milton .....	77
<b>Fotografia 16:</b> Residência da benzedeira Raimunda e, ao lado, a capela do divino espírito santo.....	82
<b>Figura 17:</b> Lugar onde dona Raimunda realiza suas atividades de benzimento.....	104
<b>Fotografia 18:</b> O senhor Francisco B., realizando o benzimento em uma criança com quebranto.....	105
<b>Figura 19:</b> Lugar onde o senhor Francisco B., realiza suas benzeções.....	106
<b>Fotografia 20:</b> Benzedeira Maria mostrando o seu jardim, onde cultiva as ervas e plantas que utiliza nas práticas de benzimentos e na confecção de seus remédios caseiros.....	108
<b>Fotografia 21:</b> Capim Cidreira.....	111
<b>Fotografia 22:</b> Pé de boldo.....	111
<b>Fotografia 23:</b> Pé de Alecrim.....	111
<b>Fotografia 24:</b> Pé de Vick.....	111
<b>Fotografia 25:</b> Pé de Cravo.....	112
<b>Fotografia 26:</b> Pé de Mucuracaá.....	112
<b>Fotografia 27:</b> Mãe retirando folha de cravo para o banho de sua filha.....	113
<b>Fotografia 28:</b> partindo o cravo em pequenos pedaços.....	114
<b>Fotografia 29:</b> cravo sendo retirado com a peneira.....	114
<b>Fotografia 30:</b> Mãe dando o banho na sua filha.....	115

## LISTA DE MAPAS

**Mapa 1:** Mapa de Localização de Amaturá e demais municípios do Alto Solimões.....31

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Perfil dos participantes da pesquisa.....	63
<b>Tabela 2:</b> <del>Tabela 2:</del> Doenças tratadas pelos benzedores de Amaturá.....	119

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
1 - OS FIOS DA VIDA TECEM AS TRAMAS DA DISSERTAÇÃO .....	18
1.1 Tramas Pessoais .....	18
1.2 Tramas Acadêmicas .....	18
1.3 Tramas Profissionais .....	20
1.4 O município de Amaturá: Alto Solimões, Amazonas .....	21
1.5. Entrelaçamentos dos fios metodológicos que formaram as tramas da pesquisa .....	35
1.6 Rio, Rizomas Amazônicos partidas e chegadas na direção do tema de estudo.....	37
2 – BENZIMENTO: DEBATES.....	42
2.1 Benzimento: um breve contexto histórico do ofício .....	42
2.2 Etimologia, conceito e definições que permeiam o benzimento .....	45
2.3 O corpo enfermo: para além de uma desordem.....	48
2.4 - A figura do benzedor e do rezador.....	52
2.5. Os saberes e práticas tradicionais.....	56
3 - RECORDAÇÕES, FÉ E TRAJETÓRIA DE VIDA .....	62
3.1. Os benzedores de Amaturá.....	63
3.1.1 Dona Maria .....	65
3.1.2 Senhor Francisco .....	68
3.1.3 Senhor Francisco B.....	71
3.1.4 Dona Zenaide.....	73
3.1.5 Senhor Milton .....	76
3.1.6 Dona Raimunda .....	78
3.2. A Iniciação dos Benzedores .....	82
3.2.1. O benzimento enquanto dom .....	82
3.2.2. O benzimento enquanto prática aprendida .....	87

4 - AS PRÁTICAS DE BENZIMENTO EM AMATURÁ .....	95
4.1 Os benzedores e as simbologias da benção .....	95
4.2 Os recursos naturais utilizados no benzimento .....	106
4.3 Enfermidades e os processos de benção .....	116
3.4 Os benzedores e o sistema de saúde .....	128
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	134
6 - REFERÊNCIAS .....	137

## INTRODUÇÃO

Terra, água, plantas, ervas e demais elementos da natureza sempre foram utilizados pelos seres humanos desde as primeiras civilizações. Desta forma, a busca pela saúde do corpo e da alma através dos saberes e as práticas tradicionais de benzer, rezar e curar sempre tiveram, intrinsecamente, fundamentos nos conhecimentos mágico-religiosos.

Contudo na caminhada da humanidade, muitas maneiras de enxergar, interpretar o mundo foram reavaliados e reconduzidos conforme o desenvolvimento da ciência, a partir de uma concepção positivista, que consolidou sua hegemonia na explicação dos diversos fenômenos observáveis da natureza a desconsideração dos saberes tradicionais.

Contemporaneamente homens e mulheres encontram limites em se conectar com os conhecimentos tradicionais, o reequilíbrio do corpo e do espírito afastando todos os males e todas as enfermidades que possam acometer o indivíduo através da manipulação de elementos naturais, ou seja, de se reconectar com a natureza, a cada nova descoberta realizada pela ciência à medida que a rotatividade de pensamentos era posta “*em xeque*”. Assim, diante desenvolvimentos estruturais de pensamentos e tecnologias, os mesmos foram engolidos por esse emaranhado de descobertas.

Assim, a medida que os anos foram passando e com o avançar da medicina ocidental essas práticas tradicionais de saúde foram perdendo espaço no âmbito da saúde pública institucionalizada — especialmente nos centros urbanos —, na tentativa de desconstruir tais saberes e torná-los como algo “ultrapassado”.

Na região Amazônica, de gigantesca dimensão geográfica, os detentores dos saberes e práticas tradicionais de cura e benzimento são grandes aliados para a promoção, prevenção e recuperação da saúde. Eles, em muitas localidades, o único recurso humano para o combate das mazelas que possam a vir atingir corpo e espírito de seus habitantes.

É neste cenário amazônico onde homens, mulheres e a natureza se fazem fortemente conectados até a atualidade, que foi escolhido o tema para a realização da pesquisa, que tem como foco o estudo sobre as práticas tradicionais de benzimento a partir dos saberes tradicionais em saúde, realizados no município de Amaturá, interior do estado do Amazonas.

A “O benzimento e os saberes tradicionais em saúde no município de Amaturá-AM”, tem como objeto de estudo os (as) “médicos (as) tradicionais” popularmente denominados (as) de rezador (as), benzedeiros (as) e curandeiros (as). Eles (as) realizam práticas de saúde no município de Amaturá-AM, no empenho acadêmico de realizar uma pesquisa qualitativa junto

a esses sujeitos, buscando conhecer mais sobre essa população que faz o exercício das atividades de cura e benzimento no município.

Assim, na referida pesquisa, o maior foco investigativo foi a compressão dos conhecimentos sobre o ato de benzimento existente no município de Amaturá. Especificamente o estudo redigiu sobre os (as) benzedores (as) tradicionais de Amaturá e o seu processo de iniciação nas atividades de benzeduras, além da discussão das práticas ritualísticas de benzimento, como missão e prática de fé; e por final a percepção se a medicina ocidental/institucional impactou nas práticas tradicionais de saúde no município.

O benzimento aqui postulado se encontra dentro dos limites do município de Amaturá. Suas práticas se distinguem em muitos aspectos das práticas realizadas pelas instituições de saúde com metodologias ocidentais. Apesar de usarem estratégias distintas para o cuidado, as duas formas de cuidados não serão aqui vistas como opostas ou serão postas em confronto, mas sim serão colocadas em pé de igualdade, pois cada uma possui sua estratégia e eficácias, contendo o mesmo objetivo: a recuperação do paciente/cliente.

As noções e tentativas de interpretações sobre as práticas de benzimento requerem um desafio quando se tem a necessidade de organizá-las e classifica-las, sem que isso prejudique na análise dos dados, nem que nada de essencial possa ser deixado de lado, a fim de que se traga as informações mais precisas possíveis, conforme o encontrado no trabalho de campo.

Como forma de apresentar e organizar a proposta do estudo, a presente dissertação estrutura-se em três capítulos, tendo como sequência a seguinte ordem.

A primeira seção, **Os fios da vida tecem a trama da dissertação**, traz uma breve narrativa sobre a trajetória do pesquisador, a fim de que se conheça mais sobre os percursos traçados ao longo de sua caminhada, sejam eles pessoais, acadêmicos e profissionais. Além do mais, também busca apresentar o local onde se passa a pesquisa; sobre seus moradores; e os contextos socioculturais ali existentes.

A segunda seção, **Benzimento: debates para uma melhor assimilação**, apresenta uma revisão bibliográfica sobre o contexto histórico (de forma sucinta) acerca do benzimento no país, além de tentar nos conduzir sobre conceitos e definições iniciais que rodeiam tais práticas, sobre a doença como desordem do corpo, das denominações de tais agentes dentro do campo de pesquisa e além de realizar um debate sobre os saberes tradicionais que rodeiam tais práticas e praticantes.

A terceira seção, **Recordações, fé e trajetória de vida dos benzedores**, busca conhecer quem são os homens e mulheres que dedicam sua vida para a realização das práticas de



benzimento em Amaturá, além de evidenciar um pouco sobre os seus caminhos, suas histórias de vida e se deu a sua iniciação e a forma de aprendizado dentro das atividades de benzeduras.

A quarta e última seção, **As práticas de benzimento em Amaturá**, busca melhor apresentar como acontecem as práticas de benzimento em Amaturá, as simbologias presentes nas práticas de benzeduras, as relações com o sagrado, as relações sociais entre benzedores e benzidos, as doenças tratadas, os recursos naturais utilizados para os banhos, remédios, chás, pomadas, garrafadas, etc., além de apresentar a relação existente entre os benzedores de Amaturá e o sistema de saúde institucionalizado no local.

## 1 - OS FIOS DA VIDA TECEM AS TRAMAS DA DISSERTAÇÃO

O interesse sobre os saberes tradicionais de benzimento e as práticas tradicionais em saúde começou de formas diversas. Foi algo que adquiri no transcorrer da minha vida. A minha motivação se dá a partir de motivos profissionais, estudantis, e, principalmente, pessoais.

### 1.1 Tramas Pessoais

Posso dizer que as práticas de benzimento e os saberes em saúde estão presentes em minha vida desde o meu nascimento. Fui partejado com o auxílio da minha avó paterna Francisca Félix Simão (1923–2015), carinhosamente chamada “vovó Chica”, com a senhora Benvinda Alves Simão (1924–2012), denominada por minha mãe de “comadre<sup>1</sup> Lili”. Foram duas mulheres que além de parteiras também realizavam o ato de benzer e rezar nas crianças desde a sua gestação até o seu nascimento.

Entre as idas e vindas na casa de minha avó percebia que ela, sempre pela manhã ou nos finais da tarde, estava acompanhada com alguma gestante, tocando sua barriga e fazendo orações de maneiras de difícil interpretação ou compreensão para uma criança.

Minha avó, com o auxílio de suas ervas medicinais, benzia e orava em todos que a ela buscasse. Sempre em movimentos que reproduziam a forma de uma cruz, ela benzia e avaliava a gestação, assim como a posição do bebê na barriga da mãe. Isso me deixava intrigado. Mesmo que de maneira tímida, aquilo foi gradualmente despertando a minha admiração e inquietações pelas atividades por ela desempenhadas. Acredito que seja essa ligação familiar com os saberes tradicionais de benzimento que me deram maior gana de partir nessa empreitada para a realização da pesquisa.

### 1.2 Tramas Acadêmicas

Após minha aprovação no vestibular, ingressei, no segundo semestre de 2012, no curso de bacharelado em saúde coletiva, realizado no Centro de Estudos Superiores de Tabatinga — CSTB, pela Universidade do Estado do Amazonas — UEA.

Durante o período de graduação participei como bolsista no projeto de pesquisa “Nova Cartografia Social na Amazônia”, vinculado às Universidades Estadual do Maranhão (UEMA),

---

<sup>1</sup> Chamar de “comadre” as parteiras é algo muito comum no município. É a forma carinhosa que as mulheres em Amaturá tendem a chamar as senhoras responsáveis pela realização do parto de seus filhos, onde, a partir da parturição, um laço entre gestante e parteira é formado para a vida toda.

Universidade Federal do Amazonas e Universidade Estadual do Amazonas (UEA), no Núcleo em Tabatinga. Neste projeto, as ações de pesquisa eram desenvolvidas em parceria com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), MPU (Ministério Público da União), IFAM (Instituto Federal do Amazonas) e seus projetos de extensão contavam com apoio da FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas). Nessas instituições trabalhei na área de conflitos sociais envolvendo comunidades tradicionais na tríplice fronteira, com alunos da área da geografia, direito, biologia e pedagogia do Centro de Estudos Superiores de Tabatinga (CESTB-UEA).

No seguimento acadêmico da graduação, o meu objeto de pesquisa reaparece após a realização da disciplina “Populações Tradicionais”. Em tal disciplina as populações tradicionais existentes no Amazonas nos foram apresentadas, dividindo conosco os ensinamentos sobre a cultura, costumes, crenças e como se realizava os seus modos de cuidado em saúde. Entre as populações, os benzedeiros, curandeiros, xamãs, parteiras, eram os principais agentes de saúde, aqueles que prestavam auxílio quando houvesse necessidade.

Além desse fato, outra ocasião me despertou o olhar para os praticantes dos saberes tradicionais durante o período de graduação. Essa ocasião se passou num momento que, com professores de outros cursos e demais funcionários do CESTB (Centro de Estudos Superiores de Tabatinga), desloquei-me para a comunidade indígena do Umariuaçu I, onde na mesma ocorria a “1.ª Semana do Bebê indígena”, acontecida no mês de julho de 2013.

O objetivo do evento era auxiliar na melhoria dos indicadores de saúde de primeira infância da população indígena Ticuna, que, em parceria com outras instituições<sup>2</sup>, almejavam a garantia dos direitos das crianças, das mães e das gestantes. Entre as demais programações, a que mais me chamou a atenção foi a minha participação em uma roda de conversa, na qual era debatido e defendido o direito e dever do uso dos saberes tradicionais indígenas. Em primeiro plano, durante o partear, cabendo aos profissionais da saúde, contratados para atuar no referido polo, darem suporte apenas em casos que lhe fossem necessitados, com o intuito de proporcionar para a gestante e comunidade um parto que respeitasse os direitos culturais e saberes indígenas.

---

<sup>2</sup> O evento foi uma realização em conjunta da UNICEF (traduzida para o português como Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância), SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena), FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e Prefeitura Municipal de Tabatinga.

Esse fato me trouxe maior admiração pelas práticas tradicionais em saúde, me causando maior euforia para o desenrolar de tal pesquisa. Entretanto, o estudo não pode ser realizado durante a graduação por não fazer parte da linha de pesquisa de meu orientador.

### 1.3 Tramas Profissionais

Durante o meu trajeto de vida também tive motivos profissionais que me despertaram para esta pesquisa. Foram lembrados durante o período em que estive como servidor público em uma Unidade Básica de Saúde no município de Tabatinga, interior do estado do Amazonas (janeiro de 2015 a outubro de 2017).

Por ser uma unidade que prestava assistência em saúde ao Bairro da Comara — vizinho de duas comunidades indígenas (Umariuaçu I e Umariuaçu II) —, alguns indígenas iam à referida UBS atrás dos serviços de saúde. Nessas idas pude ter contatos com alguns de seus moradores. Em algumas dessas ocasiões os mesmos relatavam de quais maneiras os serviços de saúde eram prestados em sua comunidade. Em determinadas enfermidades, antes da procura aos profissionais de saúde, situados nos referidos bairros, eles primeiro buscavam ser assistenciados pelos curandeiros<sup>3</sup>, pajés<sup>4</sup> ou xamãs<sup>5</sup> que ali moravam, deixando-me mais interessado pelos saberes tradicionais em saúde.

A partir da minha função também pude dialogar sobre as formas e maneiras que os profissionais<sup>6</sup> observavam a realização das práticas tradicionais de saúde, sua importância, e sempre curioso os questionava se em algum momento de suas vidas utilizaram o auxílio dessas atividades “alternativas”. Indagava-os também como costumam ser denominadas em meio à medicina erudita — para o combate de enfermidades em seus clientes ou em si mesmos.

Nessas conversas fui percebendo que alguns deles não só acreditavam em tais práticas quanto também a usavam no combate em saúde de familiares. Esses profissionais compartilhavam a mesma ideia que algumas doenças possuem causas sobrenaturais ou

---

<sup>3</sup> O curandeiro é “o que cura por meio de rezas e feitiçarias”, e curandeirismo é “a atividade ou conjunto das práticas dos curandeiros. (FERREIRA, 1993, p.1570)

<sup>4</sup> Os pajés são os sacerdotes ‘oficiais’ da *Urutópiãg*, mediadores entre os sobrenaturais e os homens, os médicos da selva, os que herdaram o espírito curador de *Anhyã-muasawyp*, a primeira mulher que existiu no mundo, moça bondosa, conhecedora de todos os remédios e rituais de pajelanças, que depois de morrer, seu espírito retornou e passou a encarnar na sabedoria dos curandeiros. (YAMÃ, 2005, p. 41–42).

<sup>5</sup> O xamã é uma pessoa, homem ou mulher, que, no final da infância ou início da juventude, passa por uma experiência psicológica transfiguradora, que a leva a se voltar inteiramente para dentro de si mesma. É uma espécie de ruptura esquizofrênica. O inconsciente inteiro se abre, e o xamã mergulha nele. (CAMPBELL, 1991, p. 99)

<sup>6</sup> O grupo de profissionais era composto por agentes comunitários de saúde, técnicos em enfermagem, técnico de saúde bucal, auxiliar de farmácia, agente de endemias, dentistas, médicas e enfermeiras.

poderiam ser acometidas no indivíduo a partir de energias negativas transmitidas por pessoas. Elas poderiam possuir alguma desavença ou aversão, fazendo-me refletir que tais pensamentos poderiam também ser partilhados entre munícipes de Amaturá, me causando maior desejo em pesquisar sobre vida, história e modos de fazer saúde dos benzedores, xamãs, parteiras, etc., que residem no município de Amaturá, interior do Estado Amazonas.

#### **1.4 O município de Amaturá: Alto Solimões, Amazonas**

O lugar de onde falamos está localizado na região a qual denomina-se Amazônia. Amazônia que possui os mais variados adjetivos, entre eles, “legal”, “brasileira”, “bacia”. Seus diversos adjetivos e características sempre se referem a ela pela sua vasta e gigantesca territorialidade, por sua vasta florestas e por sua flora ímpar, sem igual diversidade de espécies.

Afunilando nosso local de pesquisa, chegamos onde tudo se origina. Não estou querendo referir-me que é este o ponto de partida para algum processo político ou algo que marcou a região, mas sim este local como o início da nossa jornada para o presente trabalho; um estudo que se passa no município de Amaturá.

Ao falarmos sobre o município, temos inicialmente que falar do contexto onde o mesmo está inserido e devemos frisar que sua origem e história está relacionada com a história de seu estado, o Amazonas. O Estado do Amazonas está situado na região Norte do país e é o maior no quesito território, onde abrange uma área de 1.570.946,8 km<sup>2</sup>. Conforme o que informa Noronha (2003), seu território equivale a 18,4% de todo o território brasileiro e 40,7% da região Norte.

O Estado do Amazonas possui uma cultura bastante particular e bastante distinta das outras regiões do Brasil. Ele possui 62 municípios, incluindo a capital Manaus, e dividido em nove mesorregiões: Madeira, Juruá, Alto Rio Negro, Rio Negro/Solimões, Médio Amazonas, Jutáí-Solimões-Juruá, Purus, e Alto Solimões (onde está localizado o município de Amaturá).

Os povos da Amazônia, índios e ribeirinhos, assim como demais populações, também têm uma experiência ímpar e secular de batalha pela vida. A resistência dos povos indígenas contra a dominação dos portugueses e espanhóis está na origem de quase todos os municípios amazonenses, principalmente na fase colonial da política de evangelização e aldeamento, inclusive em Amaturá. A igreja, neste período teve um papel marcante na organização dos grupos populacionais. Não há como contextualizar o início da história do município sem se ater à evangelização das populações, pelo motivo de grande parte daquilo que existe atualmente na localidade é fruto deste período (NETTO, 2011).

De acordo com Azzi (2008), as evangelizações ocorreram em dois grandes movimentos: o primeiro, iniciado no século XVI, chegou ao norte do Brasil em meados do século XVII e o segundo, a partir da criação e organização das prelações. Entre esses dois momentos está o período de invasão nordestina e a atividade escravista dos seringueiros com a exploração e produção da borracha, o que impactou diretamente na cultura e costumes na região.

Entretanto, não podemos atrelar que a história de Amaturá esteja restrita a este período, pois ela é anterior a este momento. São poucas as informações a existir sobre a história do município, sendo as informações coletadas repassadas através de documentos pertencentes à igreja católica, existente no município, sendo atualmente dirigida pelo padre Washington, sendo de origem colombiana.

Amaturá nasceu inicialmente de uma numerosa e população de índios Cambebas, que viviam por toda a localidade onde hoje é o Alto Solimões. Na região também residiam indígenas de outras etnias, entre elas a Ticuna, que estavam mais precisamente localizados na Tríplice Fronteira do Brasil, Peru e a Colômbia.

Quanto aos Cambebas que habitavam a região, Netto (2011, p. 50) fala que:

“(...) eram uma tribo forte, organizada e terrível com seus inimigos. Eram conhecidos por sua supremacia, brutalidade nas guerras e também chamados de cabeças chatas pelo costume que tinham de comprimir a cabeça das crianças com tabuinhas que a apertavam por meio de ligas, a tal ponto que elas, ao crescerem, ficavam com o crânio achatado. Enfeitavam-se com colares e pedras e manejavam com destreza zarabatanas e lanças. Construíam canoas com as quais trafegavam pelos rios em batalhas e conquistaram as tribos vizinhas”.

Já em relação aos Ticunas, o autor descreve que:

“(...) eram povos da floresta tropical e habitavam a terra-firme e os altos igarapés, situados principalmente na região amazônica que compreende as terras do Peru. De lá eles desceram para expandir seus territórios. Não utilizavam canoas e raramente transitavam pelos rios. Sua principal atividade era a caça em terra associada à agricultura. Os Ticunas eram pequenos em estatura e não se configuravam como um povo guerreiro” (NETTO, 2011, p. 50).

Os primeiros contatos das populações indígenas que residiam na região aconteceram no fim do século XVII com a expansão espanhola pelo território do Alto Solimões, onde, sob liderança do padre Samuel Fritz estabeleceu e desenvolveu 27 aldeamentos missionários ao longo do rio Solimões, trazendo alterações nas culturas e na saúde da população local. (NETTO, 2011).

Essas alterações nos hábitos de vida e nos costumes resultaram em inúmeras mortes entre os indígenas, ocasionando gradualmente na fragilidade dos Cambebas e na destruição do seu povo. (UGARTE, 2006). As sequelas da atividade missionárias de evangelização, dos conflitos, das enfermidades, da miscigenação e do trabalho forçado culminaram no extermínio

indígena local e na miscigenação de sua pequena população restante, resultando em pequenas comunidades indígenas que habitavam às margens dos igarapés e do Rio Solimões (PENA MACIEL, 2006).

Vários confrontos foram realizados entre militares portugueses e as comunidades indígenas, gerando assim muitas mortes e escravizando os indígenas da localidade como mão-de-obra para os trabalhos. Esses conflitos resultaram ainda mais na dizimação das etnias, onde os maiores sobreviventes foram os indígenas da etnia Ticuna, reproduzindo-se e descendo o Rio Solimões (ORO, 1989).

Já no final do século XIX, comerciantes vindos do Nordeste brasileiro começaram a chegar nas localidades da região, ao logo das vilas e comunidades ribeirinhas. Ocasionalmente na mata a abertura de grandes seringais nativos para a extração do látex, que na capital Manaus seria vendido para o desenvolvimento da borracha (Netto, 2011).

Segundo Albert e Ramos (2002), os recursos humanos usados nos seringais era quase que exclusivamente de indígenas, onde todas as atividades existentes nos seringais eram, quase que totalmente, desempenhadas a partir da mão de obra Ticuna. Além das suas atividades na extração da borracha, não deixaram de lutar para a manutenção de sua cultura, através do plantio, caça, pesca, e tudo o que fosse necessário para sua subsistência.

Até meados de 1962 fazia parte do município de São Paulo de Olivença, sendo então neste ano considerada Vila, ganhando independência política pela primeira vez. Entretanto, com a “revolução” de 1964 deixou de assim então ser categorizada, voltando a estar sob a jurisdição do município vizinho por mais de uma década, retornando então a deter sua autonomia administrativa e ganhando o “status” de município em 1981.

A palavra “Amaturá” tem como etiologia, segundo as pessoas mais idosas do município, em homenagem ao “aturá” - paneiro (um tipo de cesto) confeccionado pelas primeiras comunidades indígenas da região, e utilizado para o transporte de mandioca, farinha, frutas, e demais produtos ou objetos. Esse paneiro, na língua de origem ticuna tem como nome de “aturá”. Por esse ser muito utilizado e importante para a agricultura, pesca, caça, e até mesmo para o transporte de seus filhos mata adentro, os moradores da região (indígenas ou não), tiveram uma relação muito forte com seu aturá. Por essa relação, os mais idosos afirmam que todos gostavam muito de seus aturás, dando então aí origem ao nome da cidade, de Amaturá, ou seja, “Ama o aturá”.

**Fotografia 1:** Vista panorâmica do município de Amaturá.



**Fonte:** Arquivo da Prefeitura Municipal de Amaturá, 2020.

Amaturá é uma cidade que está localizada à margem direita do rio Amazonas e faz parte da mesorregião do Alto Solimões, como já citado acima, juntamente com os municípios de Jutaí, Fonte Boa, Tonantins, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença, Benjamim Constant, Atalaia do Norte e Tabatinga, no estado do Amazonas. E os principais setores que movimentam a sua economia são a agricultura, agropecuária, indústria, comércio, e, principalmente, o setor público.

Logo na frente do município há um igarapé, onde acontece o encontro das águas entre o Rio Solimões e o Igarapé Acuruí, dando a quem visita, ou a quem está de passagem pelo município, um cartão postal parecido aos que viajam rumo à cidade de Manaus, capital do Estado.



**Fotografia 02:** Vista aérea do encontro das águas (do Rio Solimões e do Igarapé Acuruí), na entrada do município de Amaturá.



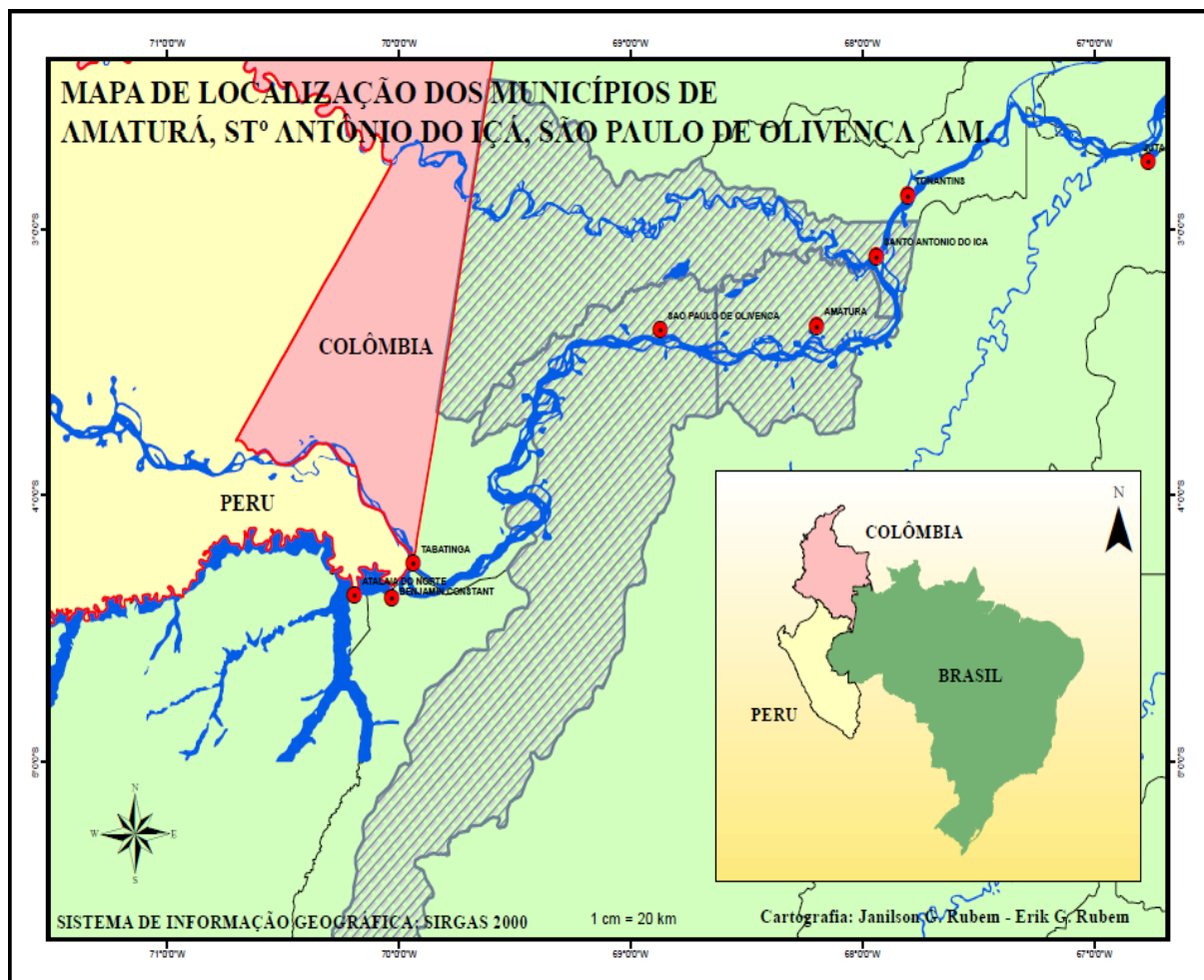
**Fonte:** Arquivo da Prefeitura Municipal de Amaturá, 2020.

Segundo o IBGE (2020), Amaturá possui como território uma área de 4.754,109 km<sup>2</sup>. A mesma está há uma distância de 1.205 quilômetros, em linha fluvial, da cidade de Manaus. A única maneira chegada ao município de Amaturá é por meio da via fluvial, sendo necessários seis dias para que o trajeto Manaus/Amaturá seja percorrido de barco, ou 26 horas caso o trajeto seja percorrido de lancha, entretanto, os altos valores das passagens para essa modalidade de viagem a tornam inacessível para a população amaturaense<sup>7</sup>, se destinando o seu uso apenas por uma pequena parcela dos moradores da cidade.

---

<sup>7</sup> Amaturaense é o nome gentílico das pessoas que nascem no município de Amaturá.

**Mapa 1:** Mapa de Localização de Amaturá e demais municípios do Alto Solimões



**Fonte:** Elaborado por Janilson G. Rubem e pelo Autor.

Na região do município de Amaturá há a presença de 9 comunidades indígenas, sendo elas pertencentes às etnias Ticuna, Cambeba, Cocama e Witoto. Já na área urbana do município, percebe-se que a população é homogênea, apresentando traços de miscigenação branca, descendentes de nordestinos e, descendentes de indígenas das etnias Ticunas e Cambebas, principalmente - pertencentes aos primeiros habitantes originários da região. E é nesse contexto de relações intercultural está o município de Amaturá, palco onde a nossa pesquisa se passa.

O município de Amaturá possui a estimativa de 11.934 habitantes<sup>8</sup>, com densidade demográfica de 1,99 habitantes por km<sup>2</sup><sup>9</sup> (IBGE, 2021). Sua zona urbana é composta por cinco bairros: Bairro de Cima, Bairro de Baixo, Santa Etelvina, São Francisco e Boa Esperança. Por

<sup>8</sup> De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ano de 2020.

<sup>9</sup> Segundo a estimativa do IBGE no ano de 2020.

ser um município de pequena área urbana o estudo abrangeu todo o município de Amaturá, por não haver empecilhos para o deslocamento ou dificuldade de acesso do pesquisador pelos bairros onde os benzedeiros estão distribuídos.

O principal setor que movimentam a geração de renda no município é o setor público, sendo a prefeitura e o governo do estado do Amazonas os maiores responsáveis pela empregabilidade formal no município. Paralelamente, os munícipes de Amaturá contam com outras fontes de economia, como por exemplo, a agricultura familiar, de onde os habitantes retiram parte da sua produção para o consumo familiar e a outra parte para a venda no mercado municipal do município, caso possuam um box do mercado em seu nome ou no nome de familiares, ou até mesmo, caso na não disponibilidade da primeira alternativa, comercializam seus produtos nas calçadas das ruas, praça ou então nas janelas e varandas de suas casas.

A pecuária familiar também é responsável pela economia de algumas famílias no município, entretanto para a execução dessa modalidade no município há enormes custos para os produtores, devido a cheia e seca dos rios. Durante a seca, os gados ficam em áreas de várzeas para que possam se alimentar com um pasto com grande riqueza de nutrientes, devido a parte do ano em que aquela área estava submersa ao rio. Entretanto, durante a cheia, há a escassez de áreas próprias para a criação, o que leva os produtores a realizarem o transporte de seus animais áreas de terras firmes<sup>10</sup>, custeando, além do transporte, também o aluguel do pasto novo por metade do ano, o que gera um custo muito alto para os produtores e, por isso, ocasiona no abandono de muitos quanto a essa modalidade de renda e investimento. Se já não bastassem todos os entraves, há um baixo consumo de carne bovina na cidade - associe esse baixo consumo aos altos valores do produto e à baixa renda dos habitantes -, o que agrava ainda mais no baixo número de produtores.

Outros setores também são responsáveis de forma tímida, mas não menos importante, na geração de renda no município, como pequenos comércios, serviços autônomos, programas de auxílios federais, uma pequena indústria de castanha, pertencente à Associação dos Produtores e Beneficiadores de Castanha do Município de Amaturá (APROCAM) - que possui número entre 50 a 60 famílias associadas -, e duas olarias - uma com 18 funcionários e outra com 21.

Falar de Amaturá e não mencionar a religiosidade e a tradição, acredito eu, enquanto pesquisador e originário do município, seria de grande perda para que se compreendesse melhor

---

<sup>10</sup> Áreas de terra firme são territórios que não estão sujeitos a inundações no período da cheia dos rios.

o local onde se passa a referida pesquisa, pois todos os benzedores da pesquisa se fazem presentes nas comemorações religiosas e fazem parte dos munícipes que profetizam sua fé, que, conforme o IBGE (2010), 64% dos habitantes se denominavam católicos, 33% evangélicos, 0,7% espíritas e 2% não quiseram falar ou não citaram nenhuma religião. Amaturá, de igual forma nos municípios vizinhos (Santo Antônio do Içá e São Paulo de Olivença), possui a tradição de realizar um festejo em menção ao padroeiro do município, onde o ponto principal de cada festejo são as festividades, novenário, ritos.

No caso de Amaturá, a festividade deixou de possuir apenas um caráter religioso e tornou algo cultural, uma prática popular espontânea, que acontece com ou sem a permissão e o controle da igreja. Sabemos que tais atividades não dão um conhecimento mais entendido sobre a religião, mas “as festas e as práticas religiosas populares revelam a capacidade do povo em expressar sua fé e celebrar a vida através de uma linguagem simples e verdadeira” (NETTO, 2008, p. 72).

A festa é o principal evento religioso/popular do calendário municipal, influenciando na rotina de quem vive no município (e até mesmo de quem é amaturaense e vive em outras cidades). É o mês em que o comércio se acende como em nenhum outro período do ano. Marreteiros<sup>11</sup>, de diversos seguimentos, chegam ao município por conta do movimento popular. Chegam de outros municípios e ficam na cidade durante todo o mês de julho, com suas barraquinhas armadas, seja na praça, onde acontece o festejo, ou nas ruas próximas a ela, com o objetivo de aproveitar as festividades e lucrar com ela.

O festejo tem início no dia 07 de junho, com a presença das mulheres devotas de Nossa Senhora do Carmo, que partem de canoas e/ou pequenos barcos, rumo à retirada ao mastro que será levantado em honra à padroeira. Uma a uma, as devotas vão golpeando a árvore do mastro até a sua derrubada. Após a retirada, fazem uma procissão, carregando o mastro nas costas, pelo município de Amaturá. Ao término da pequena caminhada pela cidade até o destino final (a praça do município). Lá, preparam o mastro com pauladas, que são dadas sobre ele com um pedaço de madeira, afim que seja tirado todo o seu caule, para que, em seguida, seja ornamentado com bananas, cocos e demais objetos ou alimentos que serão disputados pela população na sua derrubada.

---

<sup>11</sup> Vendedor ambulante que montam suas barracas de lonas plásticas nas beiras das ruas e praças nas cidades do Alto Solimões para a comercialização de seus produtos durante as datas festivas e de maior fluxo de pessoas.

**Fotografia 3:** Derrubada do mastro pelas devotas de Nossa Senhora com machado.



Fonte: Arquivo pessoal do Autor, 2021.

**Fotografia 4:** Devotas de Nossa Senhora carregando o mastro pela cidade de Amaturá.



Fonte: Arquivo pessoal do Autor, 2021.

**Fotografia 5:** Devotas de Nossa senhora do Carmo realizando a retirada do caule do mastro para a ornamentação e erguimento (no centro está dona Maria, uma das participantes do estudo).



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2021.

Ao final dos preparativos, erguem o mastro em frente à igreja de São Cristóvão, e é iniciado o festejo, que acontecerá por nove noites, tendo seu término no dia 16 de julho, dia de Nossa Senhora do Carmo.

O festejo de São Cristóvão, padroeiro do município, começa no dia 16 de julho, no porto da cidade. Assim como o de Nossa Senhora do Carmo, ele é iniciado com a tiração do mastro, que já foi previamente escolhido pelos seus devotos.

A Festa de São Cristóvão é uma festa religiosa e uma animosidade popular que acontece num contexto cultural único e particular. Ela faz parte de uma tradição cultural e popular e, apesar de seu santo padroeiro não ser reconhecido oficialmente pela Igreja católica, ainda integra o âmbito da religião católica praticada no município (NETTO, 2008, p. 110).

Oliveira (2006) entende essas representações do catolicismo popular como formas de demonstração de fé, que traz consigo elementos do catolicismo oficial com componentes provindos do aspecto cultural que fazem parte da forma de viver de determinada população e compreender a sua visão de mundo. E como resultado a essa união de simbolismos e maneira de viver, a religiosidade toma um novo rumo, diferente da sistemática e oficial. Nesse modo, as pessoas se atêm ao sagrado ao mesmo instante em que também expressam sua cultura.

A tiração do mastro é feita com a participação da igreja católica. Por ter se tornado uma festa cultural, conta com a presença não só de católicos, mas de pessoas de outras religiões - que não vão pelo teor religioso em si, mas sim para vivenciar a cultura local e desfrutar do momento com familiares e amigos que sejam católicos.

No meio do igarapé sempre vai uma balsa de ferro, empurrada por um pequeno barco de madeira. Nessa balsa é que vai a imagem de São Cristóvão, em conjunto com demais munícipes e os responsáveis da organização da festa. Ao redor da balsa, vai um grande número de pessoas em canoas, baleeiras, e pequenos barcos, com a presença de pessoas vindas das comunidades rurais da cidade ou até mesmo de municípios vizinhos.

**Fotografia 6:** Término da retirada do mastro e retorno ao município de Amaturá.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2021.

**Fotografia 7:** Devotos de São Cristóvão e pagadores de promessas no percurso de volta ao município sobre o mastro, que é arrastado por uma embarcação de pequeno porte.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2021.

**Fotografia 8:** Procissão com o mastro de São Cristóvão pela cidade de Amaturá.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2021.

Pessoas acompanham os responsáveis pela festividade mata adentro para a tiração do mastro, que é sempre de alguma árvore que flutue na água, pois em cima do mastro vão devotos e pagadores de promessa na água, que são puxados no percurso de volta para o município.

Na frente do município, às margens do igarapé, estão várias pessoas, católicas ou não, acompanhando a chegada do mastro, que após uma procissão pela cidade, e a derrubada do mastro de Nossa Senhora do Carmo - que é feita unicamente pelas mulheres -, é erguido na praça do município, dando início às nove noites de novenário e festas, que conta com a participação de munícipes ou visitantes, vindos da capital ou de municípios como Tonantins, Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia do Norte, São Paulo de Olivença ou Santo Antônio.

No dia 24 de julho, sempre às 16:00 horas se dá início a uma procissão fluvial, onde, em determinado ponto do igarapé Acuruí, ao se chegar na santinha<sup>12</sup>, a procissão faz parada

---

<sup>12</sup> É o nome dado a uma ponta de terra de várzea que fica no meio do Igarapé Acuruí, onde está colocada uma imagem de Nossa Senhora do Carmo.



para que uma em uma embarcação ser benzida pelo pároco, que com uma rama na mão vai benzendo as pessoas em suas canoas, barcos, baleeiras.

No dia seguinte, dia de São Cristóvão, há outra procissão, mas dessa vez terrestre. Na procissão, que tem início geralmente às 17 horas, as pessoas vão atrás do andor onde está o santo, segurando as fitas colocadas sobre a imagem. O andor, sempre é levado por pagadores de promessa, que ao percorrer das ruas vão revezando com outros pagadores de promessas no seguimento da condução do santo.

E no dia 26 há o término dos festejos, com a derrubada do mastro de São Cristóvão, onde, dessa vez, apenas homens, revezando entre os demais fiéis, cortam o mastro até a sua derrubada. Com o fim do festejo, o município volta a sua rotina e as pessoas partem para suas cidades com o desejo que o próximo ano chegue logo e novamente possam participar das festividades.

No entanto, essa diferenciação não deve ser entendida de forma a preterir o popular ou colocá-lo como inferior ao oficial, nem tampouco indica qualquer oposição ou contradição entre as duas formas de manifestação da religião católica. A religião é uma dimensão constitutiva dos processos culturais e, como tal, está sujeita a uma construção histórico-social ligado ao contexto em que ela é constituída, não sendo, portanto, possível pensá-la fora desse contexto no qual obtém reconhecimento.

A população evangélica equivale a 33% dos habitantes totais do município, conforme já citado acima. A população conta com duas igrejas Assembleia de Deus no município, uma localizada na rua Acuruí, e outra situada na Rua Francisco Barroso, sendo a primeira a igreja central. Nas duas igrejas são realizados cultos aos dias de quarta e domingo, no período da noite, vigílias de oração nos sábados pela manhã e nas sextas feiras durante a noite, se estendendo até início da madrugada na sexta, onde uma de nossas interlocutoras se diz fazer sempre presente.

A igreja possui vários ministérios, entre eles o de música, oração, bíblico, de jovens, etc. Todos seguindo o calendário religioso e em prol de levar maior evangelização a toda população, seja na zona urbana ou zona rural do município, onde conta com outras igrejas menores, congregadas pelos seus pastores locais.

Durante o período de julho, ao mesmo período em que é comemorado o festejo de Nossa Senhora do Carmo e São Cristóvão pela igreja católica, há também o calendário religioso da igreja, onde há cultos todas as noites, durante o período de recesso escolar (que geralmente há entre os dias 17 e 28 de julho), com, aos términos dos cultos, há a venda de alimentos na frente da igreja, brincadeiras para as crianças, ou então é realizado um 'Louvorzão' que, segundo

Cunha (2004), são eventos cristãos realizados pelas igrejas. São estratégias que as igrejas buscam para implementar espaços de reunião, com o objetivo de atrair principalmente a juventude.

**Fotografia 9:** Palco de realização do Louvorão da Igreja Assembleia de Deus



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2021.

Outra atividade bastante realizada pela população evangélica são os retiros religiosos que acontecem geralmente nos finais de semana em lugares de mata afastado da cidade, com o objetivo de trazer um contato mais próximo com Deus ou o reavivamento da fé e experiências religiosas.

Por ser, o município de Amaturá, um lugar com acentuado número de católicos e evangélicos, as pessoas que profetizam fé distinta e elas (espíritas ou religiões de matriz africana) se sentem intimidados mediante ao preconceito existente na cidade. Em razão disso essa parcela da população fica boa parte das vezes no anonimato, se limitando a realizar suas celebrações religiosas de maneira tímida ou de forma anônima, por conta da discriminação religiosa que há de forma tão explícita, um caso claro desse medo e intimidação foi percebido na não aceitação de participação na referida pesquisa de um dos benzedores do município que, segundo a população, pertence a uma religião de origem africana.

Entretanto, mesmo mediante a essa situação de profunda marginalização social, política e cultural existente no município pode-se perceber a sua resistência e a profetização da fé a partir dos altares e símbolos sagrados de suas casas ou mediante a realização de suas oferendas religiosas - que não são vistas como cultos religiosos, mas sim como prática da magia negra ou oferendas para os demônios - realizadas pela cidade.

## 1 5. Entrelaçamentos dos fios metodológicos que formaram as tramas da pesquisa

A presente pesquisa prosseguiu a partir da abordagem qualitativa em relação à prática de benzimento no município de Amaturá por meio dos saberes tradicionais. Minayo (2010) conceitua o método qualitativo como aquele que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem. Esse método permite ao pesquisador revelar os processos sociais pouco explorados e desvendados referentes a grupos específicos, permite a edificação de novas reflexões, revisão e formação de novos conceitos durante a pesquisa (MINAYO, 2010).

O método escolhido para o transcorrer da pesquisa teve como inspiração na etnografia. Segundo Angrosino (2009), a etnografia pode ser descrita como a arte e a ciência de descrever um grupo humano — suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças. Ela possui diversas funções e desenvolvida como uma maneira de estudar as sociedades de pequena escala, tradicionais e iletradas e de reconstruir suas tradições culturais (ANGROSINO, 2009, p. 31).

Realizar um estudo com inspiração etnográfica necessita de algum período de contato com o grupo que se quer conhecer. Toda investigação prevê idas ao campo de pesquisa, que venham anteceder a pesquisa mais detalhada, em uma análise do campo e de como realiza a pesquisa, buscando: “prever os detalhes do primeiro impacto da pesquisa, ou seja, como apresentá-la, como se apresentar, a quem se apresentar, através de quem, com quem estabelecer os primeiros contatos” (MINAYO, 2000, p.103).

Este estudo teve seu encaminhamento a partir de diversas técnicas de pesquisa, que orientaram no desdobramento da coleta e consolidação dos dados obtidos em campo.

Como início da pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica para o início da pesquisa. Essa busca se deu nos repositórios de teses e dissertações dos programas de Pós-graduação das universidades públicas das mais variadas regiões do país (em especial as do Amazonas), onde se concentram as pesquisas sobre a temática estudada. Também se buscou materiais para a pesquisa no catálogo de teses e dissertações da Capes, de modo a filtrar todo material que fosse útil para o transcorrer da pesquisa.

Uma das técnicas de pesquisa utilizada para coletar os dados foram história oral de vida, a partir de Meihy (2005), em conjunto com as *entrevistas semiestruturadas* de perguntas abertas, previamente autorizadas pelos benzedeiros que aceitaram fazer parte do estudo e

mediante à assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Quanto à técnica da entrevista Richardson (2012) fala que:

A melhor situação para participar na mente de outro ser humano e a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos. Esse tipo de interação entre pessoas e um elemento fundamental na pesquisa em Ciências Sociais, que não é obtido satisfatoriamente, como já foi visto, no caso da aplicação de questionários”. (RICHARDSON, 2012, p.207)

A entrevista é uma estratégia importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. Richardson (2012) diz que ela “é um modo de comunicação em que determinada informação é transmitida de uma pessoa A à uma pessoa B”. Todo trabalho de coleta de informação, deve observar que “[...] a fala dos sujeitos de pesquisa é reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos [...]” (MINAYO, 2008, p. 204) por isso mesmo é tão abundante e reveladora. A pesquisadora ainda informa que a entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. (MINAYO, 2008).

Além das entrevistas, também aconteceram conversas informais com os benzedores, interessar-se buscar novas formas de melhor compreender o objeto de estudo pesquisado. As informações obtidas a partir desses diálogos foram registradas no diário de campo do pesquisador. Para isso, foi necessário estar atento quanto ao ouvir, de modo a conseguir captar todas as informações que pudessem ser necessárias para o estudo. Quanto ao ouvir, De Oliveira (1998) acrescenta que, assim como o olhar, não pode ser tomado como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação, pois ambas se completam e o auxiliam no seu caminhar e desenvolver da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em áudio, coletadas a partir de um gravador de som e aparelho celular, onde foram posteriormente transcritas pelo pesquisador para que as informações fossem analisadas e debatidas durante o transcorrer da dissertação. De modo a conhecer os entrevistados, sua história de vida, o processo de iniciação no benzimento, a sua formação como benzedor, as enfermidades por eles combatidas, os recursos naturais por eles utilizados durante as práticas tradicionais em saúde e suas perspectivas para o futuro do benzimento em Amaturá.

Outra técnica utilizada para o estudo foi a *observação não participante*, que, assim como a entrevista, exige que o pesquisador tenha aproximação com o objeto de estudo. Aqui está um dos pilares para pesquisas sociológicas, segundo De Oliveira (1998), que nos fala que uma das primeiras coisas que o pesquisador deve realizar é a *domesticação teórica do seu olhar*, isso

porque por mais que o pesquisador possa estar preparado para a investigação empírica, o objeto sobre o qual se estuda já foi previamente modificado pelo próprio modo de vê-lo. Segundo o autor, independente de qual seja o objeto ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de observar a realidade.

Segundo Lima (2008), a observação necessita que o pesquisador recorra a todos os seus cinco sentidos para averiguar uma realidade a ser pesquisada, seja ela uma comunidade, uma vila, uma empresa, um grupo, um fato ou fenômeno, etc. Antes de começar uma observação, é preciso definir os objetivos da pesquisa, definir um roteiro de observação, deixando claramente estabelecido o que será observado. Também é necessário definir a regularidade das observações e a extensão do tempo previsto para o processo de coleta de dados.

Para as práticas de entrevistas e observação foram utilizados questionários, celular, e gravador de áudio para a entrevista semiestruturadas; diário de campo e máquina fotográfica para anotações e registros de tudo de importante observado pelo pesquisador<sup>13[1]</sup>. Tais instrumentos foram necessários para resguardar todas as locuções/informações colhidas no decorrer da pesquisa e para permitir ao pesquisador variados meios e recursos para uma observação mais detalhada, tentando assim capturar todas as informações necessárias, podendo elas serem passadas despercebidas *a olho nu*.

O diário de campo sempre era utilizado posteriormente às visitas nas residências dos benzedeiros, para que o diálogo entre benzedor e pesquisador não se tornasse algo mecânico ou um diálogo sem se haver o *feedback* também para que o benzedor. Por isso, era apenas sempre após as conversas e às visitas, que o pesquisador descrevia o que tivera acontecido ou coletado, buscando pontuar tudo que pudesse ser considerado importante.

Para melhor visualização e localização do campo de pesquisa foram elaborados mapas, de modo a apresentar o panorama do município. Pontos de referências, sua localização espacial, a zona urbana do município, os bairros que nele possuem e onde estão localizados no município os benzedores que fazem parte do estudo, com o intuito de termos uma melhor compreensão de como está sua distribuição na cidade.

### **1.6 Rio, Rizomas Amazônicos partidas e chegadas na direção do tema de estudo.**

A nossa aproximação com o campo de pesquisa se inicia antes mesmo de desembarcarmos no município de Amaturá. Desde o início ela demonstra ser de enorme esforço

---

<sup>13</sup> Foi realizado com a autorização dos participantes envolvidos na prática tradicional e serviu para armazenar e estimular as lembranças e memórias do pesquisador durante a análise das práticas de benzimento.

necessário. Ela se inicia ainda em Manaus, com a partida rumo ao município, necessitando de um percurso de seis dias de viagem da capital do estado ao local de pesquisa. São seis dias de viagem, buscando compreender não apenas o campo, mas sim tudo o que o cerca. Todas as pessoas, os gestos, a floresta, a interculturalidade, tudo aquilo que pudesse ser acrescentado na forma como enxergamos o cenário e as populações que vivem às margens do Rio Solimões era importante.

São dias em que a natureza e o quilométrico Rio Solimões imperam, voltando para si os olhos de que faz o percurso. Diante de nossas óticas estava a maior floresta tropical do mundo, em conjunto com a maior diversidade de espécies e animais. Mesmo com toda a degradação realizada pelo homem, ao longo dos séculos, não perderam o brilho de seu espetáculo, estando sempre a nos convidar para um novo olhar. A cada novo cenário que a natureza nos presenteia, a cada nascer ou pôr do sol, a cada indivíduo que vemos habitando nas margens do maior rio do mundo.

Olhando para toda essa imensidão verde, não tem como não vim a mente os escritos realizados por Euclides da Cunha sobre o fenômeno das terras caídas, narrados em estudos realizados na região. Fenômeno este que vai diariamente alterando o cenário da Hileia — nome muito usado por Euclides em seu livro “A vingança da Hileia”, assim também como por outros autores, para descrever a floresta Amazônica.

Após os seis dias de viagem, e um longo trajeto percorrido, a embarcação chega no nosso destino — o campo de pesquisa —, que ocorre exatamente às 16:30, do dia 3 de março de 2020. Nos dando como cartão de visita do município o encontro das águas, que há na desembocadura do igarapé Acuruí, com as águas barrentas do Solimões, remetendo-nos imediatamente ao encontro das águas que há entre o Rio Negro e o Solimões, em Manaus.

No campo, o início da aproximação com os benzedores de Amaturá acontece poucos dias após a chegada no município, mais exatamente no dia 06, dia do primeiro ingresso na pesquisa. Apesar de ser natural do município, estava há anos sem frequentar a cidade, o que, acredito eu, me proporcionou um olhar mais distante com o local da pesquisa, o que favoreceu para um melhor detalhamento e compreensão do município.

Inicialmente, foi realizada a busca pelos rezadores e/ou benzedores do município a fim e conhecê-los. As indicações dos possíveis participantes da pesquisa foram elaboradas de maneira popular, por informações repassadas pelos próprios moradores do município. Após a indicação dos nomes e de sua localização iniciou-se a procura pelos mesmos. Durante a procura dos possíveis interlocutores, alguns não foram localizados durante o decorrer da semana — pelo motivo de passarem a semana em seus sítios, roças ou em comunidades da zona rural do

município. Nesses casos, a investigação em busca dos benzedores foi retomada durante os fins de semana, período em que, segundo familiares, seria mais fácil sua localização.

Antes de cada aproximação com os benzedores de Amaturá, houve uma sondagem prévia com seus filhos, netos ou demais pessoas que participassem do convívio de cada um deles. Essa sondagem inicial se fez necessária para podermos conhecer o estado físico e emocional de cada um deles, assim também como apresentar o estudo para os mesmos, para que algum familiar pudesse ter ciência de toda a pesquisa e como se configuraria a participação de seu familiar na mesma. Após a afirmativa dos mesmos quanto sua saúde e o consentimento para o primeiro contato com os benzedores, deu-se então início à aproximação com cada um deles, sendo sempre as mesmas auxiliadas e acompanhadas por alguém que com eles residissem.

A partir do contato inicial com os benzedores, a presente pesquisa lhes foi apresentada, sendo-lhes informados como se daria sua participação, a importância de cada um para a realização da mesma, assim também sobre o interesse do pesquisador em realizar tal estudo.

Para alguns, a pesquisa fez logo sentido, mas para outros havia uma dúvida do real motivo para a mesma, chegando a questionar se o estudo não seria apenas de uma forma de aprendizado de tais atividades para a venda de receitas, garrafadas ou fins lucrativos na capital. Entretanto, as dúvidas foram sanadas e não houveram mais inquietações sobre tais por entenderem o vínculo do pesquisador com o objeto de estudo. Após as informações repassadas, e aceitarem fazer parte da pesquisa, voluntariamente, comprovando sua concordância por meio da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Como já citado acima, a pesquisa teve seu início logo após a chegada do pesquisador no município de Amaturá — no dia 6 de março de 2020 —, entretanto logo teve que ser interrompida, mediante ao isolamento social decretado<sup>14</sup> no município pela chegada e notificação dos primeiros casos de Covid-19<sup>15</sup> na localidade.

---

<sup>14</sup> O primeiro decreto determinando o início do isolamento social em Amaturá (Decreto Municipal N. 1.356 de 17 de março de 2020).

<sup>15</sup> Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2 — que faz parte da família dos coronavírus — e apresenta um quadro clínico variando de infecções assintomáticas e sintomas graves, podendo levar o paciente a óbito. Os primeiros registros da covid-19 aconteceram em Wuhan, na China, e, devido à fácil transmissão do vírus de pessoa para pessoa, rapidamente a doença se espalhou pelo mundo, atingindo fortemente países europeus, como Itália e Espanha, e depois seguindo para as Américas, fazendo vítimas por onde foi chegando, incluindo Brasil, Amazonas e Amaturá.

Por ter as pessoas acima de 60 anos como parte do grupo de risco para a Covid-19, assim também como pessoas com comorbidade —, e buscando na preservação da minha saúde, da saúde dos benzedores. Assim também como a de meus familiares, houve a necessidade da realização de uma pausa na pesquisa, até que o número do contágio no município fosse reduzido de maneira expressiva.

Após a melhoria nos indicadores de saúde do Estado do Amazonas e na redução do índice de transmissibilidade do vírus no município de Amaturá, a pesquisa foi retomada em setembro de 2020, posteriormente a um longo período de isolamento social. Nessa altura, o campo já se apresentava como outro, totalmente distinto do encontrado em primeiro momento. As práticas tradicionais em saúde e os saberes tradicionais ganhavam um novo “status”, ou melhor, retomavam a ser vista claramente por toda a sociedade, até mesmo por aqueles que negavam tais saberes. Essa retomada de visibilidade, pela população, se deu pelo motivo de mais do que nunca, os remédios e garrafadas, desenvolvidos pelos benzedores, foram tão utilizados, quanto no tempo da pandemia. Mesmo sendo grupo de risco os benzedores sempre estavam dispostos a ajudar a quem deles necessitasse.

Mesmo com todas as dificuldades do período de pandemia, as pessoas que rezam e benzem no município sempre estiveram à disposição de quem precisasse, inclusive para a pesquisa. Sempre muito solícitos, eles estavam dispostos a ajudar no que fosse necessário, não havendo assim maiores dificuldades para a coleta de dados para a pesquisa.

Após a aproximação com o objeto de pesquisa houve a realização das entrevistas. Posteriormente a transcrição das conversas tidas com os benzedores de Amaturá, buscou-se realizar a extração das falas que sejam de relevância para a discussão da pesquisa, buscando interpretá-las e realizar a retirada do máximo de informações possíveis para os debates da minha pesquisa.

Nas observações, buscou-se estar sempre atento para todos os elementos considerados importantes para a discussão da pesquisa e a tudo que pudessem dar uma melhor visão sobre as práticas tradicionais de benzimento e os saberes tradicionais em saúde, como: formas de benzer; quantidade de benzedura; lugares onde o benzimento era realizado; como era realizado; quais elementos se faziam presentes nas benzições; os movimentos corporais dos benzidos durante as práticas de benzimento; tudo aquilo que acontecia nos espaços de benzimentos e durante as práticas.

As informações coletadas durante a pesquisa de campo, como fotografias, entrevistas semiestruturadas e com roteiros abertos, foram revistas e foram relidas de modo a buscar informações subjetivas, após transformadas em textos narrativos a fim dos mesmos serem



interpretadas pelo pesquisador. A cada dúvida surgida, o pesquisador dirigia-se ao benzedor para saná-la, sendo sempre as mesmas respondidas e o prosseguimento da pesquisa ocorrendo sem mais empecilhos por parte do ambiente social, mental ou físico de cada benzedor.

## **2 – BENZIMENTO: DEBATES**

### **2.1 Benzimento: um breve contexto histórico do ofício**

Como já citado anteriormente, os participantes da pesquisa se encontram na zona urbana do município de Amaturá. A cidade, assim como no restante do país possui múltiplas formas de manifestações religiosas, que envolvem rituais de tratamento e cura das enfermidades que rondam a história da humanidade. As práticas tradicionais de saúde, a qual, o benzimento está inserido, mantém seu espaço no meio social apesar das transformações ocasionadas pelo passar do tempo.

A relevância do debate realizado sobre a história do benzimento, está na ampliação dos conhecimentos sobre essas práticas que envolvem a vida do ser humano. Práticas essas que não possuem apenas uma origem ou cultura, mas é o conjunto dos mais variados saberes e práticas vinculadas a diferentes grupos socioculturais.

Segundo Gomes e Pereira (2004), desde as primeiras organizações sociais os seres humanos buscaram formas e estratégias para entender a vida, os fenômenos da natureza e os processos de saúde e doença. Povos africanos dentre estes egípcios, chineses, gregos, incas, maias, astecas, sempre buscaram formas de interpretar o mundo e os fenômenos que os rodeia. São homens e mulheres que receberam de seus antepassados, um legado de saberes, que alia aspectos da saúde e religião, estreitando essa relação entre ambos e buscando na vertente do sagrado respostas para as diversas inquietações que rondavam a humanidade.

“O elemento da diversidade religiosa está presente nas práticas de benzedura, constituindo-se por meio da integração de aspectos do catolicismo, das religiões de matriz africana, da cultura indígena e do kardecismo” (ALMEIDA, 2015, p. 33). Dessa maneira, as práticas de benzimentos se configura como um espaço de constituição repleta de simbolismo sendo composto por um grande conjunto de denominações religiosas. Tal ecletismo foi desenvolvido, no Brasil, de maneira mais forte, durante o período imperial e colonial. Embora existisse a tentativa da formação da sociedade europeia no país, a população já organizada em solo nacional já estava repleta de desconfianças em relação aos profissionais do ocidente que estariam chegando, vendo-os com desconfiança (PRIORE, 2012).

Para esses profissionais da medicina erudita (dos colonizadores), as práticas tradicionais de saúde existentes no Brasil era algo ultrapassado. Eles percebiam os benzimentos e as práticas em saúde local como uma prova da ignorância da população que aqui habitavam, reduzindo as

atividades aqui desempenhadas como práticas sem sentido, devido às práticas alternativas<sup>16</sup> baterem de frente e fazerem concorrência com a medicina ocidental no país.

As mulheres se apresentavam nesse cenário como as dominadoras das ervas e cultivadoras das plantas para a realização das benzeduras, rezas e rituais. “Ao pensar o benzer na história do Brasil, há a necessidade de dar enfoque ao feminino, tendo em vista que eram as mulheres quem sabiam cuidar do próprio corpo, conheciam ervas, ritos, rezas de cura e encantamentos” (ALMEIDA, 2015, p. 34).

Na Colônia, as mulheres cuidavam de seus próprios corpos para prevenir doenças. Estes cuidados provinham de saberes milenares, tanto europeus, quanto indígenas e africanos. Ao utilizar ervas, benzeduras, etc., para seu tratamento, estas mulheres passavam a ser vistas como feitiçeras (SILVA, 2011, p.81).

Elas eram muito perseguidas, e, por conta do seu saber, consideradas feitiçeras e bruxas. Para os europeus, as mulheres que realizavam as benzeduras acionavam o sobrenatural, o demônio e trabalhavam a partir de energias negativas, logo, mereciam os castigos mais cruéis e a morte (PRIORE, 2012).

A medicina oficial era contra a essas formas terapêuticas de curas alternativas<sup>17</sup>, quando executadas por pessoas comuns, do meio popular, não autorizadas pela medicina erudita, e, principalmente, por serem realizadas por mulheres. Para a formulação desse pensamento, conduziam argumentos teológicos como base, no objetivo de desmerecer tais saberes, caracterizando a recuperação das pessoas e a eficácia das benzeduras em rituais e práticas demoníacas (RIBEIRO, 1997).

Tal embate se tornava cada vez mais forte ao ver que a medicina pautada no uso das ervas, plantas e saberes tradicionais estava ganhando cada vez mais popularidade, respeito, afirmação e enraizamento em território nacional. A expansão da medicina baseada em saberes tradicionais contrariava os interesses dominantes das cortes portuguesas. Tal contrariedade e indignação se fazia mais intensa quando os princípios da cura estariam sendo realizado por classes populares, diferente da medicina erudita, que era desenvolvida pela elite (TRAMONTE, 2001).

[...] africanos, índios e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil colonial. Chás, mezinhas, rezas, feitiços, benzeduras, procedimentos rituais, interdições variadas faziam parte das curas que eram — inutilmente, como se pode imaginar — coibidas pela Inquisição [...] Bons resultados obtidos com um ritual garantiam o prestígio do sacerdote, ou do curandeiro, ou do feitiçeiro (Scliar, 2005, p.16–17).

---

<sup>16</sup> Era como os europeus denominavam as práticas em saúde desenvolvidas no Brasil.

<sup>17</sup> As referidas curas alternativas eram compostas por: curandeiros, sangradores, tiradores de dente, parteiras, curadores de moléstias específicas. Estes ofícios eram desempenhados por mulheres, escravos, forros e africanos (PIMENTA, 2003, p. 308:9)

Laura de Mello Sousa no livro “O Diabo e a Terra de Santa Cruz” elucida que houve em diversos momentos preconceito e violência sofrida para com os curandeiros ou benzedores no Brasil no período da colônia. A religiosidade na população do Brasil foi muito alavancada no decorrer dos séculos, ampliando seus horizontes e misturando tais práticas com vertentes católicas, africanas, indígenas e judaicas, sendo assim favorável para o crescimento do número de curandeiros, rezadores e benzedores. Eles, com suas palavras mágicas e santas, almejavam por afastar os males dos homens, curando os doentes, extraindo os maus olhados e buscando a saúde por meio dos saberes e cuidados tradicionais em saúde, mesmo com toda a repressão sofrida.

Resquícios da repressão vivenciada desde o período colonial talvez seja a explicação para o fato de, ainda hoje, muitos benzedores e, especialmente as mulheres que benzem possuem receios em se intitularem como tais e assumirem o exercício de suas práticas tradicionais de maneira aberta. Não com menos empenho e amor em servir ao próximo (AMARO, 2018), pois por muito tempo “a repressão contra os 'feiticeiros' era acionada sempre que se constatava sua existência. A prática era desautorizada e sobrevivia na clandestinidade” (TRAMONTE, 2001, p. 25).

Com base nas práticas especializadas em saúde, da medicina ocidental, e com todos os preconceitos existentes, a primeira impressão que se pode pensar é que o benzimento possa ser, hoje, realizado de forma tímida. Que esses procedimentos não façam mais parte na vida dos indivíduos contemporâneos ou que se tornou fragmento de uma história. Entretanto, Alves (1994) alerta que ela não é bem assim, pelo contrário, não podendo ser de outra maneira, haja vista que o benzimento é prática social. Sendo assim, algo que estará sempre em reconstrução e tendo seu fundamento a partir da sua interação com o social que ganha maiores aliados e respeito com o passar dos tempos. Dessa forma, as práticas de benzimento e a medicina baseada na utilização de ervas e utilização do sagrado, nunca será uma atividade a ser considerada em inércia, travada com o tempo; longe disso, pois ela se sustenta a partir de uma vivência enérgica e a partir do desenvolvimento e novos elementos que vai adquirido com o passar dos tempos e a partir de uma pluralidade religiosa. Essa pluralidade religiosa, elucida a pluralidade dos usos da fé para a construção e conservação da saúde (BRANDÃO, 1985).

“A benzedura, entra como integrante dessa maneira de professar a fé e de se aproximar do sagrado em momentos de tensão e conflito entre o que não é explicável no mundo material (corpo) e o que pode adquirir sentido no mundo invisível” (ALMEIDA, 2015, p. 37). Seguindo essa premissa, Brandão nos diz que:

O milagre popular é a mostra de efeitos simples de trocas de fidelidades mútuas entre o sujeito e a divindade, com a ajuda ou não de uma igreja e de mediadores humanos ou sobrenaturais. Ele não é a quebra, mas retomadas da ordem natural das coisas na vida concreta do fiel, da comunidade ou do mundo por algum tempo quebrada. (BRANDÃO, 1985, p. 131).

Apesar das formas de organização religiosa no Brasil combinarem-se e se apresentarem como valiosas no âmbito social, como: catolicismo no âmbito popular, práticas divinas de religiões de mátria africana, manifestações kardecistas, entre outras, o que se predomina são as atribuições terapêuticas e não as atribuições religiosas (LOYOLA, 1984).

As práticas do benzimento e da medicina popular são realizadas de maneira explícita e muito forte no passar dos séculos, baseados nos diversos trabalhos realizados em torno do tema, e, que aqui, no presente trabalho, será demonstrado.

Durante a pesquisa de campo foi possível perceber que a ação de fazer/saber, a prática do benzimento é mais importante, do que a doutrina religiosa que o benzedor segue. Ajudar o próximo continua sendo o principal foco dessas atividades, desenvolvidas por detentores do saber/fazer em saúde, transmitidas pela tradição oral dos benzedores e rezadores mais antigos para os novos benzedores e rezadores ou mediante a experiências sobrenaturais.

## **2.2 Etimologia, conceito e definições que permeiam o benzimento**

Muitos de nós, seja na infância ou vida adulta, lembramos, já fomos ou ouvimos falar de alguém que buscou e recorreu ao benzimento para cuidar de algum tipo de enfermidade. Já fomos assistenciados por um benzedor ou benzedora, que, a partir do ato de tais práticas tradicionais buscaram reestabelecer a saúde do enfermo. Acredita-se que em algum momento de nossas vidas e história também podemos nos ter feito o questionamento sobre o que seria exatamente esse “benzimento”, “benção”, “benzeção” e o que constituiria o “ato de benzer”.

Formular essas questões parece algo tão simples, mas buscar respondê-las nos exige muita cautela e por encontrarmos várias dificuldades, para que não caiamos num pensamento popular e corriqueiro. Respondê-las significa penetrar em nossa cultura, penetrar nas diferentes formas de organização de experiências coletivas em nossa sociedade e buscar entender de que modo alguns conteúdos religiosos permeiam as relações entre pessoas (OLIVEIRA, 1985).

Identificar de onde vem ou onde surgiu o benzimento não parece nada fácil, ainda mais se considerarmos a velocidade que uma cultura vai mudando com o passar dos tempos e modificando consigo os diversos elementos. Por isso, acredita-se como um ponto de partida válido debater sobre o significado de termos como o benzimento, benzer, benzido.

A palavra benzer, segundo o Dicionário Online de Português, tem como significado: 1) fazer o sinal-da-cruz para consagrar (alguém ou algo); 2) invocar a proteção do céu sobre

pessoas ou coisas; 3) fazer benzeduras. Quanto ao benzimento, ele vem ser a “ação de benzer”, ou seja, é o ato de se suplicar a benção, ou, segundo Oliveira (1985), a benção é “um ato de imploração, de pedido insistente aos deuses para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais presentes, mais concretos”, produzindo assim benfeitorias aos mortais.

Denominador comum da oração em todas as religiões (*prex* em latim significa demanda), implorar é o aspecto predominante nas relações entre, de um lado, os homens buscando satisfazer seus interesses vitais e suas necessidades concretas, e de outro, deuses, gênios, e ancestrais a quem se invoca (RIVIÉRE, 2013, p. 121).

Dessa maneira, o benzimento vem ser o meio utilizado pelo benzedor em realizar o intermédio do ser humano com o sagrado para eles poderem realizar ações de solidariedade e acordo entre o homem, os santos e divindades. A benção vem ser então um utensílio pelo qual os seres humanos produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para os indivíduos da classe social a qual fazem parte e, muitas vezes, através das religiões a qual estão inseridos. (Oliveira, 1985).

Existe também a ação de abençoar alguém para cumprimento, de despedida, onde os filhos, netos pedem a benção de seus pais ou avós ao irem, ou voltarem de algum determinado local. Oliveira (1985), diz em seu livro “*O que é benzeção?*”, que:

Em nossa sociedade a benção é um elemento muito importante para entender a vida das pessoas. Na prática a benção envolve um grande conjunto de gente, formado por quase todas as pessoas da nossa sociedade: pais benzem filhos, tios benzem sobrinhos, avós benzem netos, padrinhos benzem afilhados, benzedoras benzem clientes, padres benzem fiéis, etc. Como uma extensão da solidariedade vivida pelos camponeses, na roça qualquer pessoa mais velha benze a mais moça. Qualquer profissional do sagrado, seja padre, capelão, rezador e rezadeira de terços, de ladainhas ou de outros tipos de reza benzedoras, e até parteiras, todos benzem. Porque são, de um modo ou outro, também reconhecidos como alguém que possa benzer (OLIVEIRA, 1985, p. 10).

A palavra “*benção*”, segundo De Moura (2009) vem do verbo grego *eulogeo*, ou seja, “falar bem de” ou “louvar”, ou o substantivo “boa fala”. Segundo De Moura (2009), “esse termo pode ser aplicado tanto à forma — quando se valoriza o modo como a fala é expressa —, quanto ao conteúdo, de onde se tem que *eulogia* significa louvor e glorificação”. A benção é “uma palavra carregada de poder que comunica os bens de salvação e da vida. É também uma oração de louvor em reconhecimento pelos bens recebidos” (Dicionário Crítico de Teologia, 1981, p. 282).

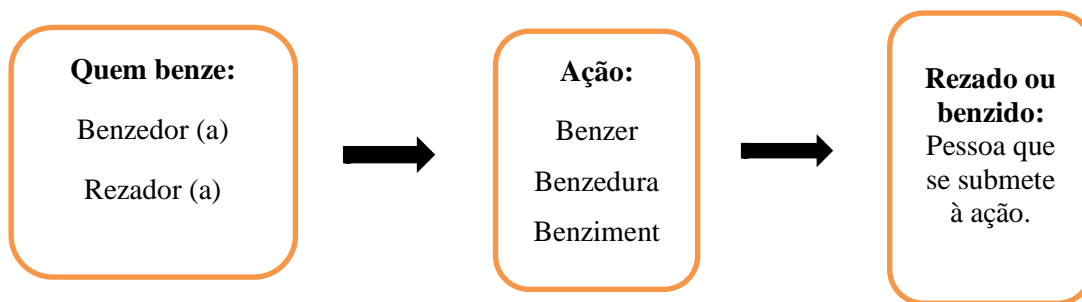
Derivada do termo *benção* se tem o verbo *abençoar*:

[...] O conceito de abençoar se pode ver nas ligações etimológicas entre o Heb. *barak* e a raiz ugarítica *brk* e a palavra acadiana *karābu*. Basicamente, *bārak* significa dotar com um poder benéfico. Este significado abrange tanto o processo de dotar como a condição de ser dotado. (IBID, 1989, p 289).

A partir dessa ideia, tem-se que o verbo “abençoar” está relacionado a um ato benéfico que uma pessoa possa transmitir para a outra, totalmente oposto a querer maldizer alguém ou

algo. É essa a linha de pensamento que será transmitida na pesquisa, dado que o benzimento ou a bênção que existe do benzedor (a) está relacionado na busca da cura ou bem-estar do benzido e não simplesmente de quem desenvolve e executa a ação de benzer. Collins (1985), em relação à prática de abençoar, diz que isso é um comportamento humano comum, uma transação religiosa de cristãos e não cristãos, que usa palavras e gestos para revelar e efetuar uma relação salvífica.

Para melhorar elucidar, segue abaixo um exemplo prático do que se compõe o benzimento, que é o benzedor ou rezador, as atividades que realizam e quem recebe a ação da prática realizada pelo agente da benzeção.



A ideia inicial que existe por trás do benzimento é o intuito de curar o mal físico por intermédio da palavra, da súplica onde o benzedor desempenha o papel de intercessor e intermediário de quem necessita de tais preces com Deus, deuses ou quaisquer outras forças sobre-humanas.

Inicialmente podemos nos questionar sobre o que é de fato o benzimento e como tais práticas funcionam. Alberto Quintana (1999), em seu livro "*A ciência da benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*" caracteriza a prática o benzimento como uma atividade principalmente terapêutica, a qual se realiza através de uma relação dual — cliente e benzedor. Nessa relação, o benzedor ou benzedora exerce um papel de intermediação com o sagrado pela qual se obterá a cura. Essa terapêutica tem como processo principal, embora não exclusivo, o uso de algum tipo de prece.

Benzer uma pessoa é o ato de rezá-la, pedindo que dela se afastem todos os males ou doenças que esteja presente na pessoa que está sendo benzida. Fazendo sempre o "sinal da cruz" sobre a pessoa, rezando as orações de acordo com a doença ou o caso no momento, com o objetivo de consagrá-la pedindo ajuda dos céus, aos santos, a Deus (NASCIMENTO, 2014).

A bênção e o benzimento pode ser compreendido como uma prática social que acompanha todos nós. Ela é uma experiência que fortifica os laços entre os indivíduos e os grupos sociais de que são parte. Na grande parte das vezes eles benzem através de uma igreja

ou religião, seja com seu apoio ou o seu estímulo, a partir dela, que as controla e as legitimam para tal. Entretanto, há aquelas pessoas que benzem em suas casas, sem necessariamente estar adentrado de algum templo ou religião, e eles são conhecidos popularmente como benzedores.

O benzimento ocorre nos agrupamentos das rezas e orações, na elaboração de garrafadas, chás, banhos. Benzer é realizar um jogo de rezas com o poder de interferir no espírito e no corporal. Existem várias categorias de benzimento como, por exemplo, resguardar adultos e bebês, animais, casas e bens materiais, proteger corpo e espírito.

Apesar de o termo benzeção se originar da palavra bênção, no senso comum criou-se uma clara distinção e oposição entre “bento” e “benzido”, “bênção” e “benzeção”. No meio popular, emprega-se o termo benzido para se referir à ação de membros leigos, os ditos benzedeiros ou benzedoiras. São profissionais independentes, sem ligação com uma instituição específica, que atuam em comunidades onde seus serviços são necessários. Podem transitar tanto no meio urbano, quanto no rural e seus portadores são vistos como intermediários entre as forças sobrenaturais e os homens. (DE MOURA, 2009, p. 29).

Dessa maneira, benzer, no meio popular, relaciona-se em na ação de abençoar, seja com ervas ou plantas, imagens de santos, rezas, orações e gestos, acontecendo assim então a prática do benzimento. Benzimento este que está presente nos mais variados espaços e nas mais variadas classes sociais, tornando-se assim uma prática muito importante para quem nele acredita e a quem dele necessita.

### **2.3 O corpo enfermo: para além de uma desordem**

Antes de iniciarmos a falar das doenças benzidas em Amaturá, as maneiras que elas são diagnosticadas e as estratégias para se buscar o reestabelecimento da saúde, sente-se primeiramente a importância em se abordar o que na realidade é a saúde. A doença e o processo que permeia cada indivíduo, assim os processos que envolvem o diagnóstico das doenças e as formas que os benzedores utilizam para intervir no estado físico dos benzidos.

Para abordar o conceito de saúde, inicialmente sigo como ponto de partida a premissa do que nos informa a OMS (Organização Mundial da Saúde), onde, segundo ela, saúde “é o mais perfeito bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência da doença”.

Abordando inicialmente o conceito de saúde, a partir da referida instituição podemos refletir que para termos um *corpo saudável* não dependemos apenas do não acometimento sobre alguma enfermidade para podermos estar em desordem física. Também, para alcançar tal estado, que o corpo esteja em harmonia mental, além do mesmo, depender dos fatores sociais, pois o corpo é social. Segundo o que nos traz Quintana (1999) em seus pensamentos. O corpo, de igual maneira a um objeto, adquire existência para o ser humano quando acompanhado por um grupo de representações, constituído ele mesmo de simbolismos (Mendez & Mendes, 1994).



Não podemos pensar em um corpo puramente orgânico. Assim, para o homem não existe um organismo biológico, e sim um corpo simbólico, socialmente construído. Portanto, torna-se impossível apartar um *corpo biológico* dessa representação, pois fora dela não existe corpo algum (QUINTANA, 1999, p. 45).

Se o corpo é algo que reflete o social, então o processo saúde-doença não pode ser desvinculado a isso, pois o corpo e o social são interligados e se comunicam a todo instante, por supormos que o social é quem desenvolve e reconstrói o corpo, sendo o corpo rodeado de simbolismos. A noção de saúde e doença também está inserida na construção social, pois “o indivíduo é doente segundo a classificação de sua sociedade e de acordo com critérios e modalidades que ela fixa” (FERREIRA, 1994, p. 103). Isso resulta que o saber dos benzedores, dos médicos, etc., se encontra interligado com o social, uma vez que se produz o diagnóstico com base nos sintomas<sup>18</sup> e sinais<sup>19</sup> que o paciente descreve ou pelas características das enfermidades reconhecidas pelo social e sentidas pelo corpo.

Quintana (1999, p. 45) nos informa que:

O corpo pode ser visto como um signo através do qual se veiculam determinadas mensagens. Sendo, pois, o corpo uma construção social, as doenças que nele se manifestam, assim como as terapêuticas destinadas a combatê-las, nunca são meramente individuais, elas também levam a marca do social.

Podemos pensar então, baseado no que nos remete o autor, que cada grupo possui maneiras bem delimitadas, através dos quais desenvolve suas concepções tanto para a doença quanto para a cura. Em Amaturá não é de diferente maneira. No município os benzedores buscam formas de assimilar as doenças e suas causas, horas apresentadas como castigos divinos, desafetos, inveja, maus pensamentos ou forças sobrenaturais. Como recurso de defesa, usam do benzimento como terapêutica para o combate das enfermidades e desarmonias no corpo e/ou espírito, variando conforme sua vivência social ou experiências religiosas.

“*A criança doente não quer pegar peito, não quer brincar, chora por tudo, com os olhos tristes. No adulto, ele não quer sair de casa, não sente fome, fica desgostoso pra tudo e não se sente bem pra fazer nada. Nem mesmo as coisas que ele gosta de fazer, faz*” (Entrevista realizada em 2020), nos conta o benzedor Francisco F. “As representações que os indivíduos possuem a respeito de doença estão diretamente relacionadas com os usos sociais do corpo em seu estado normal” (FERREIRA, 1994, p. 104).

---

<sup>18</sup> Sintoma é a sensação subjetiva referida pelo doente como dor, ansiedade, mal-estar, alucinações, sensação de vertigem, etc. É um fenômeno só por ele sentido, sendo revelado apenas pela anamnese ou interrogatório para o médico, benzedor, rezador, etc. (ROMEIRO, 1980, p. 3).

<sup>19</sup> Sinal é a manifestação objetiva da doença, física ou química, como tosse, alterações no olhar, na cor da pele, ruídos anormais do coração, etc. (ROMEIRO, 1980, p. 3).

As concepções que os sujeitos detêm em relação à doença estão pontualmente associadas as atividades sociais da estrutura corporal em sua condição normal. O aparecimento da doença interrompe as atividades diárias do indivíduo. Seja o trabalho, os afazeres domésticos, as atividades da escola ou até na brincadeira de fim de tarde das crianças, em tudo se reflete essa desarmonia no corpo e espírito. Quintana (1999, p 46) faz assimilação parecida, ele diz “a doença é percebida e representada como algo inexplicável, sem sentido, algo que irrompe no curso normal das coisas”. Uma das nossas entrevistadas nos narra algo semelhante com o acontecido com um de seus clientes, *“um dia desses veio um rapaz me procurar dizendo: Dona Maria, eu não tou me sentindo bem, eu estou sem vontade de nada e com muito sono esses dias, acho que estou doente. Nem com vontade de jogar bola eu tou”* (Maria, entrevista/2020). Assim, “qualquer alteração na qualidade de vida, como, por exemplo, quando o indivíduo não consegue trabalhar, comer, dormir ou realizar qualquer outra atividade que está habitualmente acostumado, implica estar doente” (FERREIRA, 1994, p. 104). Antes “das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo” (MAUSS, 2003, p. 407).

Os benzedores de Amaturá, tem concepção parecidas com as discutidas até aqui. Dona Maria, sem que lhe perguntasse, ela nos remete ao que seria o conceito de doença para ela. *“A pessoa ter saúde é muito bom. Você quando tem saúde tem paz, faz tudo o que quer, como quer, sai pra lá e pra cá sem nenhum problema. Tá sempre tudo bem e tudo normal”* (Maria, entrevista/2020). Quando se refere à saúde, outra interlocutora fala: *“A saúde é tu estar bem, é tu fazer tuas coisas, sem que nada te interfira na tua rotina”* (Zenaide, entrevista/2020)

Elas também trazem seus entendimentos sobre a doença: *“Agora quando a pessoa tá doente é difícil. A pessoa doente não consegue sair de casa, não sente vontade de fazer nada que gosta, ela só vive perturbada, triste... como se nada tivesse gosto pra ela”* (Maria, entrevista/2020). *“A doença é uma coisa ruim na vida da gente, ela só vem pra nos encher e impedir que a gente consiga fazer o que precisa. Não importa a gravidade, nenhuma doença presta. Esses dias eu só vivo doente, cheia de dor de cabeça”* (Zenaide, entrevista/2020).

Podemos pensar então que a saúde vem ser tudo aquilo que permita o ser humano prosseguir com sua rotina de forma harmônica, no mais perfeito percurso natural, sem nenhum tipo de interferência, seja ela de ordem física ou espiritual, e, a doença, tudo aquilo que lhe retira desse percurso. Seria a quebra dessa mais perfeita harmonia física e espiritual.

As enfermidades curadas pelas benzedoras se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas a questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam o cotidiano. Enquanto a Medicina científica se concentra nos aspectos biológicos do processo saúde-doença, o benzimento ocupa-se de perturbações que desequilibram a vida das pessoas e que podem ser causadas por diversas coisas, aproximando-se mais da forma subjetiva como as pessoas

vivenciam o processo saúde-doença. Além disso, a eficácia do benzimento está estreitamente relacionada ao modo como as pessoas percebem a saúde e a doença. Os elementos utilizados são diversos, tais como: Vela, tesoura, ervas, água, ramos, fitas, santos e tabaco. Entretanto, nós acreditamos nas curas espirituais, cujas doenças são lançadas e/ou causadas por pessoas conhecidas na região como “estrago” ou por seres “encantados” (animais que acreditam se transformar em humanos, seres da água, e da mata) (SALGADO, 2016, p. 87).

As pessoas podem admitir sua enfermidade se puder dar-lhe algum sentido e perceberem os seus sinais, como a dor<sup>20</sup>, muito presente no aparecimento da enfermidade. A motivação de uma doença não é aceita enquanto não tiver uma lógica, uma justificativa, um símbolo. No entanto, caso ela venha revestida de uma lógica, um motivo, torna-se tolerável. Talvez, seja essa (também) uma das explicações ou um dos motivos que faz as pessoas procurarem o atendimento das benzedeiras e dos benzedores, independente da classe social ou religião, igual acontece em Amaturá.

O benzimento recupera e cura não apenas as enfermidades que atormentam o corpo físico, mas também as que atormentam o espírito. É uma prática que ganha bastantes recursos e vivências a partir da sua prática cotidiana, contendo sua própria maneira de enxergar as coisas, com uma linha de raciocínio tida a partir do universo sociocultural, onde os sujeitos que as realizam estão adentrados. Oliveira (1984), fala que os benzedores (as) podem ser assinalados como cientistas populares, ou seja, pessoas que conseguem realizar a conciliação de elementos pautados no meio religioso com as práticas existentes no meio da medicina popular. Geralmente usam uma religião para reafirmar suas práticas e realizam suas atividades em nome dela ou de suas divindades.

No universo dos conhecimentos populares, as doenças corporais são entendidas como resultado dos males da alma, ou seja, a separação entre corpo e alma não existe. Estes conhecimentos ancoram-se em princípios que levam em consideração a possibilidade de intervenção divina e/ou espiritual no processo de adoecimento, tratamento e cura, mediado pela capacidade concedida a algumas pessoas para diagnosticar e curar os males do corpo e da alma (LEMOS, 2010, p. 5).

Como o corpo e os símbolos são sociais, os símbolos não podem existir em um indivíduo isolado, pois ele “requer uma convenção social que o homologue” (QUINTANA, 1999, p. 48).

---

<sup>20</sup> Qualquer um de nós pode se reportar à sua experiência pessoal e dizer que sabe o que é a dor, ainda que a busca de palavras para expressar esta sensação seja difícil. Muitas definições podem ser dadas, mas nunca abarcarão a dimensão do que é esta sensação, isto por a dor ser uma experiência subjetiva, privada e qualquer informação sobre ela há de provir apenas daquele que a sente. Às vezes pode-se deduzir pelo comportamento, postura e expressões faciais que o indivíduo está sentindo dor e por estas indicações até pode-se localizá-la, mas os demais aspectos a seu respeito só aquele que a sente pode informar. O fato de ser difícil descrevê-la faz com que recorramos constantemente a imagens e metáforas para representá-la, como, por exemplo: “facadas”, “pontadas” e “agulhadas” (FERREIRA, 1994, p. 104).

Assim, esse símbolo estará sempre interligado num grupo que lhe torne compreensível e incorporado num conjunto de sistema de crença. Talvez isso seja fator para que os portadores das práticas tradicionais de saúde em Amaturá sejam tão bem aceitos como benzedores ou benzedoras. Pessoas que desempenham tal cuidado e função, e, em conjunto com o enfermo, possam criar um motivo que explique a causa daquele mal, que até então demonstrava não possuir respostas lógicas. Por isso, talvez, em alguns casos a explicação da causa da enfermidade de uma pessoa não seja tão aceita caso não venha de um benzedor, médico, etc., reconhecido no contexto social.

Oliveira (1985), debate sobre o benzimento e assimila que a referida prática não se delimita apenas em como se alcançar a cura com base no manuseio de elementos e atributos mágico-religiosos, mas sim, que funciona como meio real de intervenção no processo histórico-social, mesmo que quem os pratica não seja sabedor disso. Onde, a partir do benzimento, a compreensão da doença como construção sociocultural permite discutir tais práticas terapêuticas, religiosas e demais como processos simbólicos desenvolvidos para transformar e restaurar o estado do doente, sem rotulá-las como “crenças” ou “superstições” (LANGDON, 2012). Assim,

O ritual nunca é apenas de duas pessoas: ele inclui o seu grupo social que, ao mesmo tempo que dá a *força* à benzedora para realizar seu trabalho, também obtém dela uma reafirmação, pois, a cada cura realizada, revalida-se a crença nesse procedimento terapêutico e, por sua vez, na *realidade* grupal (QUINTANA, 1999, p. 50).

Dessa forma, o conceito da saúde e da doença está ligado tanto ao enfermo quanto ao grupo social a qual ele está integrado, pois, indivíduo é enfermo com base nos pensamentos de sua sociedade e conforme os parâmetros que ela estabelece. Os benzedores e benzedoras capazes de trazer explicações válidas e façam sentido tanto para os grupos sociais quanto para se pensar as estratégias ou maneiras de combater determinado mal.

#### **2.4 - A figura do benzedor e do rezador**

Penso que as pessoas que realizam a cura não devam ser pensadas em determinadas denominações, sendo que classificá-las em determinado grupo ou excluí-las de outro pode soar como uma redução do quão enigmático é o universo relacionado às práticas de cura. Dessa maneira, o meu intuito não é colocar quem realiza as práticas de saúde a partir do saber tradicional em tipos ideais, mas sim trazer como eles são reconhecidos pela sociedade e de que forma eles se enxergam dentro desse universo mágico-religioso.

O *benzedor* e *rezador* são pessoas diferentes em Amaturá. O *rezador*, na comunidade, geralmente é a pessoa responsável por conduzir as rezas ou terços, seja nas igrejas, capelas, em

novenários e devoção a algum santo ou até mesmo nos terços em prol da saúde de um indivíduo. Já o *benzedor (a)* é o homem ou a mulher que, com intermédio divino, auxílio de plantas ou recursos naturais<sup>21</sup> e com rezas e orações, busca a melhoria e a cura, seja ela espiritual ou física, de determinando indivíduo.

O *rezador* realiza visitas (mesmo sem ser convidado) nas casas das pessoas enfermas para orar e pedir súplica aos céus sobre a saúde de quem necessita, acompanha os novenários. Realiza visita a doentes nos hospitais, participa de forma bem ativa e toma frente, com outros membros, nas atividades e festividades da igreja, sendo geralmente devoto de algum santo; suas ações são exclusivamente pautadas de cunhos religiosos, a partir de orações e rezas, comumente auxiliados por um terço, bíblia, folhetos ou livros religiosos.

O *benzedor* realiza boa parte das atividades que os rezadores. Os benzedores podem ou não frequentar uma religião. Eles geralmente participam das missas, cultos ou demais eventos religiosos e também realizam visitas a doentes. Entretanto, nessas visitas aos enfermos — que se dá unicamente mediante a sua solicitação — os benzedores vão munido de terço, vassourinha, pinhão-roxo, arruda ou demais elementos que possam se fazer necessários durante suas atividades de cura.

As rezas ou orações que usam, diferem daquelas do ritual católico no sentido que não constituem invocações ou meios de comunicar-se com a divindade, mas possuem em si próprias o poder de curar. A forma e conteúdo das rezas varia segundo o praticante e a situação específica para que são destinadas. Há rezas para ossos quebrados, para gripe, para dor de cabeça, para dor de dentes, etc. (GALVÃO, 1954, p. 122).

Ele benze o doente, faz súplicas pela recuperação de sua saúde e realiza intervenções a partir de chás, remédios caseiros, garrafadas, etc. Usando, além das rezas e orações, métodos de tratamentos provindos do xamanismo ou da aglutinação de saberes populares transmitidos de geração em geração.

Como apresentado, o *benzedor* e *rezador* possuem conceitos e funções diferentes na sociedade. Em pesquisas científicas (TRINDADE, 2011; PENAFORTE, 2021; DE MOURA, 2009; DE SOUZA, 2013; GOMES, 2009, etc.) os dois sempre são discutidos como sinônimos, ou então, o termo utilizado para se trabalhar os indivíduos que realizam atividades de cura a partir dos saberes tradicionais, é o de rezador e rezadeira — o que são, de fato, se pensarmos nas duas denominações (benzedor e rezador) conforme as expressões populares para aqueles que buscam o bem-estar do seu semelhante.

---

<sup>21</sup> Para compor o ritual de benzimento os benzedores, em sua realização, podem recorrer a vários elementos da natureza para lhes auxiliar, dentre eles: ramos verdes, água, folhas, raízes, cascas de árvores ou plantas medicinais, frutos, etc.

Em Amaturá, nota-se claramente que há distinção entre os dois termos, seja por parte da população ou, de forma enfática, por parte dos próprios benzedores, como no caso da benzedora Zenaide, quando a ela realizada a seguinte pergunta: “Se a senhora fosse se denominar com alguma palavra, qual seria? Uma benzedeira, rezadora, erveira?”.

*“Rezadora é quem reza e frequenta muito a igreja. Eu gosto de ser chamada por quem vem aqui como eu mesma, com o meu nome. Eu não me considero uma profissional ou algo do tipo pra ter um nome, eu apenas pego e rezo em quem aparece mesmo, mas mesmo assim o povo tem o costume de me chamar ou chamar quem faz esses trabalhos de benzedor”* (Entrevista realizada em julho de 2020).

Outro benzedor também deixa isso claro quando perguntado sobre a denominação que gostaria de ser chamado.

*Rapaz, eu me considero eu mesmo. Me considero pelo meu nome mesmo. Eu nunca me achei um rezador. Isso era os outros que me chamam assim. Meu pai era chamado de benzedor também, e as pessoas que faziam esse trabalho aqui em Amaturá também eram chamadas. Mas depois de um tempo o pessoal da igreja não gostava muito e dizia que rezador era quem vivia na igreja e rezava de verdade* (Milton, entrevista/2020).

Essa variação do termo se dá mediante a forma de interpretação sobre tais nomenclaturas pelo meio popular em determinadas localidades, como é o caso de Amaturá, onde rezador (a) ou benzedor (a) possuem para uma parte da população, mas para outra não (inclusive para os próprios benzedores). Então o benzedor ou benzedeira aqueles (as) que realizam as práticas tradicionais em saúde, com o auxílio de recursos naturais e intermédio sobrenatural. Tais saberes concedidos por Deus, como um dom, ou que lhes foi transmitido por alguém através dos ensinamentos que são repassados de geração para geração, tendo então uma categoria êmica.

Já a figura do ‘*rezador ou rezadora*’ pode ser conceituada como aquele ou aquela que participa de forma bastante significativa nas programações e festividades na religião. Eles exercem funções bem estabelecidas na igreja e realizam trabalhos e atos de solidariedade e interseção a Deus para com quem precise. Essas pessoas são também comumente chamadas, no município, de “católicos ou crentes praticantes de sua fé”.

Mesmo não se autodenominando como rezadores, os benzedores de Amaturá não demonstram se incomodar com tal termo quando usado por parte da população. De certa maneira, não ser nada taxativo negativamente para eles, diferentemente das denominações de curandeiros, macumbeiros, xamãs, charlatãs, que possuem uma interpretação negativa no município. “*Eu já sofri aqui em Amaturá. Eu fui chamado coisa que não presta. Diziam que eu era invocador de demônio, feiticeiro, xamã macumbeiro e que só queria o mal das pessoas*”

(Maria, entrevista/2020). Acreditamos que sejam negadas tais categorias pelos benzedores da cidade por conta todo o preconceito que envolvem tais termos ao longo da história, conforme será mencionado mais adiante.

As rezas ou orações que os benzedores usam, divergem daquelas utilizadas nos rituais da igreja católica por não possuírem invocações ou maneiras de realização de um diálogo com a divindade, mas sim por conterem nelas mesmas os dons de curar, que lhes foi repassado por Deus. A forma e conteúdo das rezas varia segundo o praticante e a situação específica para que são destinadas por cada um dos seus praticantes. Há rezas para ossos quebrados, para gripe, para dor de cabeça, quebranto, ezipla, para dor de dentes, etc. (GALVÃO, 1976).

Voltando às características que diferem o rezador e benzedor é quanto a sua iniciação e primeiras atividades dentro das suas práticas religiosas. O rezador (termo ligado às pessoas que fazem parte da igreja católicas em Amaturá) tem sua vida religiosa iniciada a partir do batismo, geralmente ainda quando criança. Sua vida religiosa vai sendo aprimorada gradualmente, conforme o passar dos anos e de sua evolução religiosa. Alguns começam suas primeiras atividades na religião ainda quando crianças, geralmente sendo coroinhas, participando de aulas de catequeses, tocando, cantando ou realizando apresentações em datas festivas da igreja. Pouco em poucos realizam novas atividades, como ler nas missas, participar de grupos religiosos, conduzir os terços e momentos de oração para uma vida religiosa mais profunda dentro de sua prática religiosa.

Outro termo percebido por parte da população de Amaturá é o termo “*orador*” como maneira de mencionar os benzedores que fazem parte da Igreja Assembleia de Deus ou de outras religiões neopentecostais, mas que realizam as atividades de cura mediante as práticas tradicionais de saúde. Essas pessoas, grande parte das vezes, são indivíduos que eram ligadas à igreja católica e passaram tiveram o processo de conversão religiosa durante a sua vida, como aconteceu com dois dos participantes da pesquisa (dona Raimunda e senhor Francisco F.). Apesar da conversão religiosa, as pessoas continuaram a realizar as atividades de benzimento tendo, em alguns casos, realizado adaptações próprias sobre a maneira de realizar suas benzeduras, como é o caso de dona Raimunda.

Quanto à aprendizagem do benzedor, Quintana (1999), informa que a formação a sua formação depende de uma aprendizagem assistemática, mas que, a rigor, podendo ser dividida em dois tipos: aquela que é resultado acontece a partir uma vivência sobrenatural (dom), e aquela que é consequência de um processo de aprendizagem com um mestre (geralmente algum membro familiar). O dom, ao qual se referem os benzedores geralmente se relaciona com algum fato que marcou a vida das pessoas, seja um sonho, uma experiência religiosa ou uma doença

em algum familiar que a futura benzedeira ou benzedor tenha conseguido curar a partir de uma experiência sobrenatural (Oliveira, 1985).

Esse dom, origem de sua aprendizagem e ao mesmo tempo validação de sua prática terapêutica, não pode se sustentar unicamente no reconhecimento da própria benzedeira; é necessário que a comunidade onde ela vive também veja nela alguém especial. De nada adiantaria essa história de vida se as pessoas de seu grupo, no qual vai se dar o início de suas atividades terapêuticas, fizessem outra leitura desses acontecimentos. É necessário que esta história encontre um interlocutor que reconheça o sinal que marca seu protagonista como alguém especial, aquele escolhido para realizar a intermediação com o sagrado (QUINTANA, 1999, p. 82).

Tanto para as atividades do benzedor (seja a partir de um dom ou práticas ensinadas) quanto para a atividade do rezador, não basta apenas que eles desempenhem seus papéis em sua comunidade, eles precisam primeiramente ser reconhecidos como tal pela sociedade a qual estão inseridos, para que consigam desempenhar suas atividades sem nenhuma insegurança. Entretanto, para não haver maiores questionamentos sobre a nomenclatura “correta”, no referido estudo as duas nomenclaturas (benzedor ou rezador) são utilizadas como forma que citar àqueles quem realizem as atividades tradicionais de benzimento, por meios dos saberes tradicionais (mesmo que o termo que mais aparecerá durante o texto será o de benzedor, benzedora, benzedeiro e benzedeira).

## **2.5. Os saberes e práticas tradicionais**

Os saberes ou conhecimentos tradicionais vive e está presente na sociedade ao longo dos séculos sem que se precise de uma validação metodológica científica determinada. Todavia, gozam de vigor perfeito para se manter e se estabelecer entre as populações que possuem identidade com (também) um processo de denominação própria. Edgar Morin (2010) ressalta que todo conhecimento é uma tradução a partir dos estímulos que recebemos do mundo exterior e, ao mesmo tempo, reconstrução mental, primeiramente sob a forma perceptiva e depois por palavras, ideias e teorias. A ideia de “tradicional” surge como invariavelmente referida a “repetição”, “costume” e à característica de ser “transmitido de “geração a geração” (FOUCAULT, 1972).

O saber e conhecimento do mundo atual não se limita apenas ao que nos informa a medicina erudita ou o que nos diz às explicações ocidocêntricas sobre o mundo natural, porquanto as populações têm desenvolvido importantes conjuntos de experiências e explicações mediante ao meio em que vive, de forma que faça sentido conforme a sua realidade, sendo um deles, os saberes e conhecimentos transmitidos de geração em geração mediante a oralidade ou adquiridos mediante a experiências sobrenaturais, como no caso do xamanismo, das religiões de matriz africana e demais concepções a partir do divino.



Talvez a ciência fixa seus conhecimentos sobre tais saberes de maneira imprecisa, em virtude de, recorrentemente lhes considerar como insumos para o avançar da ciência, ou como um apanhado de crenças voltadas às religiosidades ou ao mítico sem valor científico, e rejeitando o seu potencial inovador que possui. Acho importante ressaltar que ambos os conhecimentos (científico e tradicional) não serão vistos aqui como concorrentes ou como sendo um superior ao outro, mas como complementares, pois acreditamos que os saberes/conhecimentos possam caminhar de mãos dadas em busca das explicações sobre o mundo e as formas de interpretá-lo.

A diversificação cultural dos povos tradicionais da Amazônia é bem extensa. Conforme a região era explorada, seus costumes e tradições foram modificadas em ritmo acelerado. Sua população teve seus costumes alterados de forma devastadora durante todo o processo de evangelização - a cultura indígena viu boa parte da sua cultura, ritos e modo de viver, modificados pela igreja católica, que fazia suas missões na região numa figura do “braço” da Coroa, no Brasil Colônia e, posteriormente, como forma de domínio e expansão do estado nacional. Se deslocavam de outros países e regiões a fim de realizar a “evangelização” das populações, que também eram usadas para o auxílio dos seus trabalhos (OLIVEIRA, 2002).

Com o passar dos séculos, a exploração desordenada da rica biodiversidade motivada pelos ciclos econômicos impostos pelos lusitanos, e posteriormente pela elite do Império brasileiro, deixou consequências nocivas ao meio ambiente relacionadas a extinção de espécies nativas, desmatamentos, contaminações de ecossistemas, o que implicaria em novas e diversas formas de convivência da população local com a biodiversidade (CASTRO e FIGUEIREDO, 2018, p. 57)

Essa intervenção impactou de forma bastante acentuada a natureza e, também, nos modos de existir das populações locais, que sempre tiveram seus métodos e meios de interação com a flora e fauna. Muito antes da chegada da medicina erudita, os benzedores, pajés, rezadores, xamãs e demais detentores dos saberes tradicionais, desempenhavam as práticas de saúde. Eles eram/são procurados em suas comunidades e povoados para a execução de cuidados com as pessoas enfermas. Eram/são eles os médicos da floresta, os responsáveis em realizar os cuidados em saúde de sua população, com os saberes que possuem e que lhes foram transmitidos por seus antepassados (DE SOUZA, 2013).

Os povos indígenas elaboram seus conhecimentos tradicionais xamânicos e as práticas terapêuticas a partir das memórias, experiências e narrativas orais que são os responsáveis pela transmissão de tais conhecimentos e consequentemente pelo processo de elaboração das práticas vigentes (DE LIMA, 2018, p. 47).

Mas o que seriam os saberes tradicionais? Lima (2018) nos fala que os indivíduos elaboram os seus saberes tradicionais e as práticas terapêuticas a partir de lembranças, memórias, experiências e narrativas orais, que são os responsáveis pelo repasse de tais

conhecimentos e, conseqüentemente, pelo processo de elaboração das práticas vigentes. Entretanto, o saber tradicional deve ser olhado como algo com rotatividade, algo passível de interpretações e reinterpretações pelas novas gerações as quais estão sendo repassadas. Trata-se de maneiras diversas de perceber no âmbito local, de representar e de agir sobre o território, concepções que subjazem às relações sociais. (Castro, 2000)

Diegues e Arruda (2001), também debatem sobre os saberes tradicionais, os quais, segundo os mesmos, tratam-se de conhecimentos armazenados por populações tradicionais sobre as fases ou ciclos da natureza, da fauna, a persuasão da lua e sol nas atividades de serragem da madeira, nas atividades de pesca, sobre o melhor período para o plantio e melhor forma de gerir os recursos naturais e como melhor conservá-los. Esses saberes podem relacionar-se com os mais variados seguimentos, entre eles o religioso. Os saberes tradicionais transmitidos pelos mais velhos para os mais novos, nos relatado a partir da história de vida, são de fácil percepção nas falas de nossos interlocutores desde o início das conversas, conforme nos comunica um deles. *“Desde pequeno eu fazia canoa com meu pai. Ele me ensinava qual era a árvore certa, como derrubar do jeito certo e como fazer a canoa depois. E com os meus doze ou treze anos eu já comecei a fazer as minhas próprias canoas pra poder ir pescar* (FRANCISCO F., entrevista/2020).

O pai, desde pequeno foi lhe transferindo os seus saberes adquiridos dos seus antepassados, para que o filho, assim como ele, tivesse conhecimento sobre como viver e sobreviver a partir dos recursos naturais que lhe rodeava. Além do preparo da canoa, seu pai lhe transmitiu demais saberes, como a forma de pescar e plantar, sem que prejudicasse a natureza.

*Na pesca meu pai também que me ensinou. Quando ele não ia pescar ele me levava junto desde pequenininho. Com uns onze anos eu já comecei a pescar sozinho, mas bem antes disso eu já tava pescando com meu pai.... A gente pescava na seca ou cheia do rio. Lá onde a gente vivia tinha muita árvore de caxinguba<sup>22</sup> (Ficus Schultesii), que ele dizia que era uma fruta que o tambaqui gostava. Então a gente ficava debaixo da árvore esperando o peixe vir comer. Aí quando caía a fruta da árvore a gente via aqueles tambaquis vindo comer e então a gente arpoava dois ou três e ia embora. Naquele tempo não tinha malhadeira, a gente só pescava de espinhel, arpão, flecha, caniço e gaponga<sup>23</sup>. A gente matava só uns dois ou três tambaquis e vinha embora.*

---

<sup>22</sup> O seu nome vem do tupi guarani e significa "Árvore que dá xarope ou seiva medicinal contra verme". Esta espécie tem vasta distribuição na América do Sul. No Brasil aparece em diversas formações florestais de norte a sul do país.

<sup>23</sup> Técnica de pescar, de origem indígena, que usa bater repetidas vezes na água uma pequena esfera feita de costela de peixe-boi, presa à uma linha, amarrada do caniço, provocando o ruído de um pequeno fruto a cair na água, atraindo assim o peixe.

*Eles eram grandes e a gente salmourava<sup>24</sup> pra comer durante uns cinco ou seis dias. Aí só quando acabava que a gente ia embora de novo pescar mais.*

*Na roça eu aprendi a capinar, arrancar mandioca, descascar a mandioca, ceivar ela e também ia tirar lenha pra fazer o fogo. Eu partia a lenha também. A lenha a gente tirava daquelas árvores que a gente derrubava pra fazer a roça. A gente aproveitava essa lenha pra não ter que derrubar outras árvores sem necessidade. Naquele tempo não tinha motosserra era tudo derrubado no machado ou terçado. (FRANCISCO F., entrevista/2020).*

Brown, K e Brown, G. (1992) falam que um dos efeitos na interação entre os detentores dos saberes tradicionais e o seu modo de viver e interagir com a natureza é a mínima degradação ao meio ambiente, por isso, tais conhecimentos também tem papel fundamental na conservação da biodiversidade da floresta e na manutenção de toda a sua riqueza natural.

Entre as falas dos benzedores de Amaturá, o termo tradicional está relacionado a coisa ‘das velharadas’, ‘coisa dos antigos’, ‘do tempo dos meus avós’, sendo assim, é algo que perpassa, no mínimo, por três gerações. Além disso, essa maneira de fazer ‘dos mais velhos’ distingue das demais maneiras que algo é realizado, pois transmite maior autoridade ao saber/fazer das coisas.

É tradição ou costume<sup>25</sup>, em Amaturá, ver grupos de pessoas reunidas em rodas de conversas, seja na orla do município, nas praças, nas esquinas ou nas casas dos seus familiares. É através das conversas, onde reúnem-se várias gerações, que há a troca de informações, de maneira simples, cotidiana, sem maior formalidade ou sistematização, transpondo, dessa maneira, os saberes tradicionais de uma geração para a outra.

De Lima (2018, p, 45) fala que “ao compreendemos a tradição como algo construído socialmente a partir da experiência específica de cada geração, podemos chegar a compreender as dinâmicas das práticas tradicionais de cura e como elas são transmitidas”. Assim como acontece com os demais saberes da vida cotidiana de uma população, os saberes tradicionais relacionados ao modo de saber fazer saúde em Amaturá não poderia ser diferente. Os saberes relacionados ao âmbito da saúde também se davam de igual forma em Amaturá. Antes mesmo de o município ser uma vila tais saberes já estavam inseridos e sendo transmitido entre as gerações. E é graças a essa transmissão dos saberes que os habitantes locais podiam/podem intervir no surgimento de quaisquer enfermidades.

---

<sup>24</sup> Salmorar é uma técnica usada para conservação (à base de sal) de alimentos, como carnes, peixes e conservas em geral.

<sup>25</sup> A palavra é muito mais usada em Amaturá que o termo ‘tradição’ ou ‘tradicional’

*Naquele tempo aqui em Amaturá não tinha nada. Não tinha comércio, não tinha energia, não tinha farmácia pra comprar remédios. A gente curava as doenças graças aos remédios caseiros e os ensinamentos que as velharadas sabiam fazer e ensinavam. Por exemplo, o sarampo eu peguei quando estava com uns doze anos mais ou menos. A minha pele começou a descascar todinha que eu não podia nem deitar. Naquele tempo não tinha cama, então a gente só dormia no piso de paxiuba<sup>26</sup>(*Socritea exorrhiza*), com um lençol estendido. Mas com o sarampo não dava pra deitar assim - se fosse deitar a criança no pano iria grudar o pano no corpo dela e depois pra sair era muito ruim porque grudava tudo - então a minha avó e meu pai me deitaram numa folha de bananeira, porque assim não ia grudar quando eu fosse se levantar (FRANCISCO, entrevista/2020).*

Informações similares são trazidas por outra benzedora de Amaturá.

*Quando viemos pra cá não tinha comércio, não tinha hospital, não tinha nada. Era só mato e as família vivendo aqui, uma longe da outra. Naquele tempo não tinha moto, não tinha carro, nem motor “rabeta”. Era tudo só à remo. Não tinha nada médico, não tinha enfermeiro também. Não tinha a quem recorrer, falando em hospital ou médico. Os médicos que tinham, que nos cuidavam era os benzedores e rezadores que sabiam cuidar de tudo, eles tinham o conhecimento da mata que um ensinava o outro. Eram eles quem nos ajudavam quando a gente precisava. Eles ensinavam remédios com coisas do mato e planta, ensinavam a fazer banhos, rezavam na gente, e tudo mais. E com fé em Deus e na sabedoria deles a gente ia ficando bom (Zenaide, entrevista/2020).*

Graças às plantas medicinais e aos saberes tradicionais, os habitantes da comunidade de Amaturá ou das demais comunidades rurais - que viviam nas redondezas do município - continham os seus modos tradicionais de cuidados em saúde para combater e curar as enfermidades lhes atormentavam, trocando conhecimentos e práticas sobre os saberes que continham de cuidados em saúde.

Há tempos o homem recorre a natureza em busca do alívio de suas dores do corpo e da alma, em especial as plantas. Grande parte desse conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas foi sendo construído de forma empírica. A observação da natureza, do comportamento dos animais que usam as plantas, assim como de plantas que estabelecem comunicações com divindades e espíritos, utilizadas principalmente pelos líderes religiosos de uma comunidade, também foram (e são) importantes nesse processo de acumulação do conhecimento. (SANTOS e QUINTEIRO, 2018, p. 75).

Para Vargas (2016), os modos tradicionais em cuidado com saúde são:

Aqueles praticados aqui e cultivados pelos povos e comunidades tradicionais em nosso país, o Brasil. Subsumem-se estes modos tradicionais de cuidado com a saúde como “culturalmente diferenciados”, portanto, em relação às práticas e princípios que orientam a Medicina, a Enfermagem, a Farmácia e a Biomedicina acadêmicas

---

<sup>26</sup> A árvore é conhecida como “árvore que anda”, por ser uma árvore que não toca no solo, sendo então suas raízes formadas por “caules”, que com o passar do tempo, são substituídas por novas, o que possibilita o seu movimento, que pode chegar em até 20 metros percorridos por ela em um ano. Por possuir madeira muito resistente, a árvore era usada, em formato de ripas, para a confecção dos pisos das casas do município de Amaturá.

contemporâneas. São culturalmente diferenciados, enfim, em relação à nossa cultura acadêmica medicocêntrica, hospitalocêntrica e eurocêntrica; ao modo como adquirimos, construímos e administramos conhecimentos, e dispensamos cuidado à saúde nas sociedades ocidentais contemporâneas. (VARGA, 2016, p. 139-140).

Os detentores de saberes tradicionais em saúde podem ser tidos dentro de uma sociedade como uma classe que abrange diversos atores sociais e suas atividades no interior do seu grupo social. Essas pessoas, que são especialistas, possuem atividades específicas dentro da lógica social do seu grupo e da especialidade ao qual atende.

No universo de cada grupo social, os especialistas têm papel específico a desempenhar frente ao tratamento de determinada doença, e os pacientes têm certas expectativas sobre como tal papel será desempenhado, quais doenças o especialista pode curar, assim como uma ideia geral acerca dos métodos terapêuticos que serão empregados. (LANGDON e WILK, 2010, p.179)

De Lima (2018) ainda ressalta que o termo tradicional se refere ao sentido da lógica local de classificação, no qual a tradição é concebida como tudo aquilo que os mais velhos sabem e aprenderam através de outros mais velhos, que também se transmite por meio de gerações”. Em Amaturá, o termo “tradicional” também ganha essa mesma definição, pois é notório nas falas da população, em conversas informais, ou até mesmo em diálogos com os benzedores, a fala de que os saberes tradicionais lhes foram repassados por seus pais, mães, tios ou avós, de forma espontânea ou a partir da observação e do desejo do novo praticante em aprender, logo a tradição é colocada como algo não rígido, e sim como uma forma cultural que vai variando e sendo passada adiante conforme o desejo do aprender (DE LIMA, 2018).

O tradicional tende a ser algo transmitido através de ensinamentos de forma não apenas verbal, mas também de forma prática, a partir da vivência daquilo, para que tais saberes possam ser repassados, ganhando novos elementos ou formas de se pensar a partir das experiências que cada novo benzedor tenha no decorrer de sua missão, e mesmo para aqueles que tiveram o início de suas práticas a partir de experiências mágico-religiosas o tradicional serviu como auxiliador para a lapidação e estruturação das duas formas de saber-fazer as suas práticas.

Ao pensarmos o tradicional como uma coisa que é construída em coletividade, e a partir das vivências das gerações, talvez consigamos melhor entender o dinamismo que há sobre os saberes tradicionais de saúde na atualidade. Dinamismo esse varia e também depende da maneira que cada população compreende o processo de saúde e doença, o que, no caso dos benzedores de Amaturá, não é diferente, sendo esse debate discutido conforme o desenrolar do tema pesquisado.

### 3 - RECORDAÇÕES, FÉ E TRAJETÓRIA DE VIDA

*As rezadeiras usam  
Águas da chuva e do rio  
Curam as dores do corpo  
Cisco no olho, espinhela caída*

*As benzedadeiras vão  
Com fé na oração  
Curando nossas feridas  
Como obaluaê.*

*As rezadeiras quebram  
Quebranto, mal olhado  
Males que vem dos ares  
Nervos torcidos, ventres virados*

*As benzedadeiras são  
As estrelas das manhãs  
As nossas anciãs  
Naná buruguêis.*

*Afastam a inveja  
E o mal olhado  
Com suas forças  
Com suas crenças  
Com suas mentes sãs.*

*As rezadeiras são  
As nossas guardiãs  
Por dias, noites, manhãs  
Naná.*

*Esta canção é uma oração  
Para as benzedadeiras  
Do coração mando este som  
Para as rezadeiras*

*As rezadeiras são  
As nossas guardiãs  
Por dias, noites, manhãs  
Naná.*

*Benzedadeiras Guardiãs - Martinho da Vila*

### 3.1. Os benzedores de Amaturá.

Antes de iniciar a falar dos nossos interlocutores e contar um pouco da história de cada um, se faz necessário pontuar a felicidade que cada um demonstrava possuir ao saber sobre tal estudo no município e em saber que, de certa forma, não me viam apenas como um pesquisador querendo conhecer as práticas que ali acontecem para apresentá-las ao meio acadêmico, mas sim como alguém que, no pensar dos mesmos, estava dando a eles um pouco de reconhecimento, que nunca haviam sentido por parte de nenhuma instituição ou pelos representantes municipais.

Traçar um pouco da história e vivência dos participantes da pesquisa, acredito eu, ser de grande relevância, para que se tenha uma melhor compreensão sobre cada um (a) que, por décadas, desempenham suas atividades de benzimento, mesmo com todas as dificuldades e adversidades que a vida lhes apresentou.

**Tabela 1:** Perfil dos participantes da pesquisa

Nome	Idade	Escolaridade	Naturalidade	Religião	Profissão	Raça/Cor
Maria	83	2º ano do Fundamental	Vila de Amaturá	Católica	Agricultora/ Aposentada	Negra
Francisco F.	65	1º ano do Fundamental	Comunidade indígena do paranã de São Cristóvão (Z.R <sup>27</sup> de Amaturá)	Evangélico	Agricultor/ Aposentado	Indígena
Francisco B.	76	2º ano do Fundamental	Município de Fonte Boa	Ordem da Cruzada Apostólica Evangélica	Agricultor/ Aposentado	Pardo

---

<sup>27</sup> Zona Rural.

Zenaide	90	Analfabeta	Comunidade da Carolina (Z.R de Amaturá)	Católica	Agricultora/ Aposentada	Parda
Milton	81	Analfabeto	Comunidade do Jacurapá (Z.R de São Paulo de Olivença)	Católico	Aposentado	Pardo
Raimunda	76	1º ano do Fundamental	Comunidade do Caturιά (Z.R de Amaturá)	Evangélica	Agricultora/ Aposentada	Negra

**Fonte:** Elaborada pelo Autor.

Ao longo da escrita discutiremos (entre outros assuntos) as ervas usadas nos benzimentos, as doenças por eles tratadas e como se deram suas iniciações. Além disso, buscar-se-á verificar a forma como cada um enxerga a sua vivência nesse mundo mágico-religioso, que por décadas resiste no município de Amaturá e vem atravessando gerações. Tentarei ser o mais fidedigno possível quanto a não deixar passar nada de importante nos escritos, mesmo sabendo que algo pode acabar sendo não comentado aqui - não pelo fato de o desconsiderarmos, mas sim por haver muitas questões e informações que também julgamos importantes e essenciais para pesquisa.

Nesse primeiro momento será feito uma pequena apresentação sobre cada um dos seis participantes (3 homens e 3 mulheres) do estudo, contanto de forma sucinta sobre cada um (a) nesse primeiro momento, pois ao decorrer das seções irá sendo comentado um pouco mais sobre os mesmos. Será discutido, ainda nesta seção, o processo de iniciação dos benzedores dentro das atividades de benzeduras.

Para o estudo, o número de participantes seria superior a 6 indivíduos, onde tais indicações e escolhas foram realizadas a partir do meio popular. Entretanto os demais agentes



que poderiam compor a pesquisa passaram por sérios problemas de saúde, relacionados à Covid-19, deixando-os impossibilitados de uma possível inclusão na pesquisa. A escolha e reconhecimento dos mesmos quanto benzedores e benzedoras, inicialmente, nas práticas de benção, não se dá exclusivamente por parte do pesquisador, mas sim (também) por parte daqueles que os reconhecem como tal utilizam seus serviços, pois segundo Quintana (1999), é a população que reconhece e legitima o benzedor e a eficácia de suas benzeduras.

### 3.1.1 Dona<sup>28</sup> Maria

Iremos iniciar apresentando os benzedores a partir da primeira pessoa que tivemos contato em nossa pesquisa de campo. Ela se chama Maria R. F<sup>29</sup>, 83 anos, viúva, mãe de 6 filhos (4 homens e 1 mulher), sendo um deles falecido. Ela mora em sua casa de seis cômodos, juntamente com um neto seu de 22 anos. A sua residência fica situada na Rua Acuruí (onde mora desde que era criança), ao lado de uma Igreja Evangélica Assembleia de Deus, localizado no Bairro Centro. A casa possui na frente uma varanda, que é usada por um de seus filhos que trabalha com pintura e artesanato. E é nessa varanda, juntamente com as atividades de seu filho, que a benzedora atende a quem lhe procura.

Por ser nascida no município e ter morado durante toda sua vida em Amaturá, além de ser uma das pessoas com mais anos de experiência dentro das práticas de benzimento, não houve dificuldades no acesso à benzedora Maria, que desempenha as atividades de benzimento por mais de 60 anos no município.

Quando chego em sua casa pela primeira vez a deparo sentada em uma cadeira com a bíblia sobre as mãos. Próximo, e postos sobre uma mesa, na varanda de sua casa, também estão várias cartilhas religiosas, cadernos de orações, e alguns folhetos de cânticos de louvor que estava por ler. Sem que ainda me conhecesse pega imediatamente uma cadeira branca, de plástico e me convida a sentar, enquanto me conta um pouco sobre o que fazia com aqueles materiais, que estavam sendo organizados por ela em uma de suas pastas.

Confesso ter pensado de início que em sua casa, ou na casa de qualquer outro benzedor, encontraria uma pequena loja com plantas embaladas e garrafadas a serem vendidas, da mesma forma que acontece nos mercados municipais das cidades. Entretanto, o que encontrei foram

---

<sup>28</sup> No município de Amaturá antes dos nomes das mulheres usa-se o termo “dona” e antes dos nomes masculinos o termo “senhor”.

<sup>29</sup> Com o respeito em manter a privacidade dos participantes do estudo, e, conforme o TCLE, assinado pelos interlocutores, buscaremos preservar a identidade de cada um dos participantes, sendo então os mesmos citados apenas por seu primeiro nome, e, nos momentos necessários, apenas as iniciais de seus sobrenomes serão divulgadas.

casas de alvenaria e madeira, algumas mais simples que outras, mas não menos acolhedoras ou receptivas.

No caso da casa de dona Maria - carinhosamente conhecida na cidade como “dona Marixita” -, o que encontro é uma casa simples, de alvenaria, que tem a maior parte do terreno dedicada ao cultivo de ervas e plantas para a realização dos remédios e garrafadas que faz para os clientes<sup>30</sup>. A casa não possui muros e o seu quintal é cercado por estacas de madeira. Por ser aberta a varanda, não possui porta e pode ser acessada por qualquer pessoa, sem empecilho algum. Ao adentrar em sua residência, nota-se que na sala possui algumas cadeiras de madeira, com um quadro de Jesus pendurado na parede.

Continuando o caminho pela residência há três quartos, dois à direita e um a esquerda. O seu quarto é um dos que estão situados à direita. A cozinha é o que seria a sala da casa. É nela que se encontra a televisão e onde recebe as suas visitas para as conversas de fim de tarde. Na cozinha também há uma mesa retangular de madeira, com dois bancos compridos de tábua, além de uma rede atada, o fogão a gás, geladeira, o banheiro. Ao centro está a porta que dá acesso ao quintal, onde cultivava os mais variados tipos de ervas, plantas, raízes e frutas, que servem para a realização dos remédios, fornecidos por ela a seus clientes.

Próximo à casa de dona Maria há uma Igreja Assembleia de Deus. Questiono se não há ou houve algum tipo de desentendimento ou constrangimento a ela e às suas práticas, mediante a presença da igreja, onde ela comenta:

*Não, jamais eles me desrespeitaram ou eu os desrespeitei. Sempre vem evangélico aqui pra eu cuidar também. O pastor é meu vizinho, e eu adoro ele, e ele gosta muito de mim. Eu acho que ele não tem nada contra e nem acha errado o que eu faço, pois na igreja dele também tem gente que benze, e que nunca pararam de benzer por conta de igreja. Ele nunca disse nada porque ele sabe que o que fazemos é missão de Deus. Assim como ele tem a missão dele, a gente tem a nossa Maria, entrevista/2020).*

É aposentada como agricultora. Juntamente com sua família, sempre viveu da agricultura familiar e da pesca e caça de seu falecido esposo. Na sua roça, situada na ilha em frente à cidade, plantava macaxeira, mandioca, abacaxi, feijão, melancia, mamão, e tudo que pudesse ser consumido por ela e sua família, ou que desse para ser trocado e vendido para que tirasse dali o sustento da sua família. Hoje, ainda em atividade da agricultura, o pouco que planta é exclusivamente para o seu consumo.

---

<sup>30</sup> Durante a pesquisa será usado os termos “clientes”, “pacientes” e “benzidos” para se referir às pessoas que procuram os serviços dos benzedores em Amaturá.

**Fotografia 10:** Residência da benzedeira Maria



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

**Fotografia 11:** Residência da benzedeira Maria (à direita da fotografia) e a igreja Assembleia de Deus, à esquerda.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

Católica, participa das missas todos os domingos na igreja matriz, próxima a sua casa. Se envolve bastante no meio religioso a qual pertence. É membra do grupo apostolado da oração<sup>31</sup>, pastoral da caridade, pastoral da liturgia e do grupo sagrado coração de Jesus, o qual é coordenadora. Sempre que lhe convidam, realiza leituras na igreja, canta em algumas cerimônias religiosas, dá entrevistas na rádio (que pertence à igreja católica) do município e

---

<sup>31</sup> O Apostolado da Oração é um grupo católico de pessoas leigas que se comprometem a exercer sua religiosidade na igreja e na evangelização das famílias com especial devoção ao Sagrado Coração de Jesus. O sentido do apostolado é a doação a Deus, pelo conhecimento da palavra, pela oração, pelo oferecimento diário e pela fidelidade à igreja.

está sempre presente nas procissões e festividades do calendário anual da igreja católica, em especial o novenário em honra a Nossa Senhora do Carmo, à qual é devota.

Além de benzedeira, dona Maria também desempenhou atividades como parteira por muitos anos em Amaturá.

*Eu trabalhei por mais de 30 anos como parteira aqui no município e nunca as minhas pacientes morreram ou os seus filhos. E elas tinham seus filhos de forma ligeira porque eu sempre rezei para a Nossa Senhora do Bom Parto. E eu aprendi sempre assim do nada. Se era pra costurar eu via a minha madrinha talhando e eu quando chegava em casa vinha e talhava.eu fazia tudo. Até no antigo SESP que tinha aqui eu ainda partejei com a enfermeira da época. (Entrevista realizada em 2020).*

Ela realiza as benzeduras - que surgiu na sua vida como um dom -, à luz do dia, na varanda de sua casa, diante de todos que estão a passar pela rua, sem ter nenhum tipo de receio em realizá-las. Pelo contrário, ela demonstra ter muito orgulho e alegria em desempenhar tal atividade e em ajudar quem precise. Para toda enfermidade que cure tem em sua casa as ervas e plantas certas, além de possuir vastos recursos terapêuticos.

*Eu sei fazer parto, rezo pra quebranto, espanto, mal olhado. Eu rezo pra esipla, rezo pra vermelho, vento caído. Rezo pra cobreiro, pra tosse de guariba, desmentidura, rasgadura, faço garrafada, faço xarope, faço chás, pomadas e remédios. Gripe aqui só tem quando a gente não toma remédio. Tudo isso eu faço. E eu já fiz muita coisa pra ajudar essa gente (Entrevista realizada em 2020).*

### 3.1.2 Senhor Francisco

Conheci o benzedor/ xamã<sup>32</sup> Francisco através de muitas indicações e comentários entre os habitantes de Amaturá a respeito de seus saberes. Espantava-me ser muito rotineiro ouvir falar sobre ele e sobre suas atividades xamânicas, que desempenha com muito prazer e entusiasmo.

Popularmente conhecido como “Chico Temperado”, de 65 anos de idade, é separado, agricultor e pescador aposentado, indígena da etnia ticuna e é pai de 5 filhos. Foi batizado na igreja católica do município de São Paulo Olivença, quando criança, e posteriormente se converteu à igreja evangélica Assembleia de Deus - igreja que frequenta há 25 anos- após problemas de saúde, os quais foi curado por intermédio da oração de familiares evangélicos. A sua forma de participação na igreja é indo aos cultos nos dias de domingo, à noite.

Ele vem de uma família de 13 irmãos (entre homens e mulheres), 3 desses já falecidos. Nascido no paranã<sup>33</sup> de São Cristóvão - onde hoje situa-se a comunidade de Seilão (zona rural

<sup>32</sup> A palavra xamã vem da língua siberiana tungue, e indica o mediador entre o mundo humano e o mundo dos espíritos (LANGDON, 1996, p. 12).

<sup>33</sup> Paranã é o nome designado popularmente a um pequeno braço de rio.

de Amaturá), de onde mudou, em conjunto com os demais moradores para onde é hoje a comunidade indígena de Nova Itália<sup>34</sup>.

*Depois eu conheci uma mulher, casei com ela, tivemos filhos e como a gente tinha que trazer eles pra estudarem, então viemos pra cá pra Amaturá. Teve um parente nosso que estava se mudando pra Manaus e queria que alguém da família fosse morar na casa dele pra cuidar lá. Aí eu disse que podia ficar lá porque eu queria matricular meus filhos aqui para estudarem. Eu não precisava pagar aluguel, eu só pagava água e luz lá. E assim que eu cheguei aqui e passei a viver aqui em Amaturá. Foi aí que o senhor Luiz Pereira se candidatou, ganhou, e no primeiro mandato dele ele mandou reunir o pessoal que ele iria dar terreno para as pessoas morarem. Aí eu fui lá, dei meu nome e ganhei esse terreno aqui onde estamos (Entrevista realizada em julho de 2020).*

É nessa localidade, na rua Amazonino Mendes, bairro Centro, que seu Francisco F. vive há cerca de 40 anos. Mora juntamente com um de seus filhos, sua nora, três netos (uma mulher e dois homens), a esposa de um de seus netos e uma bisneta. Nessa casa ele divide a vida de pai de família e os seus afazeres do dia a dia com suas atividades de cura. A sua casa, assim como a de dona Maria, possui uma varanda na frente, lugar onde ele atende seus clientes. Ele divide este espaço com um de seus netos que trabalha como barbeiro.

---

<sup>34</sup> A comunidade de Nova Itália é uma comunidade indígena, da etnia Ticuna, com mais de dois mil habitantes. Ela nasceu após uma cheia histórica, em meados da década de 70. Com a cheia do Rio Solimões além do esperado, houve o alagamento das casas de toda a população indígena residente no paranã de São Cristóvão. Com isso, Frei Benigno, de origem italiana e então pároco e responsável da igreja católica em Amaturá, convidou toda a população a se mudar para uma área de terra firme, que fica localizada no igarapé Acuruí, zona rural de Amaturá e distante da mesma há cerca de 15 minutos em linha fluvial. Como forma de agradecimento ao suporte dado pelo pároco, os comunitários decidiram homenageá-lo denominando a nova morada de “Nova Itália”.

**Fotografia 12:** Residência do benzedor Francisco F.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

A fotografia acima mostra a varanda da casa do benzedor. Nela, no pequeno banco de madeira, à esquerda da fotografia, é o local onde um de seus netos, com 21 anos de idade, realiza as suas atividades como barbeiro. E ao lado direito da varanda, possui três bancos azuis de plástico. É neste local que o senhor Francisco recebe as pessoas que estão à sua procura, que fazem fila à espera de seus atendimentos.

Em sua casa ele não possui um jardim com suas ervas ou plantas, igual ao de dona Maria. Ele prefere deixar a responsabilidade de colher as ervas e plantas, que serão utilizadas para a confecção dos remédios, para as pessoas que lhe procuram. A única planta que ele cultiva na sua casa é o pinhão roxo, por ser a rama utilizada por ele durante os seus rituais de cura.

*Eu uso a vassourinha também, mas eu uso mais o pinhão roxo porque além de ajudar no benzimento ele também espanta o mal das pessoas. Tu não percebe que as pessoas gostam de sempre plantar ele na frente da sua casa? É por isso, porque tem uma crença de que ele ajuda a espantar o mal que possa estar rondando aquela casa ou aquela família (Entrevista realizada em julho de 2020).*

Algo que me deixou intrigado. Percebi que, mesmo demonstrando claramente suas práticas xamânicas, o senhor Francisco sempre usa o termo “benzer”, “benzimento”, “benzedura”. Penso que, talvez, seria uma forma de evitar possíveis preconceitos da população de Amaturá com as práticas xamânicas ou de tais práticas ritualísticas serem confundidas, pela população ou pelos membros da igreja que faz parte, como “coisas que não são de Deus”, pois é sabido que situações semelhantes já ocorreram em períodos passados com pessoas que não se encontram mais no município ou que já faleceram. Com a chegada dos missionários nas regiões

onde situavam-se as populações indígenas “muitos xamãs tiveram que se esconder e aceitar a proibição de não praticar pajelança” (ATHIAS,1998, p. 240).

Independente do motivo, com as intensas procuras e admiração das pessoas ao senhor Francisco, ficou nítido o respeito e o reconhecimento que as pessoas têm a ele e com as atividades de cura que desempenha na cidade. Lévi-Strauss (1975) fala que não basta apenas a experiência do xamã, ele tem que ser aceito como tal pela sociedade; tem que ser visto como aquele capaz de curar todo mal. E, claramente, há a aceitação dos habitantes para com ele.

O senhor Francisco cura diversas enfermidades e afasta diversos espíritos, o que lhe faz ser muito procurado no município - seja por moradores da zona rural ou zona urbana de Amaturá - quando aparecidas as enfermidades.

*Eu benzo pra mau-olhado, pra quebranto, pra espanto, ezipra, faço banho, faço defumação na pessoa para espantar as coisas ruins do corpo, rezo pra cobreiro, espinhela caída, vermelha, fogo selvagem, doença do ar, vômito diarreia, falta de ar. Eu também sovo, quando tem inchaço na pessoa, e também coloco os ossos no lugar quando alguém sofre alguma queda e desmente o dedo, o braço, o joelho, o pé (Entrevista realizada em julho de 2020).*

### **3.1.3 Senhor Francisco B**

O benzedor Francisco B., 76 anos, viúvo, pai de 3 mulheres e 1 homem, é nascido na cidade de Fonte Boa, interior do estado do Amazonas. É um homem magro, de estatura baixa, com voz leve e está sempre com um sorriso no rosto. É sempre muito receptivo, atencioso e de um olhar profundo e sincero. Recebe de braços abertos a todos que o procuram, seja qual for a necessidade.

O benzedor foi um dos mais indicados durante a sondagem dos interlocutores para o estudo. Era muito comum ouvir falarem “vai lá com o seu Francisco B., que ele benze muito e benze pra tudo”, “tu já foi lá no pai da professora que mora ali na outra rua? Ele é um dos melhores da cidade”.

Sua casa fica localizada na rua Frei Reinaldo, bairro Centro, onde vive juntamente com uma de suas filhas e 3 netos. A casa é dividida de duas formas: a parte da frente, onde fica a sala e um quarto - nessa parte, a base da casa é feita de alvenaria, e a parte superior de madeira - e a parte de trás da casa, onde fica o seu local de benzimento, três quartos, a cozinha e o banheiro - essa outra parte da casa é toda de madeira.

Ele veio de uma infância e juventude humilde, saindo da sua cidade natal - em conjunto com os pais e irmãos. Entretanto resolveram ficar em Amaturá, para passar um tempo. Desde

então, o senhor Francisco casou, teve filhos e fixou raízes na cidade, onde passou a viver da agricultura que, por décadas, foi sua fonte de subsistência.

No quintal ele diz não cultivar plantas para a realização de remédios e garrafadas, por ter fácil acesso aos materiais caso necessite. Ele não diz bem onde seria esse lugar, nem pediu mais detalhes, por ter inicialmente feito contato com uma de suas filhas, que é professora da rede estadual de ensino básico, e vive há cerca de 50 metros da casa do benzedor. Nessa visita, à casa de sua filha, pude perceber que ela possuía um jardim com as mais variadas espécies de plantas e ervas.

**Fotografia 13:** Residência do benzedor Francisco B.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

O benzedor Francisco, ao longo de sua vida, foi batizado três vezes. Os batismos aconteceram em duas religiões, um na Ordem da Santa Cruz (quando adulto) - religião fundada por irmão José e que se faz presente na região do Alto Solimões desde o início dos anos 70 -, e duas vezes na igreja católica - uma quando criança, no município de Fonte Boa, e outra quando tinha 16 anos, na então vila de Amaturá. Para entendermos melhor o que motivou o batismo duplo preferimos deixar na íntegra o que ele mesmo nos contou.

*Eu nasci e fui batizado no município de Fonte Boa. Nós viemos de lá no ano de 1950. Eu vim de lá com meu pai. Deus precisou dele e ele veio pra cá, me trazendo e trazendo meus irmãos e minha mãe. O meu pai é do município de São Paulo de Olivença, agora a minha mãe é paraense. Então meu pai saiu de São Paulo de Olivença e foi pra Fonte Boa com um negócio de pesca. Lá pra banda do Juruá, Ati' Paranã, eles baixaram lá pra Fonte Boa, e pra lá ficaram.*

*Eu fui batizado em Fonte Boa, com 15 anos eu vim de lá... quando nós pensamos em vir de lá para cá o pessoal falou assim: "olha, vocês vão pra lá pra esse fim do Amazonas? Pra lá só tem índio. Lá eles só falam um tipo de conversa que ninguém*



*entende”. Aí meu pai disse que ele ia pra São Paulo de Olivença, que ele era de lá e que esses índios que eles estavam falando ele não ia mexer e nem fazer mal.*

E continua:

*Quando nós vinha chegando aqui em Amaturá o papai disse: “Ah, vamos ficar um tempo aqui em Amaturá”. E aí papai construiu uma casa ali do outro lado do rio, mas os índios não queriam que a gente chegasse e ficasse por lá, porque era área deles. Aí eles pegaram e queimaram a nossa casa, queimando todos os nossos documentos. Foi então que nós tivemos que nos batizar novamente aqui na igreja católica de Amaturá pra poder termos o nosso documento de batismo local, pra poder a gente poder ficar por aqui e ser considerado gente daqui de Amaturá mesmo. E também pra eu receber um milagrezinho de um dinheiro que eu tinha do tempo que eu trabalhava em Manaus e caiu um pau na minha perna e eu tive que vir embora pro interior de novo. E sem documento eu não podia receber. Então eu fui batizado na igreja católica de Fonte Boa e na igreja católica de Amaturá. E desde então estamos aqui em Amaturá até hoje. (Entrevista realizada em novembro de 2020).*

Ele diz ter nascido com o dom de rezar e benzer nas pessoas, mas que as atividades de benzimento se despertaram após o seu batismo na igreja da cruzada, com visões e sonhos. Desde então ele realiza a prática da benzedura em todos os lugares que frequenta, em todos os municípios que vai, sem nenhum tipo de cobrança ou gratificação. As suas especialidades nas práticas de benzimento se dá contra o a reza quebranto, espanto, mau-olhado, espinha na garganta, entre outras, e são as crianças de 0 a menores de 5 anos o público que ele mais atende. O benzedor diz também realizar benzeduras para homem ou mulher arranjar um (a) companheiro (a), para reatuação de casamentos, recuperação de jovens que estão drogados, para arrumar emprego e para curar doenças sexualmente transmissíveis.

### **3.1.4 Dona Zenaide**

A benzedeira Zenaide era a única pessoa que eu tinha ciência que realizava a prática de benzedura em Amaturá desde que eu era criança. Ela era cunhada de minha avó paterna (já falecida). Por terem idades próximas, vínculo parentesco e a mesma missão de benzer nas pessoas, a benzedeira Zenaide era sempre lembrada nas rodas de conversa de fim de tarde na casa da minha avó, onde costumava sempre ir com meu pai. Sempre que precisávamos em casa ela ou seu irmão benzia em algum de meus irmãos ou em mim mesmo, visto que o público atendido por minha avó era apenas as gestantes.

A aproximação com a benzedeira ela se deu mediante a uma de suas netas (prima minha). A conversa com sua neta foi para conhecer um pouco melhor do estado emocional e da saúde física da benzedeira, mediante sua idade avançada. Após a conversa e ao favorecimento dos seus filhos houve então a minha aproximação com dona Zenaide.

A benzedeira possui 90 anos de idade, sendo a mais idosa entre os participantes do estudo. Mulher de estatura baixa, casada, voz suave, sempre paciente e disposta a ajudar no que fosse preciso, nos conta que aprendeu a benzer com seu pai, ainda enquanto adolescente. As práticas de benzimento é uma atividade que já vem sendo realizada em sua família a gerações, mas a sua trajetória de benzedora apenas se iniciou quando já estava casada, devido ao adoecimento de um de seus filhos quando criança.

Ela é casada, e ao lado de seu esposo, de 82 anos, vai contando um pouco de sua história. Nascida na comunidade da Carolina<sup>35</sup>, viveu ali até o início do segundo casamento.

Mãe de 4 filhos (2 mulheres e 2 homens), dona Zenaide ficou viúva do seu primeiro esposo ainda cedo, quando tinha cerca de 30 anos. Na época, com 2 filhos, conheceu o atual esposo. Com ele teve mais dois filhos e acabaram se mudando para a comunidade do Bahia<sup>36</sup>, ficando no local até o período de sua mudança para a vila de Amaturá.

*Nós morávamos no Bahia, aí quando meus filhos foram crescendo nós viemos para cá. Quando estavam criança ia professora daqui de Amaturá dar aula lá, morava lá com nós, mas aí foram crescendo e não tinha mais séries lá. Um filho meu foi com meu pai pra Manaus estudar. Lá ele estudou até a 2ª série, aí ele voltou pra cá e lá no Bahia não dava mais pra ele estudar porque ele já estava adiantado. Então ele veio pra cá. Ele morava na casa de um e de outro aqui, mas não deu certo, então foi quando compramos esse terreno aqui, e nele tinha uma casinha velha de madeira. Aí quando começou a aula eu vim pra cá com os meninos que tiveram que estudar. Desde então que nós estamos aqui (Entrevista realizada em julho de 2020).*

Aposentada como agricultora, passou a vida toda na roça com seu esposo e família. Dividia as tarefas de mãe e os afazeres da plantação com a sua missão de cuidar dos enfermos, trabalho que, segundo ela, sempre desempenhou com muito amor e carinho. Juntamente com seu esposo Luiz reside na rua Castelo Branco, bairro Centro, desde que foram morar em Amaturá, há cerca de 40 anos. Com os filhos casados, os dois passaram a viver sozinhos. Contam com a ajuda de uma empregada doméstica que cuida na limpeza da casa e no preparo das refeições do casal.

Católica, desde criança frequentava as missas na vila de Amaturá com seus pais, aos domingos. Na comunidade em que viviam, seu pai celebrava o novenário em honra a São João, santo a qual era devoto. A devoção do pai ao santo envolvia toda a família, onde cada um tinha sua tarefa. Os homens ficavam responsáveis por matar e tratar o boi, os porcos, e a tirar lenha,

---

<sup>35</sup> Antiga comunidade familiar que existia na zona rural do município de Amaturá até meados de 1970, onde hoje fica atracado o porto da cidade - que é mudado da frente do município durante período da seca do rio e, conseqüentemente, do Igarapé Acuruí.

<sup>36</sup> Antiga comunidade familiar que existia até cerca de 1980, na zona rural do município de Amaturá.

enquanto a benzedeira e demais mulheres ficavam responsáveis em preparar a comida, fazer beiju, tapioca, café e o pajuaru<sup>37</sup> (que era preparado bem antes do dia da festa).

Com o objetivo de resguardar a sua saúde e a do seu esposo, reduziu seus atendimentos enquanto benzedora, por conta das orientações e cuidados de seus filhos em detrimento da Covid-19 no município. Durante o período, as atividades de benzimento só eram exercidas em situações bem pontuais, como no adoecimento de algum familiar.

O lugar escolhido para a realização das suas benzeduras (assim como a benzedora Maria e o senhor Francisco) é a varanda de sua casa, mais especificamente em um banco comprido azul de madeira. É nele que organiza os seus clientes e realiza as benzeções, um por vez. Por ser o local mais indicado para tais práticas das benzeduras, a varanda é o seu lugar escolhido por ela para realizá-las. Tais motivos serão tratados de forma mais detalhada adiante, em tópicos específicos. Quanto às doenças combatidas por ela, após meu questionamento, diz saber tratar das mais variadas enfermidades.

*Eu sei rezar pra todas as doenças aparece. Qualquer doença que tiver, pode trazer que eu rezava e rezo. Rezava pra cobreiro, fogo selvagem, espanto, dor de cabeça, ezipla, vento caído, mau olhado, etc. Era normal aparecer de tudo. Todas as doenças apareciam bastante. Cada tempo aparecia uma pessoa com uma doença específica e sempre apareciam todas as doenças (Entrevista realizada em julho de 2020).*

#### **Fotografia 14:** Residência da benzedeira Zenaide



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

---

<sup>37</sup> Bebida alcoólica, de origem indígena (Ticuna), preparada a partir de um tipo de mandioca brava, que é fermentada após um período de tempo de pelo menos uma semana.

### 3.1.5 Senhor Milton

Meu primeiro contato com o benzedor se iniciou por intermédio de uma filha sua. A conversa com a mesma aconteceu no dia 09 de março de 2020, afim de conhecer o estado atual de saúde do benzedor, apresentar a minha pesquisa, e falar sobre o interesse e a importância da participação do seu pai. Logo de início percebi uma certa surpresa quanto à temática do estudo e o seu contentamento pelo meu interesse na participação de seu pai.

Após o contato com a filha do benzedor, ficamos acordados que ela faria uma apresentação prévia do estudo aos demais irmãos e para o seu pai. Assim feito, após alguns dias ela me retorna e marcamos a data e hora para a apresentação formal do pesquisador e do projeto de pesquisa para o senhor Milton, sua esposa, e dois de seus filhos, presentes na residência do pai no momento da minha chegada ao local.

Era fim de tarde, exatamente às 17:42 quando fiz a primeira visita ao local. A residência do benzedor Milton H. fica localizada na Rua Amazonino Mendes - há duas casas do benzedor Francisco F-, Bairro Centro. É uma casa de alvenaria, de cor laranja, com detalhes em cinza. A primeira conversa se dá na sala do benzedor, no primeiro cômodo que há logo que se entra em sua casa. Após explicado o interesse na pesquisa e a participação do mesmo, houve de imediato a concordância do benzedor em participar do estudo e em auxiliar no que fosse preciso.

Senhor Milton, 81 anos, é pai de 7 filhos (4 homens e 4 mulheres) e vive na residência com sua esposa, de 79 anos. Ela é cadeirante e perdeu os movimentos da perna por conta de um acidente domiciliar ocorrido há dois anos. Eles moram sozinhos na residência, entretanto são a todo momento assistenciados por seus filhos e neto. Inclusive, um de seus filhos é seu vizinho.

O lugar da entrevista se dá na sua cozinha, na companhia de sua esposa, um filho do casal e mais a empregada doméstica, que ajuda nos afazeres diários. No centro da cozinha há uma mesa retangular, com dois bancos ao redor, usados para as refeições. É em um desses bancos que sento para iniciar o diálogo. Há, ainda na cozinha, a sua máquina de lavar, uma televisão - posta em cima de uma pequena mesa -, o banheiro, suas louças e uma porta que dá acesso ao quintal de terra, onde há um canteiro com verduras e um pequeno jardim - cercado estacas de madeira do quintal-, com ervas e plantas usadas na confecção de chás, garrafadas e benzimentos.

**Fotografia 15:** Residência do benzedor Milton (de cor laranja).



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

Emocionado, o benzedor vai contando um pouco sobre sua trajetória de vida e benzimento. Ele, sentado em sua maqueira, vai nos relatando um pouco mais sobre sua origem e história.

Nascido no Rio Jacurapá, zona rural do município de Santo Antônio do Içá, se mudou com a esposa e os filhos para a comunidade de Boa Esperança (zona rural da então vila de Amaturá), onde residiu por alguns anos. Em seguida mudou-se para o município de São Paulo de Olivença, de onde também partiu, depois de um período, para o município de Amaturá, onde mora há mais de 40 anos.

Católico, sempre frequentava as missas aos domingos. Além de participante assíduo também tocava violão e cantava nas celebrações religiosas da igreja; função que agora é desempenhada por seus filhos. Nos novenários de Nossa Senhora e São Cristóvão sempre se fazia presente nas tirações do mastro e nas missas em honra aos padroeiros. A devoção religiosa iniciou em sua vida desde criança, quando participava com seus pais nas missas celebradas pelas comunidades rurais nos interiores dos municípios, e também desde menino, quando sua família se reunia para tirar terços e festejar o dia de São Pedro na comunidade onde moravam, santo a qual seu pai era devoto.

No município de Amaturá seu Milton trabalhou como vigia da prefeitura até a sua aposentadoria. Foi na cidade de Amaturá que ele criou seus filhos, construiu sua história e ficou muito conhecido por suas benfeitorias como benzedor.

A iniciação no benzimento se deu a partir dos ensinamentos de seu pai durante a sua infância e juventude, mas o exercício da atividade em si veio a partir da necessidade de prestar auxílios nos adoecimentos de seus filhos quando crianças, ainda enquanto viviam em Jacurapá. Além de seu pai, o benzedor teve na família outras pessoas que realizavam as benzeduras: um tio (já falecido) e dois irmãos. Um de seus irmãos faleceu em 2019 - diga-se de passagem que era um dos mais populares do município -, o outro irmão ainda é vivo e reside no município, mas, acamado, está debilitado e se encontra com problemas de saúde.

A iniciação nas atividades de benzimento se assemelham com a da dona Zenaide. Aprendeu tais práticas vendo seu pai cuidando das outras pessoas, ainda enquanto viviam no Rio Jacurapá. Além de assistir seu pai realizando as benzeduras, o senhor Milton também teve o incentivo de seu pai para a iniciação das práticas. Entretanto, ainda com certo receio, deu início em suas atividades com o adoecimento de seus filhos. A partir de então realiza as suas atividades há décadas, sempre bastante empenhado naquilo que demonstra fazer com muito carinho e alegria.

As principais doenças que o senhor Milton benze e combate são o quebranto - em crianças e adultos-, espanto, erisipela, cobreiro, fogo selvagem, desmentidura, trilhadura. Ele atende todos os públicos: criança, jovem, adulto, idoso, pessoas da zona rural e urbana. Para sua atividade de benzimento não tem hora, ele realiza seus atendimentos sempre que alguém aparece, em qualquer hora do dia.

### **3.1.6 Dona Raimunda**

Sobre a benzedora Raimunda, a primeira vez que ouvi a citarem foi durante minhas idas na Escola Municipal Vitória Simão. Ia, assim como alguns estudantes de graduações, quase que diariamente à escola para que tivesse acesso à internet, por conta de o município não possuir suporte mínimo para os alunos, em relação a buscas online e no desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Foi mais exatamente sentado a uma mesa, no corredor da escola, que ouvi comentarem sobre a mesma. Uma professora, entre 30 e 40 anos, se queixa sobre o adoecimento de sua filha: “Minha filha está triste. Ela não quer comer, não quer brincar e chora por tudo. Já levei ela no hospital duas vezes e nada de ela melhorar. Não sei mais o que faço”, disse ela um outro professor, colega de trabalho. Ele responde: “Professora, minha filha estava assim mesmo tem uns dias. Isso é quebranto! Eu também levei meu neném no hospital e nada. Ela só melhorou depois que eu levei ela na dona Raimunda, aquela senhora que mora ali na esquina”, disse o professor, com aparência de 28 a 34 anos, à colega (DIÁRIO, 26 de agosto de 2020).

Logo no dia seguinte busquei mais informações sobre a benzedeira. Iniciei o processo de coleta de informações a partir de pessoas conhecidas por mim, sem dar maiores informações sobre o motivo de tais questionamentos. Em seguida, busquei realizar aproximação com alguns dos familiares da benzedeira, com o objetivo de conhecer seu estado físico e emocional, assim como me informar há quanto tempo desenvolvia tais atividades. Por fim, questionei se eram favoráveis quanto ao meu convite à dona Raimunda em fazer parte da pesquisa.

Com as informações repassadas, e com a aprovação dos familiares, fui aos poucos realizando o processo de aproximação com a benzedeira. Aos poucos fui conhecendo mais sobre ela, sobre sua trajetória de vida e sobre suas práticas em saúde. Então, após a aparente confiança sobre mim, solicitei a entrevista e a convidei a fazer parte da pesquisa, sendo logo aceita por ela.

Dona Raimunda é agricultora aposentada, possui 75 anos de idade e é mãe de dois filhos, um de 55 e outro de 36 anos. Viúva há cinco anos, nasceu na comunidade de Caturιά<sup>38</sup>, onde viveu com seu marido até 2014, ano em que passou a morar na cidade de Amaturá.

Na comunidade, o sustento de sua família sempre se deu a partir da pesca e da agricultura familiar. Os alimentos, adquiridos a partir da pescaria, se destinavam exclusivamente para a subsistência da família. Quanto ao que era produzido com a agricultura, uma parte era consumida pela família e a outra era utilizada como moeda de troca, com os carreteiros<sup>39</sup>, em produtos, como por exemplo, sal, açúcar, café e sabão.

Possui uma residência no município, adquirida por ela e seu marido, mas que não se adaptou a morar no local. Com o aparecimento de alguns problemas de saúde, em soma com o falecimento do marido, passou a viver juntamente com seu filho mais novo, a esposa dele e mais duas filhas do casal.

A residência possui 5 cômodos, e na frente uma pequena varanda de alvenaria, onde ela passa boa parte do seu dia, em sua cadeira de balanço, realizando alguns de seus afazeres e “*apreciando o movimento da rua*”, conforme ela diz, em tom de humor. Nessa varanda é o local em que acontece a realização da entrevista e, em casos como desmentiduras e luxações, é onde realiza intervenções a partir de seus saberes e benzimentos.

Ela diz possuir dois batismos, o primeiro ocorreu na igreja católica, quando criança, e o segundo quando já adulta, na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, onde participa de vigílias

---

<sup>38</sup> Comunidade familiar que fica na zona rural de Amaturá, há cerca de 30 minutos de baleeira do município.

<sup>39</sup> Os carreteiros eram comerciantes (geralmente um homem) que passavam de barco pelo Alto Solimões vendendo ou trocando seus produtos industrializados (sal, açúcar, sabão, pilhas, etc) com os habitantes dos municípios ou comunidades rurais.

que acontecem pela manhã cedo ou pela madrugada, grupo de oração, visita aos doentes, e pregação da palavra nas celebrações dos cultos. Na igreja católica, diz ter se envolvido pouco, devido morar distante do município de Amaturá, o que ocasionou a conversão para a sua nova e presente igreja. Ao lado de sua residência fica uma capela, do divino espírito santo, pertencente à igreja católica. Curioso, assim como feito com dona Maria, a questiono se a presença da capela ou da população não intimida suas práticas ou se lhe incomodam de alguma maneira. E ela, com um sorriso no rosto, nos diz que não. *“Tudo o que fazemos é pra Deus. Eu era católica e respeito muito a religião, assim como todos também me respeitam. A gente nunca teve nenhum tipo de desavença. Praticamente todo mundo que eu oro aqui é católico”* (Raimunda, entrevista, 2020). Há um grande respeito dela com todos e de todos com ela, sendo seu público de atendimento o mais variado possível. Discutiremos melhor essas questões mais adiante.

Por respeito, e no intuito de se manter um diálogo mais próximo e confortável com dona Raimunda, durante os diálogos na entrevista, optamos em denominar de *“orações”*, no lugar de *“benzeduras”*, os seus versos e os cuidados que ela realiza através dos seus benzimentos. E quanto a sua denominação, no lugar da palavra *“benzedeira”*, optei em lhe mencionar como *“oradora”*, durante as entrevistas.

Quanto à iniciação nos cuidados em saúde, a benzedeira nos relata ter ocorrido aos 16 anos de idade, após ter vivido alguns anos na casa de uma senhora da família. Mas, antes deste período, ela já sabia desempenhar tais atividades, que tiveram início dos 13 a 14 anos. Desde a infância e adolescência, observava a parteira, com quem ela morava, mexendo a barriga das gestantes, e isso acabou despertando o interesse sobre tais atividades. A senhora onde morava, além da realização dos partos e o acompanhamento da gestação, realizava a intervenção em casos de desmentidura. Quanto a realização das benzeduras, a idosa não realizava tais intervenções, cabendo à dona Raimunda desenvolver tais atividades sozinha, sem o ensinamento de terceiros.

Os chás, remédios, garrafadas, e os versos recitados durante os benzimentos, foram surgindo a partir das combinações e criações próprias da benzedeira, testados primeiramente nela mesma e repassados aos doentes se não desenvolvessem nenhum efeito colateral, quando ingerido por ela.

Ela informa que seu marido, enquanto estava vivo, além de a apoiar nas atividades de benzedura, também a auxiliava na realização de pequenas tarefas para na realização dos benzimentos, seja com a busca de um pano limpo, colocar água no fogo para amornar, apanhar alguma erva no quintal, ou até mesmo fazendo as *“honras da casa”* enquanto a esposa estava



ocupada em outras benzeduras ou afazeres domésticos. Entre os benzedores pesquisados, dona Raimunda foi a única que dizia possuir o apoio de seu cônjuge (enquanto vivo) nas tarefas para a benzedura, de uma forma mais clara e dinâmica. Nos demais benzedores pesquisados ficou claro o apoio familiar, mas não quanto à participação dos mesmos em atividades assim como acontecia com Raimunda.

Dona Raimunda, assim como os demais participantes do estudo, atua nas mais variadas enfermidades e nos mais variados casos, sempre dando apoio e carinho em tudo que está em seu alcance. Quando perguntada sobre as doenças que ela trata e as atividades que desenvolve nas benzeduras ela nos diz:

*Eu trato as pessoas da ezipla, quebranto, mau olhado, espanto, maus olhos, espinha na garganta, doença do ar, palpitação, cobreiro, vermelhão, espinhela caída, peito aberto, espinha na garganta. Fora essas doenças que aparecem, que já falei, também ajeito barriga, faço parto, ajeito desmentidura, trilhadura e tudo mais que apareça e que eu saiba cuidar (Entrevista realizada em 2020).*

**Fotografia 16:** Residência da benzeadeira Raimunda e, ao lado, a capela do divino espírito santo.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

## 3.2. A Iniciação dos Benzedores

### 3.2.1. O benzimento enquanto dom

Os detentores dos conhecimentos tradicionais sempre buscaram, em meio às suas comunidades, uma forma de ajudar e contribuir para o bem-estar da população que ali habitava. Todos com o foco em realizar o melhor de si e transmitir para todos o amor, a caridade e o respeito ao próximo. Uma das formas do repasse desses ensinamentos era através da solidariedade em ajudar o enfermo e seja quem os procurassem para receber o benzimento e cura pela fé, mediante ao *dom* que possui, algo que lhe foi ofertado por Deus.

As pessoas que realizam o benzimento muitas informam que ele é um *dom*, e, de uma maneira geral, atribuem sua origem a Deus, às experiências xamânicas ou o contato com divindades. Suas rezas fazem referências a Jesus Cristo, Nossa Senhora e a demais santos católicos - aos quais comumente são devotos -, ou usam tais recursos como forma de preservar cultos não cristãos por meio de inserção de elementos cristãos, como é o caso das religiões de matriz africana. Também costumam afirmar que tais saberes estão ligados aos saberes milenares dos índios e seus antepassados, de onde seria a origem de tais atividades (SALGADO, 2016, p. 71).

Segundo a compreensão e entendimento de pesquisadores (como por exemplo, GALVÃO, 1976 e CAVALCANTE, 2008) o *dom* é uma habilidade sobre-humana que raras pessoas levam consigo desde o ventre materno (por esse motivo que se usa a expressão *dom de nascença*) para ser pajé, xamã, benzedor, rezador, puxador ou parteira, etc. O *dom* é algo reconhecido socialmente e apresenta seus indícios. Quem o possui muitas vezes se enxerga deslocado, fora do eixo, como se sua vida não fosse compreendida. Tais pensamentos e deslocação mudam ao compreender e assumir a sua missão que lhe foi dada. Ninguém consegue escapar desse *dom*, pois ele é entregue pelas divindades, santos, entidades, e deve ser executado por quem o recebe para o bem de toda a sociedade, com a única missão de usá-lo no favorecimento dos seus semelhantes.

É bem natural ao nos perguntarmos sobre como se dá o início das práticas de benzimento de um benzedor, devido ao benzimento ser algo que provoca a nossa imaginação enquanto seres humanos. E ao realizarmos esse questionamento à dona Maria, ela relata que:

*Eu acho que foi um dom que Deus me deu, porque do nada eu começava a rezar e eu sentia a sensação que eu tinha que fazer algo. Se tu estava doente ou tinha algo eu tinha que cuidar de ti e fazer um remédio. Eu não sei muito bem explicar isso, só sei que eu sempre tive a sensação que eu nasci pra isso, que era a minha missão ajudar*

*o próximo. Ele me veio como um sonho, como um dom. (Entrevista realizada em 2020).*

O dom pode ser conseguido a partir de sonho ou por uma visão de dimensão espiritual (QUINTANA, 1999). Ela, por ser a primeira entrevistada, logo de início causou-me uma grande inquietação. Eu enquanto um pesquisador, em início de sua jornada no campo de pesquisa - e que estava a buscar compreender o início de suas práticas de benzeção -, me encontrava pela primeira vez com grandes dúvidas e inquietações sobre as origens dos benzimentos, pois me deparo sobre uma forma de aprendizagem distinta da que imaginava encontrar.

Assim como aconteceu com Quintana (1999), em seu estudo sobre as práticas de benzeduras, me depara diante de um saber que não se atribui a alguma forma de aprendizagem formal ou informal, contrapondo-se, por um lado, ao conhecimento erudito, o qual responde a uma aprendizagem formal, e, por outra maneira, difere também daqueles terapeutas populares cujo conhecimento se atribui ao seu intuito ou a uma aprendizagem informal com algum outro benzedor.

Continuando sobre sua iniciação, ela segue falando sobre o fato:

*“Eu era jovem, tinha uns 20 anos e estava doente. Ai no meu sonho apareceu uma senhora muito bonita, que eu não sei quem é. Eu não estava nem dormindo e nem acordada, não sei explicar bem. Eu estava muito mal. Em casa eu não tinha condições de fazer nada. Ai uma noite eu deitei e veio aquele sonho alguém falando comigo: “Olha, tu tá mal, né? Mas você tem o remédio no teu quintal e tu não sabe. Olha, cedo tu te acorda e vai na praça. Lá vai ter uma mulher sentada e sozinha que vai te detalhar tudo o que tu vai ter que fazer”. Ai cedo eu me acordei e fui lá com a mulher. Ela me deu bom dia e falou: “A senhora está bem doente, né? O que é que está te matando? ” Ai eu falei que o que estava me fazendo mal. Ai ela disse: “menina, e por que é que tu não faz remédio? Tu tem na tua casa! ”. E eu disse que não sabia nem o que era isso. Ai depois ela me disse o que era que eu precisava pra fazer o remédio e qual era a coisa que eu tinha em casa pra ficar melhor. E graças a Deus eu fiquei boazinha” (Maria, entrevista/2020).*

Oliveira (1985) diz que o dom, o qual os benzedores informam ter adquirido, geralmente relacionam-se a algum acontecimento marcante na vida dessas pessoas ou de seus familiares, geralmente por problemas de saúde.

Dona Maria informa que estava muito mal, que não se sentia disposta para nenhuma atividade interna ou externa à sua casa, mas após esse contato com o que ela associa ser “um anjo”, e os ensinamento quanto aos ingredientes, repassados para o preparo do remédio ela passou a ter o reestabelecimento da saúde. Após o episódio passou a ter sonhos, onde passou identificar as doenças e quais rezas deveria realizar para o combate de cada uma, em conjunto como a quais remédios usar conforme a necessidade. O benzedor Francisco B., também nos diz ter passado a aprender sobre seus benzimentos com um anjo, “é um anjo quem me ensinou a

*saber o que eu sei*”. Ele diz que passou a ter tais sonhos e visões sobre benzeduras logo após o seu batismo na Igreja da Cruzada, conforme ele nos detalha:

*Depois do meu batismo, no igarapé, o irmão José pediu pra eu pular do alto de uma terra, de um monte, dentro da água. E depois que caí na água ele fez eu atravessar um igarapé de um lado para o outro andando, que era pra eu ter fé e não temer se tinha animais ali ou não. Era baixo o igarapé, então dava pra eu andar bem por ele. Depois que fiz isso, que eu atravessasse o igarapé eu apaguei. Cai “mortinho” no chão. E nisso eu sonhei. E no sonho vinha um anjo e me dizia pra eu ir lá numa igreja, pra eu ver o que tinha lá dentro.*

E continua:

*Quando cheguei lá tinha um vaso pequeno embrulhado com um véu. Aí quando eu olho pra entrada da igreja, lá vinha tipo uma pessoa, que acho eu que era o satanás, que só vivia me perseguindo, que eu só vivia me sentindo mal nesse tempo. Quando ele vinha no meio da igreja eu ouvi uma voz, acho que era de um anjo, que tava falando: “Puxa pra fora, satanás! Esse corpo aqui não te pertence! Esse corpo aqui pertence a Deus! ”. Quando eu fui lá fora da igreja o satanás estava lá me olhando. Aí me veio o anjo de novo e pediu pra eu rezar o Creio em Deus Pai, que eu estaria liberto do mal. E aí eu fiz o sinal da cruz e eu rezei toda a oração na hora. Depois que aconteceu isso, ele foi embora, e então o anjo disse que naquele vaso que estava na igreja, era pra eu ir lá e abrir, que era o meu chamado. Então eu fui lá e abri. Depois disso eu acordei com o mano José me ajudando a levantar. Desde então eu digo que essa é uma oração muito boa.*

E completa:

*Mas falando do maninho José e de como comecei, eu acredito que foi me dado um poder na hora do batismo, lá na hora da água. Ele me disse que eu era o único escolhido, entre os que estavam sendo batizados, que teria o poder de tudo que eu pedisse em nome de Deus, de curar alguém e fazer o bem, eu seria atendido, e que eu poderia cuidar dos outros em nome de Deus porque eu acreditei nele (Francisco B., entrevista/2020).*

Desde tais sonhos, os benzedores nos contam que passaram a ter visões de como cuidar tal enfermidade, quais benzições realizar, quais ervas e chás prescrever para os seus clientes e quais orações deveriam fazer. Tudo era anotado num papel, que era descartado logo após que decoravam os novos aprendizados. “*Mas por que descartar os ensinamentos logo após decorados?*”, o pergunto. Ele apenas sorriu e informou: “*faço isso como forma de resguardar os ensinamentos sagrados que me foram ensinados*”.

Quanto ao senhor Francisco F., sua iniciação se deu logo após o contato, em sonho, com uma mulher encantada, quando sua ex-esposa estava doente, que apesar das várias idas ao SESP (Sistema Especial de Saúde Pública) do município, nada era resolvido.

*O início disso tudo foi quando passou um mês, dois meses e a minha mulher disse que a menstruação dela não tinha vindo e que ela achava que estava gestante. Passou mais um mês e nada da menstruação. E a gente estranhou isso porque se fosse criança já teria dado alguma mexida na barriga dela. Então ela mandou eu apalpar*

*e só tinha uma bola. Aí levamos ela no SESP e a enfermeira com o médico falaram que ela tinha que fazer o exame. Ela fez o exame e só dava verme. Dava remédio pra verme, mas não dava nada. Já tava com três ou quatro meses e nada. E cada vez ela estava mais fraca. Ela andava daqui para ali e ela já ia se descocando de fraqueza por não comer nada. Então aí veio uma mulher encantada no meu sonho e disse que eu tinha eu fazer um remédio e que não precisava mais eu levar a minha esposa no médico porque eu ia fazer um remédio e ia fazer ela sobreviver.*

*Ela me ensinou o remédio. Ela disse pra pegar quatro caroços de pimenta do reino e socar. Aí eu soquei bem, que nem tinha dito no meu sonho, peguei um pouco de água morna e folha de uma folha do mato que ela disse, coloquei dentro e levei lá pra ela. A minha esposa ficou me olhando meio estranho e eu falei que ela poderia tomar, que era pra ela ficar melhor. E ela não duvidou. Ela pegou o copo e tomou tudo. Depois que ela tomou eu puxei a barriga dela, eu sovei e sacudi, que nem veio no meu sonho pra eu fazer. Depois disso eu atei a rede pra ela e lá ela ficou. Aí eu fui embora fazer o fogo pra fazer nossa janta. Quando eu tava fazendo o fogo ela me chama. Ela disse: “vem aqui ainda. Tá dando umas pontadas aqui em mim. Ata o mosquiteiro pra mim” Naquele tempo quando a mulherada ia ter filho pediam pra atar o mosquiteiro pra elas terem o bebê.*

E continua:

*Depois que ela entrou no mosquiteiro eu fui embora ver o fogo de novo. Quando eu tava lá vendo o fogo, não demorou nada e lá vem ela de novo me chamando. Ela disse pra eu dar uma sacudida nela de novo e que era pra eu ficar lá que ela iria ficar pendurada no meu pescoço, na posição como se ela fosse ter um filho. Ela pendurou no meu pescoço e eu fiquei amassando a barriga dela. Eu amassei forte, e não demorou nada e saiu. Não tem o bucho de curimatã? Que é um arrumadinho em cima do outro? Assim veio. Veio umas carnes tipo bucho de curimatã com uma gosma por cima.*

*Depois disso eu fiquei sem ação. Aí eu fui chamar um vizinho meu com a esposa, aí mandaram chamar a enfermeira e o médico. Aí eles perguntaram de mim como tinha sido pra ter vindo aquela ideia pra mim fazer. E eu disse que tinha vindo no meu sonho.*

*Aí dona a enfermeira disse pra eu fazer um fogo e queimar, pois ela não sabia o que era aquilo. No fundo do quintal tinha um jambeiro. Então eu peguei, fiz o fogo e lá eu joguei pra queimar. Aí o médico disse pra eu levar ela lá pro SESP pra darem remédio nela. Deram injeção nela, passaram umas pastilhas pra ela tomar e pronto. Com uma semana que ela estava tomando o medicamento ela ficou boa. E até hoje ela está aí.*

Após a realização das primeiras curas, os benzedores foram ganhando fama no município e cada vez mais pessoas passaram a lhes procurar, lhes tornando mais conhecidos a cada nova doença tratada por eles, com o auxílio de forças sobrenaturais.

Assim como na pesquisa de Loyola (1984), estamos diante de casos que possam ser atribuídos a sua iniciação com o auxílio de entidades ou às experiências xamânicas, onde os seus segredos possam estar sendo resguardados, não podendo ser eles revelados a mim, por ser uma figura externa a esse mundo mágico ou por não se sentirem confortáveis em revelar os seus mistérios. Outra possibilidade, quem sabe, poderia buscar se esquivar de possíveis

discriminações por parte da população, ou até mesmo, talvez, por estarem em transe no momento de suas visões, e não recordarem com mais precisão do ocorrido.

“Os xamãs revelam e atuam com as energias que existem por trás dos eventos cotidianos” (PENAFORTE, 2011, p. 52). Os xamãs, segundo Landon, (1996, p. 29) “interage com estas energias, por meio de experiências místicas, através de sonhos, ou dos transe induzidos por substâncias ou por outras técnicas, servindo como intermediário entre os domínios, humano e espiritual”.

*Ninguém acredita, mas se eu olho uma planta e na hora me vem uma coisa que me diz que ela é boa para algo. Vem uma coisa na minha mente e no meu ouvido me dizendo que aquilo é bom e aí eu venho e trago. Ai depois disso, que eu vejo que é bom e funciona mesmo eu já sei que aquele um chá ou remédio serve para aquela determinada doença e aí eu sempre dou, e que aquele outro já serve para outra doença” (Maria, entrevista/2020).*

“Na aprendizagem pela experiência mística, os conhecimentos tanto das orações como dos chás, pomadas, unguentos etc., são atribuídos à informação de alguma entidade sobrenatural, como *anjos* ou *guias*, principalmente” (QUINTANA, 1999, p 55). Desde então, essa experiência divina ou mística permitiu de alguma maneira fazer com que a benzedeira pudesse acessar o sobrenatural e passa a realizar o controle das forças mágico-sagradas.

Algo muito interessante é que ela, assim como dona Raimunda faz. Há um empirismo existente entre as duas, à medida que a credibilidade de uma erva ou planta para a confecção de seus chás ou remédios se dá a partir de experiências observadas por elas em si próprias, e a validação é feita a partir da observação pelas pessoas que a usam. Um outro relato que ela faz é sobre a ajuda que recebeu (do anjo, entidade ou encantado<sup>40</sup>), para tratar a sua diabetes, que estava alterada:

*“Em relação a minha diabetes, ela me falou pra eu ir em casa, cavar as batatas de mangarataia amarela, tirar a medida de uma palma de mão, raspar bem a mangarataia, cortar ela em rodela, bater no liquidificador, depois passar na tela e depois começar a beber. Falou pra eu tomar três copos ao dia e que quando fosse no quarto dia era pra eu ir no médico ver como eu estava. Eu não fui. Eu fui apenas depois de sete dias. Minha diabetes era sempre 380, 390. Ai depois de sete dias eu peguei um moto-táxi. Eu fui na UBS que tem lá atrás. Chegando lá eu falei que eu tinha ido furar meu dedo, que eu ainda não tinha tomado café. Aí o doutor mandou medirem logo que*

---

<sup>40</sup> Para a maioria das culturas indígenas, os encantados não são de alguém que tenha morrido, mas sim que se transformou e que habitam um mundo espiritual subaquáticos ou lugares encantados existentes pela floresta. Os encantados são seres que trazem consigo o poder de cura e são capazes de usarem suas magias para realizarem ações diversas no mundo físico. Os encantados estão presentes nas mais variadas áreas do vasto território Amazônico, segundo Maués (1999 e 2002). Ainda segundo o autor, os encantados são entidades espirituais que se manifestam principalmente pela pajelança.

*eu não tinha tomado café. Ai a mulher falou: “doutor, ela já está bem! De 300 ela já está com 110!” (...). Ai depois disso eu continuei a tomar o remédio e cada vez baixou mais, e hoje eu estou bem, bem, bem mesmo. Acabou até as dores e os cansaços que eu tinha” (Maria, entrevista/2020).*

Mesmo sendo suas atividades lhes dada a partir de forças sobrenaturais a benzedeira não deixa de ter um cuidado extra para que suas práticas e remédios não venham causar o mal a quem delas precise, mostrando assim que ser capaz de pensar sempre nos outros antes que em si mesma.

O dom, nesse caso, parece consistir principalmente em uma comunicação privilegiada com o sobrenatural, na qual se baseia sua força e seu conhecimento. Em contrapartida, ao assumir a benzedeira a obrigação de ajudar os necessitados através da benzedura, a entidade que lhe outorgou o dom fica, por sua vez, obrigada a ajudá-la no desempenho de suas tarefas (QUINTANA, 1999, p. 82).

Desde então esse ser místico passou a ser guia de dona Maria e do Senhor Francisco. A cada doença e a cada um indivíduo que chega à sua porta, eles, juntamente com sua experiência, e com o auxílio sobrenatural, diagnosticam a enfermidade, tratam e indicam ou formulam os medicamentos a serem usados para a sua melhora.

Esse dom ou divindade, origem de sua aprendizagem e ao mesmo tempo validação de sua prática terapêutica, não pode se sustentar unicamente no reconhecimento da própria benzedeira; é necessário que a comunidade onde ela vive também veja nela alguém especial. De nada adiantaria essa história de vida se as pessoas de seu grupo, no qual vai se dar o início de suas atividades terapêuticas, fizessem outra leitura desses acontecimentos. É necessário que esta história encontre um interlocutor que reconheça o sinal que marca seu protagonista como alguém especial, aquele escolhido para realizar a intermediação com o sagrado (QUINTANA, 1999, p. 83).

O dom da benção, para os benzedores de Amaturá, é algo divino, é algo que devem levar até os últimos dias de suas vidas. Eles possuem um nível de interação com o sagrado, e, por isso, devem exercer sua missão, da mesma forma que Jesus ou os benfeitores desta terra realizaram e realizam as suas obras, sem cobrar nada de quem necessita. E é nessa lógica que desempenham suas atividades, sempre com muito amor ao próximo.

### **3.2.2. O benzimento enquanto prática aprendida**

O acesso e a compreensão das fórmulas recitadas durante o benzimento é algo que geralmente só é repassado para aqueles que irão herdar a tradição de benzer, seja de um tio, pai, mãe, avó ou conhecido, tendo então alguns pesquisadores a necessidade de se submeterem às práticas para que pudessem ter acesso ao conteúdo das rezas ou orações.

Em Amaturá, há também os benzedores que realizam as suas atividades a partir da transmissão dos saberes de benzeduras, repassados por alguém próximo ou familiar. Esse processo não é de fácil aprendizado, por isso, para que esses saberes sejam transmitidos

necessita-se de um determinado período mínimo de tempo, para que em seguida os novos aprendizes possam prosseguir suas atividades de benzeduras.

No caso dos benzedores, participantes da pesquisa, esses processos aconteceram de forma natural, sem que houvesse uma imposição por parte de familiares, se deu como “um chamado”. Entretanto, para o início das práticas das atividades sempre existiram acontecimentos que os levaram a iniciar as benzeduras.

*Eu aprendi a benzer com meu pai. Aos poucos eu fui aprendendo. Ele me ensinava as orações dele e eu sabia. Eu tinha aquelas orações comigo, mas eu não rezava. Aí quando eu fui pro Bahia com meu esposo, que era quando nós morava sozinhos, e meus filhos adoeciam, aí eu pensava comigo mesma: “eu vou benzer, pro meu filho melhorar. Porque se eu não rezar ele vai morrer”. E aí eu começava a rezar neles para eles ficarem bom. (Zenaide, entrevista/2020).*

Ela diz não recordar bem da doença. “*Eu não sei bem qual era, mas eu acho que era a doença do ar que meu filho teve*”. Ver seu filho doente aos 6 anos de idade, e pela primeira vez morando em um local distante do seu pai (que era a pessoa que benzia nos filhos quando adoeciam), lhe obrigou a dar início às práticas de benzimento. Benzeu seu filho por 3 dias e realizou a extração dos insumos da floresta para o preparo da medicação. Passados os dias necessários para o encerramento do tratamento, obteve êxito nos cuidados em saúde com seu filho, o que lhe permitiu ficar conhecida como benzedeira.

*Depois que viram que eu cuidei do meu filho, quando os filhos dos vizinhos adoeciam lá, vinham me chamar pra cuidar deles. Eu era a única que sabia as orações e que benzia ali, então não tinha como eu recusar atender elas. Antes de eu chegar lá eles levavam a remo seus filhos num benzedor que morava há um tempão de distância. Lá eu cuidava quando a criança tava com dor de cabeça, com quebranto, espantado, e o que mais fosse aparecendo. Eles levavam as crianças lá, eu rezava três vezes e aí melhoravam, graças a Deus (Zenaide, entrevista/2020).*

Quanto ao seu aprendizado das benzeduras com seu pai, ela nos detalha um pouco mais como foi:

*Eu aprendi com o meu pai. Ele aprendeu não sei onde, acho que com meu avô. Só sei que o que ele sabia, ele anotava tudo num livro que ele tinha em casa. Lá tinha reza e benzimento pra tudo. Meu pai sabia benzer pra tudo, e me ensinou aos poucos, conforme eu fui crescendo. Aí meu pai também aprendeu, depois do livro, a benzer também pra outras coisas que não tinha lá. Ele foi pegando as orações que sabia e foi fazendo ela ou criando as dele, conforme o que ele achava que daria mais certo, e aí conseguiu fazer até reza pra quando a mulher não quer ter neném logo, mudando algumas coisas conforme fosse fazendo mais sentido. Ele tratava também espinha na garganta, pra cubrelo, vermelha, e tudo mais. E pra todo canto chamavam ele. Pra tudo era ele.*

Ela continua:



*Aprendi com ele ensinando. Ele chamava a gente, os filhos dele que ele via que gostava disso, e ia ensinando de um por um. E quando tinha alguém pra ele rezar, a gente, criança curiosa que era, ia ficar vendo como ele fazia e como ele benzia pra cada doença, como ele tirava a vassourinha pra usar, como ele mergulhava na água benta e como ele passava nas pessoas. Ele dizia que a gente ia precisar saber, pois um dia a gente ia poder cuidar dos nossos filhos quando estivessem doentes ou cuidar de quem precisasse. E foi isso mesmo que aconteceu (Zenaide, entrevista/2020).*

Normalmente, o conhecimento particular e especializado de um benzedor ou rezadora é transmitido através de familiares próximos, que tinham ou tem domínio sobre o saber e as práticas de benzeduras (SANTOS, 2009).

A benzedeira Zenaide e seus irmãos passavam por aprendizados parecidos aos que outros profissionais da saúde passam em sala de aula, com rotinas, aprendizados, e com exigências a serem cumpridas por eles, para que então pudessem ter a habilidade de cuidar, inicialmente, de seus próprios entes queridos, e então, para cuidar de quem mais necessitasse de tais atendimentos. Falo dessa maneira, sem com isso querer assimilar um ao outro ou querer colocar cada um em sua categoria, mas sim pra tentar demonstrar a ideia que os saberes transitam e podem seguir bases parecidas, sem, claro, que sejam iguais, pois as sociocosmologias não demonstram ser a mesma.

Quando perguntado à benzedeira se ela pedia a interseção ou ajuda de algum santo para a sua proteção e para a do enfermo, em suas práticas de benzimento, ela responde:

*Eu peço sim. Eu peço pra Nossa Senhora da Saúde. Eu sempre solicito que ela me desse uma ajuda e me abençoasse para que eu pudesse fazer o bem a aquela pessoa e que desse certo o meu remédio nela, que ela desse saúde para aquela criança ou para aquele adulto. Pra pessoa de qualquer idade eu pedia pra Nossa Senhora da Saúde. Eu ascendo sempre uma vela pra ela antes de fazer o pedido e apago depois que a o benzimento acaba. Até hoje em dia, na “boca da noite”, antes de dormir, eu rezo pra ela (Zenaide, entrevista/2020).*

De forma distinta dos demais benzedores, antes da realização de cada benzedura, dona Zenaide solicita o auxílio de Nossa Senhora da Saúde (a santa para quem os doentes costumam solicitar intermédio para a obtenção da cura), mesmo não sendo ela devota da santa. Segundo ela, o santo que ela possui devoção é São João, pois era o santo que seu pai era devoto, e a quem costumava fazer promessas que lhe eram atendidas.

Outro benzedor que teve a sua inicialização nas práticas de benzimento através de um familiar foi o senhor Milton. Assim como no caso da benzedeira Zenaide, ele também teve seu aprendizado e iniciação a partir dos saberes de seu pai. “Essa aprendizagem está normalmente associada à presença de um mestre, que via de regra é uma figura da família praticante da benzedura” (QUINTANA, 1999, p. 54). Na família do benzedor, a prática da benzedura era

algo que não estava restrita apenas no pai. Além do seu pai, o benzedor nos conta que outro familiar também benzia na família: “*eu tinha um tio que também benzia. Ele era bom também*” (Milton, entrevista/2020).

Emocionado, ele nos fala um pouco da forma e período que iniciou as benzições:

*Eu comecei assim que eu me casei com minha mulher, lá no Jacurapá, ela com 17 anos e eu com 20, mas antes de eu casar já sabia rezar. As primeiras pessoas que eu benzi foi nos meus filhos doentes. Lá não tinha médico, então era nós mesmos que tinha que rezar. Ou a gente fazia algo ou os filhos continuavam doentes. Era a nossa única alternativa, e eu que não ia deixar de fazer isso, já que eu sabia como cuidar deles e acreditava que Deus poderia também me ajudar a cuidar meus filhos. Eu via sempre meu pai benzendo nas pessoas e ficava aprendendo. Meu pai era um bom benzedor, ele era benzedor profissional mesmo (Milton, entrevista/2020).*

“A origem das práticas em algumas pessoas se dá através das gerações precedentes, com a transmissão oral das rezas através das mães, pais e avós” (PENAFORTE, 2021, p. 18). Ele também nos menciona que, além dele, o pai também ensinou as atividades de benzeduras a outros de seus irmãos:

*Eu também tenho um irmão que benzia. Ele deve saber até hoje, ele é o Ceará, que mora ali mais pra frente, ou então não deve mais benzer porque ele já está um bocado cansado e doente. Tinha o Izídio também que benzia, ele também era meu irmão. Ele rezava muito, muito mesmo. Eu fico pensando o quanto o pessoal acredita no nosso benzimento e o quanto eles buscavam mesmo. Até no domingo vinham aqui. Eu ficava muito surpreso com a fé deles. Eles tinham uma fé que meu Deus do céu. Eu acho que era a fé que curava eles. Existem muitos mistérios nisso que eu não sei explicar.*

Assim como no caso de dona Zenaide, o benzedor explica que nos casos de enfermidades, era o pai que cuidava dos mesmos enquanto crianças e das demais pessoas que habitavam a sua comunidade, demonstrando um cuidado com todos e sempre sendo solidário. “Para se ter o dom de cura não basta somente aprender a rezar, é imprescindível se ter certas habilidades, além das qualidades. Eles devem ser de boa índole, ética e moral, ser caridosa.” (SANTOS, 2009, p. 25).

A iniciação de dona Raimunda, que é evangélica, se deu a partir de um aprendizado quando criança, período em que viveu com uma senhora, sem aparente grau de parentesco, e quando adolescente já estava realizando as atividades. Ela nos conta:

*Eu comecei a cuidar bem das pessoas com 16 anos. Mas com 13, 14 anos eu já estava sabendo pegar a barriga das mulheres grávidas e a ajeitar neném. Eu aprendi com uma velhinha, que eu morei com ela. E aí ela foi me explicando e eu fui aprendendo. Ela me ensinou a ajeitar os dedos onde desmentia, trilhadura, e outras coisas. Eu fui aprendendo e até hoje eu sei (Raimunda, entrevista/2020).*

No município de Amaturá, ou em comunidades da sua zona rural, é muito comum que crianças ou adolescentes morem na casa de outras pessoas, sejam familiares ou não, por um

período, por questões de estudos ou de viagens, onde os pais precisam deixar seus filhos nos cuidados de terceiros, sejam eles familiares ou apenas conhecidos da família, e foi o ocorrido com dona Raimunda, que com esse período de convivência deu início ao seu aprendizado neste mundo mágico-religioso.

Quando pergunto sobre as orações, com quem ela teria aprendido, ela fala “*com ninguém. Elas foram de mim mesma. Eu que criei elas. A mulher me ensinou a tocar, a fazer as coisas, mas a orar, não*”. Dona Raimunda teve que desenvolver as próprias técnicas para suas orações, visto que o seu aprendizado com a senhora que viveu estava mais ligado às atividades manuais - às atividades mais práticas dos cuidados, onde então, ao ver da benzedeira, não necessitavam obrigatoriamente de interação com o sagrado, de uma súplica, por não se tratarem de enfermidades espirituais, mas sim de “ter o jeito certo com as mãos”. “*Ela não cuidava de doenças. Ela era só parteira mesmo. As doenças já foi eu por mim mesmo que fui aprendendo a cuidar e aprendendo a criar as orações*”. Buscou fórmulas e estratégias para que desenvolvesse sua própria forma de cuidar e intervir nas demais necessidades. A benzedeira ainda nos explica um pouco mais sobre o início:

*A senhora que eu morava me chamava pra aprender. Ela me dizia: “vem ver pra ti aprender, vem ver pra tu saber como é”. Eu nem queria aprender, eu só olhava mesmo. E aí eu fui aprendendo, fui gostando, e vi que essa era a minha missão e eu não podia me recusar a fazer. Desde então todo tempo era gente no sítio me procurando, e até hoje é gente me procurando onde eu tou. Aqui em Amaturá é em todo santo dia. Ainda agora a pouco veio um homem aqui pra eu ver ele (Raimunda, entrevista/2020).*

Mesmo sem querer, inicialmente, realizar as práticas de benzimento, a benzedeira, ao dar início ao processo de aprendizado, se viu diante de uma missão que, se aceita, seria algo que carregaria para a vida toda. Mesmo com toda a insegurança de quem inicia uma missão, se rendeu às práticas da benção, por ver e sentir que tal atividade era um chamado de Deus. Essa missão ela desempenha todos os dias, onde quer que esteja e a quem quer que precise, sem nenhuma distinção, pois, segundo as suas palavras, “*é algo que eu faço com muito amor e dedicação a Deus. Se até hoje Deus tá me dando forças e saúde todos os dias, então não posso me recusar a ajudar, pois eu também me sinto bem ajudando. Eu ajudando tou sendo ajudada*.”. O benzimento, para os benzedores da pesquisa, é como um presente, descrito por Mauss (2015), onde a retribuição do que se está doando é recebido no seu ato. “Estar benzendo é receber de volta, reciprocamente. A cura, não se dá por uma das partes, mas pela troca que é estabelecida ali, o que retira a responsabilidade de saúde e cura da mão somente do benzedor, rezador, xamã, etc.” (RODRIGUES, 2018, p. 102).

Por serem pessoas que tiveram o início de suas práticas a partir de um ensinamento, diferente das demais, que possuíram sua iniciação por espíritos, anjos e divindades, poderíamos ter esses benzedores pensar que teriam menos prestígio na sociedade que aquelas que dizem ter adquirido o dom através de seres sobrenaturais e experiência mística, conforme se passou na pesquisa de Quintana (1999). Entretanto, em Amaturá, isso logo se mostrou não verdadeiro, conforme as falas dos próprios benzedores, que sempre tiveram um fluxo intenso de pessoas de pessoas atrás de seus benzimentos:

*Antes de eu vir morar aqui ia muita gente lá no sítio atrás de mim pra cuidar de doentes. Ia gente tanto de lá das outras comunidades quanto daqui de Amaturá mesmo. Iam de baleeira daqui, de motor rabeta ou à remo. Não importa como, mas sempre iam lá. Quem confiava no que eu fazia ia sempre lá, e voltavam sempre que outra pessoa precisasse. Iam um dia levando o filho, depois de um tempo iam levando sobrinhos, e assim iam me indicando e indo lá. Às vezes eu não podia nem dormir direito à noite. Quando eu mal dava um cochilo já estavam chamando pra eu ajudar em alguma coisa ou cuidar em alguma doença (Raimunda, entrevista/2020).*

*Aqui em casa era todo o horário. Todo dia e toda hora que eu estava aqui em casa eu tava benzendo alguém. Eu não negava reza pra ninguém. Até de noite cegavam e eu atendia, porque a pessoa não viria na tua porta se não tivesse precisada mesmo né. Tinha gente que chegava de noite e de madrugada chorando aqui pra benzer. Tinha noite que vinha vários (Milton, entrevista/2020).*

*Aqui na porta de casa, na varanda, quando dava cinco (5), seis (6) da manhã já tinha gente me aguardando. Já tinha fila de gente me aguardando acordar pra poder benzer, quando não era doença tão grave. Mas se fosse coisa séria, eles batiam aí, não importava o horário, e eu nunca dizia não pra eles. É essa a minha missão. (Zenaide, entrevista/2020).*

Essa confiança nas práticas de benzeduras, independente da forma de origem do seu aprendizado, é algo notado tanto entre os benzedores quanto entre os benzidos. A confiança que a população tem nas benzedoras e benzedores são, em muitos aspectos, semelhantes às crenças nos antigos pajés, pois “os povos tradicionais da Amazônia herdaram hábitos e modos de interagir a partir da visão do índio que conseguiu manter parte de seus costumes na sociedade amazônica que ele ajudou a produzir” (TRINDDE, 2011, p. 66). Isso é percebido em muitos casos, onde inicialmente se procura o rezador ou benzedor para o tratamento de determinada doença. Isso mostra a confiança que há da população com a via tradicional, com as ervas e plantas, e com quem realiza tais atividades ou, por quem sabe, ser enfermidades que a população já é ciente do não tratamento pela medicina clínica, como é o caso do professor Silva, 33 anos,

e do comerciante Carvalho <sup>41</sup>, 65 anos, que informam fazer uso dos benzimentos no município sempre que necessário.

A confiança nos benzedores é tanta que o professor Silva nos informa que: *“eu nem levo mais minha filha no médico quando eu percebo que é quebranto ou mal olhado. Já levei várias vezes, já tomou remédio, e nada. Pra essas doenças só a benzeadeira que dá jeito mesmo e sabe as ervas certas. Com elas é tiro e queda”*. Já o comerciante Carvalho nos diz que: *parente, quando eu vejo que tou ruim, que tou pra baixo ou quando aparece alguma coisa estranha no meu corpo, eu corro logo lá no benzedor, que na hora ela me atende, me dá remédio que ele faz com as plantas medicinais e resolve em duas três benzidas*. Os benzidos confiam na eficácia das benzições e nas plantas. A confiança é tanta que sempre retornam, quando necessário, ou até indicam as benzeduras para outras pessoas. *Sempre que alguém me fala que tá doente com determinado problema que só a benzeadeira trata, eu já indico logo o dona Raimunda Silva, entrevista/2020*).

A interpretação mágico-religiosa da doença, seja ela de ordem fisiológica ou psíquica, acaba por gerar uma relação de confiança entre o doente e o terapeuta, nesse caso específico representado pela benzeadeira, ambos pertencentes a um mesmo grupo social, portanto conhecedores dos mesmos problemas econômicos, sociais e culturais que pode produzir melhoras, mesmo que momentâneas, geradas por uma liberação de afetos (SOUZA, 2002, p. 109).

A legitimidade aos benzedores e ao seu tratamento é dado por aqueles que procuram os seus serviços, e que acreditam que eles sejam possuidores de um saber que é muitas vezes inexplicável, mas com eficácia mais que suficiente para combater o mal que atingem seus corpos.

Desde as primeiras sondagens sobre quem realizasse tais práticas no município os benzedores da pesquisa eram apontados pelos informantes. Sempre com falas “vai naquele benzedor que ele é muito bom”, “determinado senhor, que mora ali, que é bom e benze pra tudo”, “aquela senhora que é boa mesmo, ela tem o dom”.

Nos benzedores de Amaturá se notou de forma muito clara a relação de confiança e de reconhecimento da comunidade com quem realiza as práticas de benzimento. Cada um a quem perguntasse informava não apenas um, mas sim vários benzedores ou benzedoras em quem confiassem e que sempre levavam ou os indicavam a algum familiar, independente da forma

---

<sup>41</sup> Silva e Carvalho são os sobrenomes dos interlocutores (o primeiro é professor da rede municipal de ensino que busca auxílios dos benzimentos para o seu cuidado, o cuidado de sua mãe, e para o cuidado de sua filha; o segundo é comerciante e sempre que precisa utiliza dos serviços dos benzedores).

que se deu seu aprendizado - sendo ela adquirida como um dom ou não -, culto religioso, as estratégias para a cura da enfermidade que afeta o doente.

## 4 - AS PRÁTICAS DE BENZIMENTO EM AMATURÁ

### 4.1 Os benzedores e as simbologias da benção

O benzimento está presente nos mais variados espaços ou nos mais variados símbolos e templos. Em Amaturá, ele pode ser percebido seja na igreja católica, no momento em que o padre solicita para a população levar seus objetos religiosos para serem benzidos - imagens de santos, velas, terços ou água -, nas igrejas neopentecostais - quando o pastor pede para que os fiéis ergam suas mãos para realizar a oração sobre a bíblia, sobre quem está enfermo ou interceder sobre aquele que irá realizar a explanação do evangelho no púlpito -, ou nos momentos de benzimento - no qual o benzedor realiza sobre as plantas antes de realizar os rituais de benzedura ou no próprio benzido. Em todos esses momentos existe a utilização do benzimento pelo ser humano para com divindades ou forças sobrenaturais, trazendo assim uma maior possibilidade de alcançar aquilo que se almeja, sem que maiores empecilhos sejam encontrados, pois, segundo Tramonte (2001), “são culturas populares e que não causam nenhum dano à sociedade”.

Os benzedores, segundo De Moura (2009, p. 46), “são pessoas portadoras de um poder especial, que podem controlar as forças desencadeadoras de desequilíbrios”. A partir da benção ou do ato de benzimento – onde são considerados atividades mágico-religiosas -, buscam assegurar o desempenho da regularidade que se objetiva, interrompendo aquela anormalidade que ameaça o bem-estar físico (DE MOURA, 2009). Os praticantes do benzimento se comportam como intermediários e alicerces da crença popular, por serem firmados como pessoas que possuem dádiva divina. Eles criam e reorganizam mecanismos e formas de manuseio da medicina popular e tem como foco a recuperação e cura de seus clientes.

Os agentes da benção atuam a partir de recursos divinos e mágico-religiosos para reestabelecer a saúde daqueles que se encontram em estado de desarmonia física. “Suas benzeduras são compiladas cuidadosamente, diferindo em muito do generalismo com que são eram tratadas as “feitiçarias” (TRAMONTE, 2001, p. 28).

Na benção “não há separação entre corpo e espírito, havendo dessa forma uma ligação direta entre o homem e o sagrado. Para cada enfermidade sempre haverá uma jaculatória específica, em que o sagrado atuará combatendo os males que afligem o corpo e a alma” (TRINDADE, 2011, p. 85).

A religiosidade é percebida inicialmente desde o chamado que alguns benzedores nos informam ter sentido por Deus para o ofício da benzedura ou como cada um encara a sua missão

enquanto prática a ser realizada em sua passagem terrena. É o que nos diz uma de nossas entrevistadas:

*Eu acho que foi um dom que Deus me deu, porque do nada eu começava a rezar e eu sentia a sensação que eu tinha que fazer algo. É um chamado, só pode. Não sou eu que faço as coisas. É Deus e os santos a que sou devoto. Quando vou cuidar de alguém eu digo que não é a minha mão que está ali, mas sim a de Deus. Eu sou apenas um instrumento de Jesus. É assim que eu faço, eu peço pra Ele, e quando menos penso a pessoa já está bem. Tudo que eu faço é em nome de Deus (Maria, entrevista realizada em 2020).*

Também podemos perceber nas falas de outro entrevistado:

*Eu sempre pedia pra Deus pra de alguma forma eu pudesse ajudar as pessoas que precisassem, assim como me ajudavam sempre. E eu só peço a Deus pra continuar me ajudando e dando saúde, pois essa é uma missão que a gente ajuda a todos sem nada em troca, com a graça de Deus. Eu aprendi essas coisas com o poder de Deus. Foi Ele que pediu pra eu fazer essa obra e cuidar das pessoas. Foi um chamado que eu tive. (Francisco B., entrevista realizada em 2020)*

“Reconhecer o dom do benzedor é legitimar o ofício dado a ele por Deus do qual não deve se esquivar” (TRINDADE, 2011, p. 86). É a união dos saberes da medicina popular, as ervas, e o sagrado, que tornam a doença curável, a partir da intervenção dos benzedores. As rezas, os chás, os movimentos corporais, possuem um sentido, e, assim, tornam-se eficazes, se estiverem inseridos dentro das práticas do ritual do benzimento, pois, fora dele, perde seu poder, perdem sua significância, não podendo operar mudanças no estado do paciente (QUINTANA, 1999).

O ofício da benzedura e do “ser benzedor”, exige diversas responsabilidades e obrigações de quem o exerce. Mesmo assim é uma dádiva para eles, e como toda dádiva, é uma missão que deve ser desempenhada enquanto puderem, sem haver cobrança de valores. Sempre que aparece a necessidade do atendimento não podem recusá-los, pois faz parte das suas obrigações de benzedor. Um exemplo sobre essa disponibilidade e na não negação de atendimento fica clara no discurso de um dos benzedores, ao relatar sobre um atendimento:

*Teve uma vez aqui que apareceu uma criança doente. Os pais dela eram lá de São Sebastião<sup>42</sup> e aí a doença pegou na criança. A criança estava com uns quatro ou cinco meses, e do nada ela começou a chorar, chorar, chorar e chorar. Eles tentaram acalmar ela, deram remédios, e nada. Aí trouxeram a menina pra cá pro hospital. Chegando lá deram o remédio e nada de melhorar. Aí não sei quem indicou para o pai da menina que eu sabia rezar pra isso e trouxeram aqui pra mim. Quando eles vieram aqui eu tava acabando de chegar da roça. Me contaram que tinham vindo aqui me chamar pra cuidar do filho dele que estava bem mal. Aí eu perguntei o que*

---

<sup>42</sup> Comunidade que fica localizada na zona rural de Amaturá.



*ele tinha e disse que iríamos sim. Na hora fomos lá. Nem tomei banho ou comi alguma coisa antes de ir. Só fiz deixar o aturá em casa e fui pra lá com ele.*

*Quando a gente ia chegando lá já dava pra ouvir de longe o choro da criança. E quando cheguei lá a criança estava chorando muito forte, que chega ela se entortava toda. A mãe e a tia estavam do lado dela chorando também. Estavam desesperadas. Então eu fui verificar o pulso e a doença estava muito alterada, por conta que ele estava muito forte. Então a tia dela me perguntou o que eu achava e se eu achava que a criança ia ficar boa. Então eu disse: “olha, eu não sou Deus, mas se vocês confiarem Nele, na minha reza e tiverem fé, ela vai ficar boa”. Então disseram que confiavam sim.*

*Depois disso eu comecei a rezar. As tias e a avó estavam chorando e dizendo que a menina já ia morrer. E eu sempre dizia que não, que ela não ia morrer. Então eu rezei, rezei e rezei. A criança não tava mais pegando peito, então eu falei que se em cinco ou dez minutos depois de eu rezar, a criança pegasse peito ela iria viver sim. Depois disso eu fui embalar numa rede que tinha lá e esperar. Aí a criança começou a chorar, chorar, e depois foi acalmando. Aí eu levantei, fui lá e falaram que a criança já tava pegando peito. Depois eu rezei de novo e disse que já ia voltar pra casa pra comer e descansar. Eu estava com fome e que precisava tomar meu banho, mas caso a criança tornasse a ficar ruim era pra ir lá comigo que eu iria rezar mais três vezes nela.*

*Cheguei em casa, tomei banho, colocaram a janta pra mim, comi e depois fui deitar umas onze horas. Quando deu meia noite vieram atrás de mim, que a criança já estava do mesmo jeito de novo e que achavam que ela não ia escapar porque ela estava pior que antes. Então eu fui lá de novo. A criança estava chorando bastante de novo. Eu peguei ela no colo, rezei nela, depois devolvi ela pra mãe e comecei a rezar nela mais uma vez. Eu disse de novo que se em dez minutos ela pegasse peito então ela ficaria boa. Daí eu fui deitar na rede de novo e a criança foi maneirando mais. Depois eu fui atrás da criança e ela já estava dormindo. Rezei nela mais trezes vezes e completei as rezas que tinha que rezar. E aí eu retornei pra casa. Já era cinco horas da manhã. Já estava claro o dia quando voltei pra casa. Eu só fiz chegar em casa, tomei meu café e fui com a mulher e meus filhos pra roça de novo. Esse dia foi bem puxado pra mim, mas eu tinha que ajudar. É o meu dever (Francisco F. entrevista realizada em 2020).*

Pensamento e atitude parecida a do benzedor, citado acima, é compartilhada por dona Maria, ao também ser perguntada sobre o horário a qual realiza seus atendimentos:

*Atendo em qualquer momento. Já veio gente de madrugada e eu atendi. Eu sempre atendo, independente da hora. Não faz muito tempo chegou um homem aqui chorando que o filho dele estava mal. Eu estava com uma tamanha massa de farinha pra torrar. Estava eu e mais duas mulheres torrando a farinha, mas vendo o estado do homem, e por ter a minha missão, eu parei tudo e fui lá ajudar. Porque pra doença não tem hora, e para fazer o bem muito menos. A gente tem que ajudar sempre que pode. Essa é a minha missão. Eu vou carregar ela comigo e vou cumprir ela até o dia da minha partida dessa terra. Eu só não atendo se eu tiver doente e isso me impossibilitar de estar bem com meu espírito (Maria, entrevista realizada em 2020).*

Trazemos também a fala da dona Zenaide, quando perguntamos sobre o seu horário de atendimento, ela nos responde: “Tem gente que chega aqui e pergunta: dona Zenaide, a

*senhora reza agora? E eu sempre digo: pra Deus e para ajudar a quem precisa não tem hora, a qualquer hora eu estou aqui pronta para servir. A hora que a pessoa chegar atrás de mim eu atendo”. Ela não esconde alegria em desempenhar suas atividades, “O meu trabalho eu faço com muito amor. Eu faço aquilo conforme eu posso, ajudando com fé em Deus para que aquela pessoa melhore e fique boa, pedindo sempre de Nossa Senhora da Saúde, de São Cristóvão, de Nossa Senhora do Carmo” (Entrevista realizada em 2020).*

O dom da benzedura não coloca a benzedeira ou o benzedor em posição de superioridade ou inferioridade sobre o benzido, mas lhe impõe uma sagrada missão que deve ser desempenhada com todo o empenho, gratuidade e dedicação: a de sempre praticar a benção a quem dela necessita (SOUZA, 2002).

Quanto à cobrança sobre as orações e benzimento, nos é falado: *“é pecado cobrar reza e cobrar pra ajudar o outro quando doente. Isso é algo que a gente deve fazer com muita alegria e sem querer nada em troca. Porque isso é uma missão e não um trabalho” (Milton, entrevista realizada em 2020).* E realizar essa prática é algo que proporciona felicidade ao benzedor, mesmo sem nenhum tipo de remuneração. A gratidão em ajudar o próximo é comparada por um dos entrevistados como a de um pai prestando auxílio a um filho:

*Benzer e curar as doenças pra mim é o mesmo que uma pessoa pedir ao pai dois reais pra comprar pão. O pai, se tiver o dinheiro, nunca vai negar aqueles dois reais pra matar a fome do filho. Ele vai e dá na hora o dinheiro para o seu filho, com muita alegria, por saber que ele está podendo acabar com aquela angústia do filho. E assim sou eu, eu fico muito feliz em poder ajudar as angústias dos outros, com o poder do papai do céu (Francisco B., entrevista realizada em 2020).*

O benzimento, por fazer parte da religiosidade popular, onde as pessoas são tratadas a partir da palavra (oração) do benzedor, pode, inicialmente, soar como práticas utilizadas apenas por pessoas que estejam às margens da sociedade, de classes subalternas e com baixo grau de escolaridade ou acesso aos serviços de saúde. Entretanto, tais pensamentos foram sendo desconstruídos desde o início da pesquisa, ainda enquanto estava à procura dos benzedores em Amaturá, conforme já relatado acima, onde obtive o conhecimento sobre uma das benzedadeiras através da conversa entre dois professores no corredor de uma escola. O discurso de um dos nossos interlocutores só reforça tal pensamento sobre a variação de público que busca atendimento:

*Eu rezava em todo mundo. Muita gente vem me procurar. Eu sempre rezava nos vereadores, professores, nos comerciantes, no prefeito. Eles mandavam me chamar ou então iam lá comigo na prefeitura, que era onde eu trabalhava como viga. Eles também me levavam os filhos pra rezar. Inclusive lá dentro da igreja eu fui rezar muitas vezes. Eu rezei no prefeito lá. No Luiz Pereira eu rezei na igreja. Cansei de ir lá dentro rezar nele (Milton, entrevista realizada em 2020).*

Essa variação do público, que independe de sua classe social ou escolaridade, também é percebida através da fala de outro participante do estudo:

*Aqui eu atendo de tudo. Todo mundo que vem eu atendo. Atendo professor, estudante, idoso, jovem, adulto, criança, filho de doutor, enfermeiro, doutor, comerciante, vereador, pescadores, agricultores, ou seja, lá quem mais precise. Outro dia me pediram pra fazer até um chá para o padre que tava doente. Então quem me procura eu ajudo no que tiver dentro das minhas condições (Francisco F., entrevista realizada em 2020).*

Percebe-se que o público atendido durante as práticas de benzimentos não fica restrito em apenas um grupo ou classe social. Quintana (1999, p. 178) fala que “ainda que o cliente pertença a um grupo social mais elevado que a benzedeira, esses processos o colocam numa posição de dependência em relação àquela”. O benzimento, em Amaturá, dá auxílio para todos os que dele necessita, incluindo a líderes religiosos – como, por exemplo, os padres - e profissionais da saúde institucional – como, por exemplo, médicos, enfermeiros e técnicos em enfermagem.

O local usado para as práticas de benção não se limitam às moradias dos benzedores e dos seus benzidos. As práticas também se estendem para seus locais de trabalho e templos religiosos, como é o caso do senhor Milton, que além da realização na área externa da prefeitura de Amaturá, se dirigia para a igreja para que ali benzesse as pessoas, a partir da solicitação das mesmas. Não ficou claro para o benzedor o motivo da escolha dos clientes na realização das práticas de benzimento nos templos. Talvez a escolha do local se dava com o objetivo de fortalecer a eficácia das orações e rezas, dando maior simbolismo religioso entre o sagrado e as benções, ou então eram motivados pelas inseguranças e possíveis preconceitos sobre as práticas das benzeduras e sobre os seus praticantes. Independente do motivo, ele não se recusava em atendê-los, muito menos se incomodava de realizar suas benzeduras nos locais escolhidos, independente de qual fosse.

Trindade (2011, p. 87) expõe que “crer no divino não é exclusividade das classes populares da sociedade”. “O sagrado da cultura popular – tantas vezes menosprezado como superstição – é procurado, no entanto, como recurso de cura quando parecem esgotadas as possibilidades de tratamentos advindos da medicina científica (PEREIRA E GOMES, 2002, p. 145)”.

Acreditar nos praticantes dos saberes tradicionais de benzimento e na sua eficácia não depende de comprovada cura da enfermidade. “*Não adianta eu estar aqui rezando em você e você não ter fé no que eu faço. Se não acreditar que aquilo pode te fazer ficar melhor não vai te fazer ficar. Porque só combate se tiver fé. Sem fé não há cura*” (senhor Francisco F., entrevista realizada em 2020). Dona Raimunda também fala sobre a importância da fé para as

práticas de benzimento. Ela diz: *“a fé é tudo, sem fé não tem cura. Não adianta nada eu ter fé pensando que vou poder te ajudar em nome do Senhor se tu acha que isso não vai acontecer. A fé tem que existir de ambas as partes”* (Entrevista realizada em 2020). Já a dona Zenaide nos diz que *“se a pessoa vem aqui e não tem fé em Deus, então é difícil curar. Eu não quero que ela acredite em mim ou tenha fé em mim, mas sim em Deus. É Ele que faz tudo acontecer. E eu sou só alguém que reza mesmo”* (Entrevista realizada em 2020). Essa fé e confiança é algo que também se nota entre os que procuram os benzedores: *“sempre que estou doente vou lá no benzedor. Eu sei que com o saber que eles têm, e com a fé em Deus, eu vou ficar bom”* (Carvalho, entrevista/2020). *“Eu creio em Deus, e creio que essas pessoas que nos ajudam também creem, pois o que eles fazem é especial, é coisa divina”* (Silva, entrevista/2020).

Tais práticas ganham mais teor religioso quando acompanhada de seus objetos utilizados nos benzimentos. Os participantes da pesquisa não possuíam um altar de santos em suas casas ou símbolos religiosos tão expressivos em primeiros momentos. Mas conforme o decorrer da pesquisa, os símbolos religiosos foram surgindo aos poucos aos olhos do pesquisador. A benzedeira Maria, por exemplo, os elementos foram surgindo de forma mais nítida apenas nas realizações de benzimentos.

*Dona Maria está em sua casa, conversando com uma de suas vizinhas e colegas, quando surge um menino, apenas de chinelo e calção, acompanhado de sua mãe, por volta das 11:30 da manhã. A vizinha, já percebendo que se tratava de um benzimento, despede-se e parte. Era o retorno de um benzimento. Eu, a uma certa distância, solicito para acompanhar o benzimento. Logo recebo a afirmativa da mãe do rapaz e do mesmo, não aparentando um certo desconforto com a minha presença.*

*A benzedeira puxa então uma cadeira branca de plástico para o menino sentar. Ele senta de costas para a rua e de frente para a benzedeira. Dona Maria começa a conversar com a mãe sobre o processo de recuperação da enfermidade do adolescente, enquanto vai suavemente massageando o peito do adolescente. Logo em seguida, ela adentra a sala de sua residência, acende uma vela, situada abaixo de uma imagem de Nossa Senhora da Saúde e de uma imagem de Jesus, que estão na parede da sala. Após isso, ela retoma para a varanda da sala com um terço branco envolvido na mão esquerda, e na mão direita uma raminha de vassourinha. Fazendo gestos em formato de cruz, com a rama na mão, vai realizado suas orações em tom de voz baixo, com pequenos sussurros. Repete os gestos por três vezes. Logo após, reza a oração do Pai Nosso e Creio em Deus Pai, retoma a massagem no peito do adolescente e encerra*

*os seus trabalhos. A mãe agradece pelas orações e parte com seu filho. (Diário de Campo, dia 11 de setembro de 2020).*

Dona Maria explica que o adolescente estava com peito aberto, algo que ocorreu ao realizar um esforço brusco. Ela explica que o movimento das mãos, fazendo formato de cruz, representa a Santíssima Trindade: O Pai, O Filho e o Espírito Santo. O número de repetições em que ela reza em cada pessoa é de três vezes, podendo ser rezados em três dias ou três períodos distintos (manhã, tarde e manhã do dia seguinte). Mesmo que a representação da Santíssima Trindade não seja algo que foi visto em todos os benzedores de Amaturá, como no caso de dona Raimunda e do senhor Francisco F. (evangélicos), o número três sempre estava presente.

Três, ou o múltiplo de três, é o número de vezes que podem ser utilizadas para benzer alguém. Em relação a essa benzedura, que pode ser estendida em até nove vezes, como é o caso de dona Zenaide, ela informa que o número tem como referência o número de terços que possuem um novenário, em especial o da Santa (Nossa Senhora da Saúde) a qual pede proteção antes das suas benzeduras. Essa relevância ao número três ou ao seu múltiplo, também pode ser percebida na pesquisa de Penaforte (2021) sobre as rezadeiras de São Paulo de Olivença, que, em ocasiões era usado para o número de benzeduras a serem realizadas, para o número de sopros que eram dados durante determinadas benzições, para o número de determinados ingredientes em receitas. A pesquisadora ainda diz que:

O número três representa um simbolismo inegável na vida das rezadeiras, em suas rezas, pedem para que seus benzidos as procurem três vezes para completar a reza e fiquem livres de suas doenças, tem que se completar as três rezas, mesmo se sentindo bem, senão a doença pode retornar com mais força, debilitando ainda mais o benzido (PENAFORTE, 2021, p. 72).

Quintana (1999, p. 181) fala que “a cruz tem um espaço muito forte nessa terapêutica, uma espécie de apropriação da cruz cristã”. O referido sinal, onde as linhas de direções distintas se encontram “pode querer indicar ao mesmo tempo centralidade e marginalidade, composição e dissociação, e o elemento mais significativo que se pode extrair desse exemplo de cruzar é sua relação com uma medida ou equilíbrio” (QUINTANA, 1999, p. 181).

O sinal da cruz é feito pelo benzedor ou benzedora, com uma rama na mão, de forma alternada, entre a cabeça e o corpo do indivíduo. São três (3) cruces feitas na cabeça e três (3) cruces no corpo antes de iniciar a benzição, mais três (3) na hora cabeça e no corpo na metade da oração, e, no final do benzimento mais três (3). Todos os benzedores dizem realizar tais gestos em forma de cruz no corpo dos benzidos, exceto dona Raimunda que nos diz que em vez da realização da cruz, ela ergue suas mãos para o céu realizando suas súplicas enquanto ora.

Quanto ao terço, De Moura (2009), em sua pesquisa sobre os benzedores de São Luiz do Paraitinga (SP), nos fala que:

No universo católico, é profundo o simbolismo atribuído ao terço. Em sua circularidade, está representada a ideia de totalidade, de unicidade. Ao circundar a pessoa com o terço, o benzedor ou a benzedora, intenciona envolvê-lo com seu poder. Criando um círculo de cura, fecha-se o corpo contra os males, fazendo-os desaparecer ou anulando seus efeitos. Entretanto, para compreender de forma mais ampla o simbolismo assumido por este objeto no ritual, faz-se necessário levar em conta o valor simbólico local, arraigado à tradição mantida na comunidade, na qual a confecção do terço é um dos elementos da educação dos moradores (DE MOURA, 2009, p. 40).

Algo bastante importante para as práticas de benzimento são os espaços destinados para a realização das atividades. Entre os locais reservados pelos benzedores para a realização das benzeduras estão: as varandas (em 3 participantes), as salas (em 2 dos benzedores) e o quarto (no caso de uma benzedora).

A explicação da escolha dos locais para o benzimento são dadas pelos próprios benzedores durante a pesquisa. O senhor Milton informa que o lugar de benzimento escolhido por ele é a varanda de sua casa. Inicialmente remeto a pensar que determinado local seria escolhido para que a sua família não tivesse sua privacidade atingida ou por ser um ambiente arejado, entretanto o motivo apresentado é outro. Durante o diálogo, quando pergunto se o espaço destinado para o benzimento é sempre a varanda, ele responde:

*Sim. Eu só benzo lá na frente de casa. Eu não trago as pessoas pra benzerem aqui na sala ou aqui dentro de casa não. Só trago eles pra cá se não tiver outra pessoa da minha família perto. Os mais antigos diziam que não prestava a gente trazer gente doente lá de fora pra dentro de casa pois a doença que a gente tá expulsando da pessoa pode passar para a pessoa que tá benzendo ou para algum familiar daquela casa (Entrevista realizada em 2020).*

Dona Zenaide também tem o mesmo pensamento quanto ao benzimento na varanda da sua casa. *“Eu sempre só benzo na frente de casa, pra poder a doença da pessoa não tentar me atacar também. Depois que ela sai da pessoa, pode passar pra gente”* (entrevista realizada em 2020).

No caso de dona Raimunda, o lugar escolhido é o quarto de sua casa, ao lado de sua cama. O espaço escolhido fica próximo à sua bíblia. *“Eu sempre costume orar e cuidar da pessoa mais lá dentro por isso ser uma coisa íntima de cada pessoa que está necessitada, e por mim também, que sou evangélica, e gosto de orar num lugar mais tranquilo”* (Entrevista realizada em 2020).

**Fotografia 17:** Lugar onde dona Raimunda realiza suas atividades de benzimento.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

Para realizar os atendimentos quando há mais de uma pessoa aguardando, ela faz uma espécie de “triagem” para ver qual atende primeiro: *“se vem dois (2) ou três (3) na mesma hora eu atendo o que chegou primeiro ou então aquele que tá mais necessitado e tem preferência no atendimento. Eu chamo um por vez e peço pra entrar lá no quarto onde eu costumo orar nas pessoas”* (Raimunda, entrevista realizada em 2020). A benzedeira realiza seus atendimentos parecidos aos que acontecem nas unidades de saúde, onde os pacientes são atendidos conforme necessidade e urgência de cada atendimento. Uma pessoa com um dedo desmentido, mediante a dor que ele está sentindo, tem prioridade de atendimento em relação a quem está retornando para uma benzedura já iniciada anteriormente. Isso é uma demonstração clara de empatia com os benzidos e a manutenção da organização no seu espaço de benzimento.

No caso do senhor Francisco B., o espaço escolhido de sua casa para o benzimento é o que nos remete a uma sala de jantar. *“A casa é o lugar mais expressivos dos espaços fechados: a consagração transforma quartos, salas e quintais em altares onde os rituais são realizados”* (PEREIRA e GOMES, 2002, p.151). Após a entrada em sua casa há a sala, onde possui sua televisão, um armário, uma pequena estante e algumas fotografias. Seguindo adentrando a casa

chegamos onde está um espaço vazio, de pisos e paredes de madeira, onde ficava a sua sala anteriormente. Com a retirada dos móveis desta antiga sala o espaço (com cerca de 10 metros quadrados) ficou destinado unicamente para a prática de benzedura. Nesse local há apenas uma cadeira vermelha de plástico no canto da sala, encostado na parede, ao lado de uma janela, responsável por clarear e ventilar o ambiente.

Enquanto o benzedor realiza suas rezas e orações, em formas de pequenos sussurros, ele vai fazendo movimentos com as mãos, como se estivesse retirando a enfermidade da pessoa benzida. A prece é a “ponte direta” do benzedor com Deus, santos ou divindades, durante as práticas de benzeção. Talvez por ser um momento sagrado, onde os seus mistérios não possam ser revelados é que tais momentos sejam sempre relatados como “quase inaudíveis” - soando como sussurros, tornando a reza ou o benzimento algo mais mágico. (DE MOURA, 2009).

**Fotografia 18:** O senhor Francisco B., realizando o benzimento em uma criança com quebranto.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

O benzedor Francisco B., reproduz movimentos, em uma das suas benzições - de forma simbólica e invisível aos olhos humanos -, a retirada do mal do corpo de uma criança, sentada ao colo da mãe que estava com quebranto. Após a reprodução da retirada do mal, há movimentos como forma do arremesso da doença para a área externa da residência, ao mesmo



tempo em que também faz menção de assopros para a expulsão das enfermidades. Não há imagens de santos ou quaisquer outros símbolos religiosos neste espaço, mesmo assim é este o seu espaço sagrado da casa. “*É aqui que eu benzo, é só aqui que benzo sempre, e todo mundo aqui de casa sabe disso. É o espaço sagrado*”, diz o benzedor.

**Fotografia 19:** Lugar onde o senhor Francisco B., realiza suas benzições



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

O ritual da benzeção é rico em simbologia. Todos os elementos são partes constitutivas de um espetáculo: o local aonde se benze, os objetos, as orações e a expressão corporal. Benze-se não apenas com o poder da oração e os objetos sagrados, mas também com os gestos, com o semblante e com o olhar. Esses elementos unificados garantem a crença na eficácia do ritual de benzeção, cujo objetivo é restaurar o equilíbrio perdido e unificar o que antes estava fragmentado, uma vez que a “a salvação está na conciliação dos opostos, no retorno à unidade fundamental, no reencontro do absoluto” (GOMES & PEREIRA, 1989, p. 51).

Essas simbologias agregam maior teor religioso às práticas de benzimento, transparecendo assim uma maior afirmação religiosa para o benzido e, possivelmente, dando maior eficácia no combate da enfermidade, visto o foco ser pautado apenas em benevolência para com o outro. Essas práticas são recobertas de uma simbologia que se atêm às coisas do cotidiano das sociedades e àquilo que faz sentido para os indivíduos, dentro de um sistema de significados compreensíveis para os envolvidos. Os benzedores e benzedoras ganham assim

um status de protetor das práticas, do mágico, do religioso, criado e recriado ao passar dos séculos e com a transferência de tais saberes para as gerações futuras. “A cura e alívio dos males proporcionado pela benção só se realiza quando benzedeira e benzido estão dispostos a seguir os critérios e normas de uma linguagem e ritual bem específico” (TRINDADE, 2011, p.100). Dessa forma que o benzimento se revela, com alusão ao que lhe é sagrado, os símbolos, e demais recursos utilizados para combater as enfermidades e os males que atingem as pessoas que vivem em seu meio social.

#### **4.2 Os recursos naturais utilizados no benzimento**

Os recursos naturais utilizados para a prática do benzimento são os mais variados possíveis. Em conjunto com as rezas e benzeduras tem como objetivo auxiliar no combate às doenças, assim como recuperar e reestabelecer a saúde do enfermo.

Para a composição da prática de benzedura e do processo de reestabelecimento da saúde do enfermo, as benzedeiras e benzedores podem contar com vários objetos e recursos para compor o ritual, como por exemplo, ramos de pinhão roxo, arruda, vassourinha, gestos corporais, agulha, folhas, linha, etc., além de um apanhado de orações e rezas, aprendidas através de ensinamento de familiares ou por meio de experiências sobre-humanas.

Existem diversas espécies de plantas do mato ou ervas que são usadas nas práticas de benzimento no município de Amaturá. Geralmente esse conhecimento sobre as espécies e suas funcionalidades são repassadas por meio do conhecimento popular, a partir das disponíveis na região. De Araújo (2016), em sua pesquisa realizada sobre a prática de benzimento, nos fala que os processos de cura, a partir de propriedades da natureza, têm por objetivo reestabelecer a conexão do indivíduo com o meio ambiente e com o próprio ser. O ser humano buscou maneiras de integrar o campo espiritual aos ambientes e recursos naturais, almejando como resultado para tal conectar suas energias às da natureza.

Em relação às práticas de benzimento em Amaturá não é diferente, esses recursos também são muito utilizados no dia-a-dia. São quase que na sua totalidade compostos de ervas e plantas - as quais são retiradas da natureza ou plantadas pelos mesmos nos jardins de suas residências - que foram citadas pelos benzedores e aqui serão apresentadas. Haverkort e Millar, (1994) informam que “existe o costume de manter essas plantas, ditas sagradas, perto dos locais onde se realiza os rituais”. Essa característica é encontrada não apenas no município de Amaturá, mas também em demais localidades e cidades.

**Fotografia 20:** Benzedeira Maria mostrando o seu jardim, onde cultiva as ervas e plantas que utiliza nas práticas de benzimentos e na confecção de seus remédios caseiros.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

As informações, sobre as ervas ou demais recursos extraídos da natureza, foram repassadas durante as entrevistas ou a partir das idas e vindas à casa dos benzedores para que as dúvidas sobre a pesquisa fossem sanadas. As informações coletadas foram registradas por meio de gravador de voz ou a partir de anotações no diário de campo. O uso de vegetais e os insumos extraídos das mesmas são muito utilizados em Amaturá, eles servem tanto como amuletos de proteção do corpo quanto para o preparo de medicamentos, banhos, etc.

No meio Amazônico é comum o uso de ervas e plantas para as práticas de benzedura ou proteção. São conhecimentos repassados de geração em geração no município de Amaturá, independente do grau de escolaridade que as pessoas possuam ou classe social que elas façam parte.

Boa parte dessas ervas ou plantas serão aqui registradas e apresentadas como uma forma de disseminação de informação, não apenas no meio científico, mas, sobretudo, no meio popular, para auxiliar cada um que possa necessitar de tais saberes. Primeiramente serão catalogadas a partir de seus nomes populares, em seguida por seus nomes científicos, e, por

fim, as enfermidades por elas combatidas. Algumas dessas plantas, ervas, caules, frutos e raízes encontradas durante a pesquisa foram:

**Alçafrão** (*Crocus Sativus*). É usado contra cólicas (em crianças ou adultos), vômitos, diarreia e também é utilizado para a realização de banhos e chás;

**Alho** (*Allium sativum*). É usado na realização de banhos contra quebranto, mau-olhado e espanto;

**Alho brabo** (*Allium neapolitanum*). É usado para a realização de banhos e defumações contra quebranto, mau-olhado e espanto;

**Andiroba** (*Carapia Guianensis Aubl*). É utilizado como cicatrizante, anti-inflamatório, na realização de chás e de pomadas para massagear locais machucados ou com desmentituras;

**Arruda** (*Ruta Graveolens*). Utilizada para o combate da ezipra e machucados (na forma de folha amassada) e também usada para banhos em crianças;

**Boldo** (*Peumus Boldus*). Usado, na confecção de chás para o combate de febres, gripes e lombrigoides. Também é utilizado na realização de banhos para crianças de 0 a 5 anos;

**Capim Santo** (*Cymbopogon Desinflorus*). É usado como calmante e dores encefálicas. Também é utilizado na confecção de banhos em crianças e adultos;

**Casca e Fruto da Copaíba** (*Copaifera Langsdorffii Desf*). O óleo do fruto é indicado pelos benzedores como cicatrizante e anti-inflamatório. E a casca da árvore é indicada para a realização de chás e garrafadas para o combate de pedra nos rins e infecções ou inflamação da via urinária;

**Casca de Jatobá** (*Hymenaea Courbaril L.*). É usado para inflamações nos brônquios e nas laringes, além de ser utilizado na preparação de banhos;

**Casca de Jequitibá** (*Cariniana Legalis*). É usado contra o sapinho e para a realização de pomadas e banhos;

**Casca de Carapanaúba** (*Aspidosperma spp*). É utilizada para a formulação de chás e garrafadas para o combate de inflamações e ferimentos que possam existir por todo o corpo;

**Casca de Embaúba** (*Cecropia*). É um anti-inflamatório e diurético ingerido através de chás ou garrafadas. Também é ingerido no combate de hemorragias e menopausa;

**Cedro** (*Cedrela Odorata L.*). É indicado no combate de febres, diarreia, fraqueza no corpo e também para a confecção de banhos e pomadas para sovar;

**Erva Cidreira** (*Melissa officinalis*). É uma planta medicinal muito utilizada na formulação de chás no combate da ansiedade e problemas digestivos, seja em crianças ou adultos;

**Cipó de Apuí** (*Emiepifita*). É usado, em forma de chá, como um remédio anti-inflamatório e cicatrizante, além de ser usado nas práticas ritualísticas de benzimento;

**Cuminho** (*Cuminun Cyminun*). Indicado para descer mais rápido a menstruação, contra gases e é bastante usado na realização de banhos em crianças e adultos;

**Favaca** (*Ocimum Gratissimum*). Usado para chás contra dor de estomago, gripes e também em banhos contra mal olhado em crianças e adultos;

**Favacão** (*Ocimum basilicum*). É usado na confecção de banhos em crianças contra o mal olhado e quebranto;

**Folha de Abacate** (*Persea Americana*). Utilizado como diurético, dor nos rins, fígado, na forma de chá, e também é usado para a realização de banhos;

**Folha de Cravo** (*Caryophyllus Aromaticus*). É recomendado pelos benzedores para banhos em caso de tosse, gripe ou contra espanto e mal olhado;

**Folha de Goiabeira** (*Psidium Guajava L.*). É recomendada em forma de chá para o combate da diarreia e dor de barriga;

**Folha de Graviola** (*Anona Muricata L.*). Em chá, é recomendada para o combate da diabetes, colesterol elevado e para o auxílio no emagrecimento;

**Folha de Hortelã** (*Mentha Rotundifolia*). É recomendada pelos benzedores aos seus clientes em forma de chá para o combate de náuseas, vômitos e azias, além de ser indicada também no combate das lombrigoides;

**Folha de Laranjeira** (*Citrus Sinensis*). Em forma de chá quente seu uso auxilia no combate da febre, gripe e dor de cabeça. E também pode ser usado na realização de banhos, quando o benzedor assim o indicar;

**Limão de boi** (*Siparuna Apiosyce*). O chá de sua casca desidratada no sol até ressecar e atingir uma colocação amarronzada é indicada no combate de febres, gripes e congestão nasal;

**Folha de Mangueira** (*Mangifera indica*). É recomendado seu chá para o combate de diabetes, cicatrizante e anti-inflamatório em ferimentos superficiais leves;

**Folha de Mastruz** (*Chenopodium ambrosioides*). Seu uso é realizado para o combate de vermes, cólicas intensas, além de cicatrizante e anti-inflamatória;

**Folha de Mucuracaá** (*Petiveria alliacea*), É usada para a confecção de banhos e chás para o combate do quebranto, espanto e mau-olhado;

**Gengibre** (*Zingiber officinale*). É uma raiz apimentada que pode ser usada para a formulação de chás para o combate da diabetes, ansiedade, além de auxiliar em problemas digestivos;

**Gergelim** (*Sesamum indicum*). Em forma de chá, auxilia no funcionamento intestinal e reduz a pressão arterial.

**Folha de Manjeriçã** (*Ocimum Basilicum*). Seu uso é recomendado como anti-inflamatório ou para tratar doenças de garganta (em forma de chá), além de também servir para banhos em adultos;

**Maracujá** (*Passiflora Edulis*). É usado como calmante, relaxante e no combate da insônia. Já a folha do maracujá é utilizada no preparado de banhos e garrafadas;

**Peroba** (*Leptolobium elegans*). O óleo do fruto é usado como anti-inflamatório e cicatrizante ou então usado na confecção de garrafadas. A folha é recomendada para garrafadas e para o combate da diabetes;

**Pinhão Roxo** (*Ageratum Conyzoides*). Ele é usado durante as práticas de benzimentos, além de também ser indicado para o combate de sapinho, coceiras, alergias na pele e para a realização de banhos contra quebrantos e mal olhado;

**Vassourinha** (*Scoparia dulcis L*); Assim como o pinhão roxo, a vassourinha é usada para a realização das práticas de benzimentos nos enfermos e também é utilizada na confecção de banhos de crianças contra o quebranto e mal olhado.

**Fotografia 21:** Capim Cidreira



**Fotografia 22:** Pé de boldo



**Fotografia 23:** Pé de Alecrim



**Fotografia 24:** Pé de Vick



**Fotografia 25:** Pé de Cravo

**Fotografia 26:** Pé de Mucuracaá



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

As plantas, os frutos, caules ou raízes estão muito presentes nas práticas de benzimento em Amaturá desde as ramas para a realização das benzeduras até aos remédios passados pós-atendimento. Segundo Gomes e Pereira (2004), as plantas têm o poder de fortalecer o homem auxiliando na revitalização do seu equilíbrio. Elas desempenham também o papel de exaurir as más energias recebidas do benzido. *“Eu benzo sempre com uma raminha. Depois de benzer eu pego a rama e joga lá no sol porque a energia ruim foi passada pra ela, e ela, assim que se joga no sol, murcha”* (Zenaide, entrevista/2020).

É muito presente o uso dos banhos à base de ervas no município, seja por recomendações de benzedores ou através de ensinamentos populares, transferidos de pai para filho, avós para netos. Esses banhos têm como objetivo espantar os males que possam rondar sobre as crianças ou adultos, podendo ser ou não acompanhado de demais elementos naturais, como sal grosso, folhas com cheiro forte (folha de alho brabo, mucuracaá, cravo, folha de limão verdadeiro ou da terra, etc.) - as vezes cortadas em formato de encruzilhada -, dentes de alho, pimenta do reino.

*O banho serve pra dor de cabeça, pra purificar o corpo e sair toda coisa negativa. O espírito ruim ou as energias negativas não escolhem quem atingir, elas simplesmente são despejadas por alguém ou por alguma coisa na pessoa, seja ela criança ou adulto. O mal não escolhe em quem atingir ou não* (Francisco F., entrevista/2020).

Acredita-se que essa prática de realizar as atividades de benzimento com o auxílio de ervas, plantas ou demais elementos nasceu com o xamanismo e desde as primeiras populações indígenas aqui no Brasil. A manipulação desses elementos ou símbolos tem o objetivo de acionar o real. Para o seu ritual de cura e purificação do corpo contavam com o auxílio de ervas, plantas, pedras, terra e demais elementos da natureza, pois acreditava-se que no universo tudo estaria interligado, sendo todos nós e todas as coisas parte dele.

Em um desses momentos de idas e vindas às casas dos benzedores em Amaturá encontrei Joice, 23 anos, estudante do curso de letras da UFAM, polo de Benjamin Constant, realizando a retirada de folhas de cravo para o preparo do banho da tarde de sua filha. Por ser uma prática muito corriqueira no município, usada contra o espanto, quebranto e mau-olhado, solicitei que a acompanhasse para que eu pudesse observar e descrever toda a sua ação. Após a sua afirmativa passei a observá-la.

**Fotografia 27:** Mãe retirando folha de cravo para o banho de sua filha.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

O banho a qual estava a preparar era para sua filha de 11 meses. Ela me informa que o banho estava sendo aplicado em sua filha por ela demonstrar febre e vômito, sem causas diagnosticada pelo médico na consulta que teria feito há alguns dias, e por não haver melhora a partir dos medicamentos prescritos por ele. Por esse motivo, um dos nossos interlocutores lhe recomendou que fosse realizado o preparo do banho, que aparentava se tratar de um quebranto. Ela já estaria realizando o preparo há dois dias, sempre às 18:00 horas, e, por ter notado a melhora da sua filha, resolveu continuar por mais um dia, para finalizar o número de dias indicados para que o tratamento fosse “fechado”. “As plantas por si só têm a capacidade de afugentar os males que rodeiam os homens, os animais (em especial os domésticos) e as próprias plantas, como: alho, arruda, pinhão roxo, entre outros” (SOUZA, 2002, p.115).

Enquanto ela ia relatando um pouco sobre os motivos dos banhos, eu, sempre atento, observava cada ato por ela realizado. Primeiramente ela retira apenas as folhas do cravo, em seguida, chegando em casa, ela pega uma bacia de alumínio e a coloca sobre uma grande mesa. Posteriormente, põe no fogo uma panela com água para ferver. A panela seria para amornar a água para o banho. Enquanto isso, em outra panela ela vai aparando água da torneira para encher a bacia onde o banho seria dado em sua filha.



Após a bacia já cheia e com a água já morna ela lava as folhas de cravo e começa a jogá-las em meio à água. Aos poucos começa a esfarelar com a mão as folhas na água. Vai esfarelando e apertado bem até que a água comece a ter a coloração das folhas. Depois que atinge a coloração esperada, com uma peneira, vai recolhendo todos pedaços das folhas da água, permanecendo na água apenas os fragmentos que a peneira não conseguisse retirar.

**Fotografia 28:** partindo o cravo em pequenos pedaços. **Fotografia 29:** cravo sendo retirado com a peneira.



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

Terminado o processo de preparo da água, ela então inicia o banho de sua filha. Sempre com muito cuidado vai aos poucos despejando a água com as mãos - em formato de concha -, para que a criança não venha ser afogada com o excesso de água. O banho não demora muito, custa menos de 10 minutos. Ela não usa nenhum produto químico nesse banho, como por exemplo, sabonete, colônia ou shampoo. Segundo a mesma, é essa a maneira recomendada pelo benzedor, pois dessa forma o corpo absorve apenas as propriedades naturais da planta e a recuperação passa a ter mais eficácia.

### Fotografia 30: Mãe dando o banho na sua filha



**Fonte:** Arquivo pessoal do Autor, 2020.

As rezas e ervas, utilizadas na benzeção, são de fundamentais importâncias, são elas que vão trazer novamente o equilíbrio necessário para o corpo físico e espiritual, dos clientes, a reza por sua vez, faz o elo com o sagrado, são preces, súplicas para combater os males, e as ervas servem tanto para transferir a doença do enfermo para elas, como no caso dos ramos, mas também para servir de melhoria mais breve da doença, podendo ser citados, os chás, banhos e garrafadas (PENAFORTE, 2021, p.67).

Apesar de o uso de ervas ou plantas ser utilizado de forma majoritária nas práticas de benzeduras, ou em chás e remédios, os recursos não se resumem a eles. Há também o uso de recursos provindos dos animais em práticas xamanísticas, como é o caso do senhor Francisco F., que realiza suas práticas xamânicas com pena de alencórnio e defumação. Em uma de nossas conversas ele nos relata sobre um acontecimento que houve com uma criança que, após ter realizado uma intervenção com benzimentos à base de rezas e pinhão roxo, ele utiliza outras metodologias para a intervenção:

*A criança estava chorando bastante de novo. Então eu pedi pra me trazerem folha de alho brabo, folha de mucuracaá, pena de alecórnio, e mais outras folharadas fedorentas e fazerem um fogo pra mim. A criança estava lá toda se entortando e não queria mais pegar peito. Então eu benzi primeiro na criança, peguei ela, mandei fazer um fogo e jogar todos os materiais que eu pedi pra poder tudo aquilo fazer um fumaceiro, pra eu defumar aquela criança, para que pudesse purificar seu corpo, espantando tudo o que tivesse de ruim dentro dela. Então eu coloquei a criança lá, depois eu tirava, a criança se retorcia toda. E eu ficava a passando e a tirando da fumaça. Eu a passava e repassava na fumaça, como se tivesse no movimento de embalar ela numa rede. Pronto. Depois disso ela melhorou, voltou a mamãe e ficou boa. (Francisco F., entrevista/ 2020).*

Percebemos que há uma variedade de plantas muito grande que os benzedores usam nas benzições e as metodologias de cuidado e saberes vão sendo intensificadas conforme o grau de necessidade. “Várias plantas têm uso específico na benzição, pois de acordo com quem as usa, existe uma planta a ser usada em cada procedimento, ajudando desta maneira para que se haja a caracterização da benção”. (TRINDADE, 2011, p. 97). Essas plantas podem ser ou não cultivadas por eles, dependendo da sua forma de benzer e rezar.

Há situações onde o benzedor solicita que o benzido ou seus familiares recolham as plantas para as benzeduras, nesses casos, caso não haja a ciência por parte do benzido sobre as plantas, o próprio benzedor fica responsável em consegui-las, independente do esforço que tenha que realizar. “*Pra uma rasgadura, por exemplo, pouca gente conhece o cipó do apuí, que é o que eu uso pra cuidar da pessoa. Então eu mesmo vou no igapó à remo, tiro um pedaço, daqueles que estão em direção de onde o sol se põe, e trago pra poder benzer a pessoa no outro dia*”. O xamã, além do saber fazer as práticas da benzedura, também tem o domínio sobre os segredos e mistérios da floresta.

Em relação ao cultivo das plantas, elas podem ser cultivadas na frente da casa dos benzedores, em latas, na parede, penduradas por cordas em vasos, pneus, ou até mesmo em garrafas pets recicladas. Utilizam as mais variadas estratégias para que as ervas e plantas estejam sempre de fácil alcance. Manter ervas e plantas próximas aos benzedores também se faz necessário por desempenharem a função de neutralizar o mal (GOMES e PEREIRA, 2004).

Nos benzedores de Amaturá, há a existência de adaptação das rezas ou orações reproduzidas durante o ato do benzimento, com base no universo religioso e, principalmente, por uma questão sociocultural, como é o caso da massa produzida por dona Zenaide e utilizada para curar “vermelho”, conforme ela nos relata:

*Um dia desses apareceu uma menina que mora ali pra trás. Ela é até casada com um peruano. Ela pegou vermelho aqui na perna dela, na parte da coxa, e veio aqui comigo. Ela estava bem ruim quando veio aqui. Ela veio aqui e disse: “Ah, vovó, eu vim aqui pra senhora rezar em mim. Eu fui visitar meu pais lá na comunidade do Bahia e eles me disseram que a senhora rezava, e eu vim aqui com a senhora pra ver minha perna”. Ela tava com uma ezipla enorme na perna dela, que chega ela não podia nem andar. Eu rezei. Falei que ia rezar sim, e que se ela tivesse fé em Deus e se achasse que eu poderia ajudar, ela ia ficar boa. Aí eu rezei nela. Estava uma feridona. Quando chegar em casa eu disse pra ela colocar macaxeira ralada que ajuda a melhorar. Tem que colocar em cima pra esfriar, que estava muito quente e inflamada. Aí ela foi embora e fez isso. Aí quando foi de tarde ela voltou pra eu rezar pela segunda vez. E quando ela voltou já estava andando bem direitinho. Precisou nem mais vir de moto taxi. Diz ela que pegou, botou o que eu falei, e, quando secou, ela tirou, e aí já estava sequinho o ferimento. Aí quando foi no outro dia já estava bem seco. Morreu tudinho ele. Secou toda a feridona que ela tinha (Zenaide, entrevista/2020).*

Percebe-se que a benzedeira, mesmo morando há mais de 40 anos no município de Amaturá, ainda é (re)conhecida e (re)lembrada por suas atividades desde o período em que residira na comunidade do Bahia, mostrando que o seu prestígio e reconhecimento não foram apagados com o tempo ou com sua partida da comunidade em que vivera com seu esposo e filhos.

Assim como dona Zenaide, a benzedeira Raimunda também faz uso da mandioca. Ela nos diz que *“para curar o vermelho a gente faz uma massa de mandioca. A gente rala ela e faz a massa, como se fosse pra fazer farinha, e passa em cima de onde tá a doença. Aí quando vai ver depois, as feridas parar de coçar e começa a secar”* (Raimunda, entrevista/2020). A mandioca, usada para a produção da farinha, é um dos alimentos mais consumidos e cultivados na Amazônia. Temos, dessa maneira, alimentos regionais agregados às benzições. “Esses mecanismos utilizados pelas benzedeadas em suas práticas têm sua eficácia, pois, só com o entendimento do fenômeno da benzedura, é que podemos perceber que esse tipo de prática não é apenas composto de crendices e simpatias” (TRINDADE,2011, p.99).

### **4.3 Enfermidades e os processos de benzição**

A partir das falas dos entrevistados notamos que para que se construa uma imagem de bom benzedor ou para que sejam vistos como benfeitores, há a necessidade aparente dos mesmos deixar claro o seu papel perante a sociedade, demonstrando que, durante a formação de sua identidade, há um entrave entre o sistema social e o simbólico. Tal questão fica nítida desde o início da pesquisa, desde a forma que gostam de ser chamados e também como preferem ser vistos, enfatizando que o papel que assumem é o de benzedores, não o de feiticeiros, charlatãs ou macumbeiros.

Tal inquietação com a possibilidade que alguém lhes interprete de outra maneira, a não ser a da figura de agentes que agem em prol da missão que foi lhes passada por Deus, fica demonstrada em suas falas: *“maninho, muita gente vem aqui achando que a gente é macumbeiro ou que faz coisas erradas contra os outros, mas isso não é verdade, aqui eu só quero que todo mundo fique bem, que todo mundo fique bom”* (Francisco B., entrevista/2020). Para a benzedeira Zenaide *“de nada adiantaria eu fazer o bem pra uns, e pra outros o mal. Então pensar que a gente faz coisa errada não tem sentido.”* (entrevista/2020).

As falas dos benzedores supõem que há uma parcela da população que os enxerguem como bruxos ou feiticeiros, realizando atividades que visem o mal de terceiros. Esses rótulos de bruxos e malfeitores vai na contramão de sua atuação no campo da benzição, pois seu único

objetivo é realizar o bem ou desfazer o mal que possa ter despejado contra algum de seus clientes.

Dona Maria, em tom de desabafo, relata que chegou a pensar em desistir de realizar seus benzimentos por conta dos preconceitos que sofria por parte de algumas pessoas:

*Olha, quase que eu deixo de benzer. Quando a gente benze assim tem gente que fala mal da gente, mas eles não sabem o que a gente faz. Me chamaram de feiticeira. Diziam que eu era a maior feiticeira e que eu ia matar as pessoas. Naquele dia que eu ouvi isso eu chorei tanto. Eu falava pra Deus e dizia: Senhor, só tu sabe quem eu sou e que eu não quero fazer mal pra ninguém. E era gente daqui do município mesmo. De habitantes daqui, de pessoas que eu conhecia (Maria, entrevista/2020).*

“Curandeiros, feiticeiros, benzedoras, e todos aqueles envolvidos com alternativas populares de saúde eram alcunhados com o rótulo indiscriminado de “charlatões” e rejeitados como praticantes de “curandeirismo indígena” e “falsa medicina” (Tramonte, 2001, p. 21). Mesmo se tratando de um pequeno município, como o caso de Amaturá, onde seus habitantes são no mínimo conhecidos uns dos outros, o preconceito existiu e pode existir, mesmo que de forma subliminar. O receio dos benzedores em ser interpretados como charlatãs<sup>43</sup>, macumbeiros ou bruxos é algo que sempre pairou durante seus inícios na benzedura, pois “o cientificismo acadêmico desprezava a possibilidade de considerar as causas psicossomáticas das doenças, sobre as quais as pesquisas eram ainda incipientes” (TRAMONTE, 2001, p. 26).

Apesar de todos os preconceitos que possam existir sobre os benzedores de Amaturá, as suas atividades de benzeduras seguem sendo desempenhadas com alegria e sem nenhum receio, devido ao seu único objetivo ser alcançar o reestabelecimento da harmonia física e expulsar as doenças, sejam elas de ordem físicas ou espirituais. “Compreender a benção é penetrar na sua essência, é buscar o significado da sua prática social, entendendo de que modo esse lado da cultura popular, tão fragmentado, hostilizado, rejeitado e marginalizado, é recriado com força e autonomia” (OLIVEIRA, 1985, p.70).

Várias enfermidades, que são tratadas pelos benzedores do município de Amaturá, foram encontradas durante o período de estudo. Algumas delas serão aqui pontuadas:

---

<sup>43</sup> “Charlatões” era a denominação indiscriminadamente dada aos curandeiros, médicos falsificadores de atestados de saúde e benzedoras (TRAMONTE, 2001, p. 26).

**Tabela 2:** Doenças tratadas pelos benzedores de Amaturá

DOENÇAS	NOMES CIENTÍFICOS	SINAIS E SINTOMAS
Cobreiro	<i>Herpes-zóster</i>	<p>O sintoma mais comum do cobreiro é o aparecimento pequenas bolhas em determinada região pequena da pele. A doença também pode causar coceira, formigamento ou dor na pele; vermelhidão e inchaço na pele; sensação de mal-estar geral.</p> <p>As bolhas normalmente surgem após 3 dias, e duram, em média, 10 dias, podendo demorar até 21 dias em alguns casos.</p>
Fogo Selvagem	<i>Pênfigo</i>	<p>Fogo selvagem é a formação de bolhas na pele que podem estourar com facilidade, formando feridas e lesões que causam ardência, formigamento e queimação. Os sinais e sintomas da doença podem aparecer na boca, áreas genitais, couro cabeludo,</p>

		garganta, costa ou nas demais regiões do corpo.
Quebranto/Mau-olhado	-	O sinais e sintomas do quebranto e mau olhado geralmente são olhos fundos, fraqueza ou moleza, olhar triste, excesso de sonolência, falta de apetite.
Espanto	-	O espanto é uma desordem que tem implicações diretas com o emocional das crianças. Entre os seus sinais e sintomas estão: a falta de sono; falta de apetite; choros constantes e moleiras moles e profundas,
Espinhela Caída/Peito aberto	<i>Anomalia do apêndice xifoide</i>	É o deslocamento do osso do meio do tórax, portanto por movimentos bruscos, seja em adultos ou bebês. Seus sinais e sintomas podem ser vômito, desconforto nas mais variadas posições, dor nas costas e estômago, dificuldades respiratórias e cansaços anormais.
		A desmentidura é o deslocamento dos ossos ou

Dismintidura	<i>Deslocamento dos ossos ou articulações</i>	articulações, resultantes de quedas ou movimentos bruscos. Seus sinais e sintomas são inchaço; luxação; fortes dores na área lesionada e ossos em posições diferentes da sua relação normal.
Ezipla	<i>Erisipela</i>	Erisipela é uma infecção desenvolvida a partir da penetração de bactérias no corpo humano por ferimentos que tenham na pele. Seus sinais e sintomas podem ser: <i>dores; febre alta; calafrios; perda rápida de peso; mal-estar e náuseas.</i>
Sarampo	<i>Sarampo</i>	Sarampo é uma enfermidade grave, causada pelo vírus Measles morbillivirus, podendo ser fatal. Tem como principais sintomas a febre com tosse intensa, olhos infamados, corrimento nasal e mal-estar físico.
		É uma doença altamente contagiosa, causada por um vírus, chamado de Varicela-Zoster, que se manifesta com maior frequência em crianças menores de 10 anos. Os



Catapora	<i>Varicela</i>	sinais e sintomas mais comuns da doença são manchas vermelhas ou bolhas no corpo, mal-estar, cansaço, dor de cabeça, falta de apetite e febre com baixa temperatura.
Tosse de guariba	<i>Coqueluche</i>	Doença que possui o referido nome popular dado pelos moradores do norte do país. Ela é uma doença infectocontagiosa transmitida pela bactéria denominada de <b>bordetella pertussis</b> . Entre os principais sinais e sintomas da enfermidade estão os espirros, congestão nasal, febre e tosse durante o período noturno.
Vermelho	<i>Psoríase</i>	Doença de pele não contagiosa. Seus principais sinais e sintomas são: manchas avermelhadas e secas, com coloração esbranquiçada, pequenas manchas brancas ou escuras pós lesões, ressecamento e rachadura com sangramento, coceira e queimação.
Palpitação	-	A palpitação consiste numa dor intensa que há no meio do cavidade torácica

Dor de sangramento	<i>Dismenorreia</i>	É uma dor que acomete o baixo ventre no período menstrual. Ela pode vir em conjunto à dor de cabeça, ânsia de vômito, e até pode ocasionar desmaios.
Fina	<i>Diarreia</i>	Dor na região do abdome, cólicas abdominais, náusea, desidratação, mucos nas fezes,
Doença do ar	<i>Acidente Vascular Cerebral</i>	É quando há a obstrução ou rompimento de vasos que levam sangue ao cérebro. Tem como alguns dos sinais e sintomas a fraqueza, formigamento na face, no braço ou na perna, alteração na fala e compreensão, confusão mental, etc.
Ar fugido	<i>Insuficiência respiratória</i>	É a dificuldade da respiração. Além da falta de ar, os sintomas são: palidez da pele, confusão de pensamentos e sensações, sono, e alteração nos batimentos cardíacos.
		É o aumento da temperatura corporal além do normal, geralmente em

Febre	<i>Pirexia</i>	resposta a uma perturbação corporal por outros fatores. Tem como sinais e sintomas a indisposição, cansaço físico, sudorese, perda de apetite, calafrios.
Bucho virado	-	Geralmente acontece quando a criança ou o adulto sofre uma queda e dá mal jeito em todo o corpo. Sinais e sintomas são a dor nas articulações ou em todo o corpo, indisposição, dificuldade de movimentação e cansaço.
Rasgadura/Trilhadura	<i>Distensão muscular</i>	É quando o músculo é esticado demais, causando um excesso de força sobre ele e ocasionando em rupturas nas fibras musculares. Tem a dor intensa e a fraqueza muscular como principais sintomas.

Mãe do Corpo	-	É a sensação que há com a movimentação dos órgãos da puérpera voltando para o seu devido lugar após o nascimento do seu bebê, ocasionando a sensação que seu filho ainda estivesse dentro dela.
Vento caído	-	É a sensação de barriga inchada, com a presença de dores abdominais intensas.

Elaborado pelo autor.

O processo de iniciação sobre a aprendizagem e o conhecimento sobre as patologias podem ser adquiridos tanto de ‘forma sistêmica’ quanto por ‘experiência sobrenatural’, sem, necessariamente, que os do segundo grupo, estejam isentos de algum tipo de aprendizado ou adaptações nas suas benzeduras. Aqueles que iniciaram o processo de benzimento a partir de uma aprendizagem sistêmica possuíam um “manual prático”, adquirido a partir do acompanhamento das rezas e orações desenvolvidas por seus pais, mães, tios, avós. Dona Zenaide fala um pouco sobre como se deu o seu processo de iniciação: “*eu aprendia qual era cada doença vendo meu pai benzendo nos outros*” (Entrevista/2020). Já outro benzedor, que também iniciou o seu aprendizado com seu pai, fala sobre a sua forma de diagnóstico das enfermidades:

*As doenças é só chegar aqui que eu sei qual é. A gente descobre com o próprio conhecimento. É vendo, sentindo, pegando. O pai traz a criança aqui e aí, olhando pra ela, já sei qual doença ela tem, o que precisa fazer, e já se vai rezando para tratar aquela doença. Eu aprendi desde o tempo que o meu pai rezava. Desde quando eu comecei a me entender por gente eu ficava observando as pessoas que iam atrás dele doentes, o que elas tinham, quais eram os sintomas daquela doença e como fazer pra tratar e a pessoa ficar boa (Milton, entrevista/2020).*

Mesmo eles nos relatando um aprendizado a partir de ensinamentos, os benzedores permanecem a vida toda desenvolvendo suas práticas e se reinventando, conforme a sua experiência nas atividades de benzedura ou necessidades de adaptações. Dessa maneira, há assim a variação das orações e rezas conforme a doença e as particularidades de cada cliente. Medicamentos e dosagens variam conforme cada paciente, a sua doença, o seu peso, a sua idade, etc. Gomes & Pereira (1989) contam que essas modificações podem ocorrer de maneira

estratégica de cada benzedor, com o intuito de proteger os mistérios que envolvem as práticas da benzedura.

Essas rezas ou orações são diferentes das oficiais que ocorrem nas religiões por se passarem em meio ao saber e práticas populares, acontecendo assim essas adaptações e uniões de fórmulas, as quais, juntamente com as expressões ou movimentos corporais, fazem parte do ritual como um todo (TRINDADE, 2011, p. 97).

Cada benzedor tem sua maneira de realizar o diagnóstico e diferenciar as doenças que atingem seus clientes, mesmo que elas tenham sinais e sintomas parecidos, como o caso do quebranto, espanto e mau-olhado. Ao perguntar ao senhor Francisco F. sobre como ele realiza o diagnóstico para ele descubra se o que uma criança possui é mau-olhado, quebranto, ou espanto ele fala, *“quebranto ou mau-olhado eu vejo aqui pela cabeça dela, bem no meio da moleira. Quando a moleira da criança está funda, é quebranto. Eu toco e se estiver fundo pode tocar que é quebranto. E se não tiver fundo é mau-olhado”*. Quanto ao espanto, *“o espanto são os mesmos sintomas dos dois, mas ele acontece depois de o bebê ser sacudido ou ter passado por um susto”* (Francisco F., entrevista/2020). No caso de outro benzedor, *“quebranto é quando você tem sua família ou algo e alguém olha torto, tem inveja ou algo do tipo. Aí ele solta uma energia ruim contra vocês e o corpo fica mal porque ele sente a carga negativa contra ele”* (Milton, entrevista/2020).

Há ainda a tentativa do diagnóstico das doenças entre as pessoas que procuram os atendimentos dos benzedores em Amaturá, que, a partir das experiências pessoais de suas idas nos benzedores, se arriscam a dar seus palpites sobre a enfermidade que lhes acomete: *“quando vejo que minha filha tá com diarreia, com os olhos tristes e sem vontade de brincar, eu já sei que ela tá com quebranto, porque é sempre assim que ela fica quando ela adoece disso”* (Silva, entrevista/2020).

Cada benzedor, a sua maneira, busca formas e fórmulas para que as práticas de benzeduras possam obter êxito e que possam dar a resposta necessária contra cada enfermidade. No caso de um outro interlocutor, que teve seu aprendizado de forma não sistêmica, o seu processo de conhecimento das doenças se deu da seguinte maneira:

*Eu apenas fui benzendo, olhando como cada criança estava. Conforme as pessoas vinham me procurar eu ia sabendo mais ou menos o que era, vinha uma intuição que me dizia mais ou menos o que era e o que fazer. O que eu não sabia era qual oração fazer para aquela doença. Mas conforme eu benzia, iam melhorando e os remédios dando certo, eu já repetia com outra pessoa que viesse me procurar com os mesmos sintomas”* (Francisco, entrevista/2020).

Outra interlocutora também tem forma parecida para o diagnóstico das doenças:

*Pra aprender cada doença eu pedia de Deus. Peço que Ele me explique qual a doença quando eu não sei, que Ele me dê uma luz quando eu não sei. Mas eu geralmente já*

*sei sempre qual é a doença só de ver. De tanto que aparece gente com essas doenças aqui a gente já vai acostumando e aprendendo como ela ataca na pessoa. Se tu tá com mau olho, eu vejo só pelo teu olhar* (Raimunda, entrevista/2020)

Quanto ao desenvolvimento e escolha dos remédios para as doenças, ela fala que:

*Fui eu mesma, da minha ideia, que fiz isso aí. Eu fiz, testei e aí deu certo, então passei a fazer. E sempre deu certo. Eu pensava em remédios que eram bons pra tal doença, que se parecia com as que a pessoa tinha, e aí eu ia e combinava essas coisas e testando se dava certo. Se desse certo eu continuava, se não desse eu ia ver outro pra dar na próxima vez que a pessoa viesse aqui. A gente tem que pedir de Deus, né? Eu sempre peço sabedoria de Deus antes de fazer qualquer remédio pra alguém* (Raimunda, entrevista/2020).

Geralmente para as benzições é feito o sinal da cruz sobre a cabeça e sobre corpo do cliente. Quando a doença que acomete o benzido é ezipla, cobreiro ou rasgadura, a cruz é gesticulada com uma rama de pinhão-roxo ou vassourinha, a fim que aquele mal seja expulso. Com palha de açaí ou com uma rama de vassourinha, uma cruz é realizada sobre a parte lesionada. Enquanto o formato da cruz vai sendo feita - em sentido horizontal e vertical - sobre a área acometida pela doença as orações e versos vão sendo recitados em pequenos sussurros.

Sobre a ezipla, um dos benzedores nos relata a oração que lhe foi ensinada por Deus para o combate da enfermidade:

#### **Oração para curar ezipla**

*Pedro, de onde vens?*

*Venho de Roma!*

*E o que vistes por lá?*

*Ezipla.*

*Então, Pedro, volte e vá curar!*

*Mas com o que eu curo?*

*Com planta da terra, com erva do mato, e, com a mão que eu te passo.* (Francisco B., entrevista/2020).

As ervas que estão sendo referidas na oração são as folhas de algodão e a folha de pinhão-roxo. Elas são amassadas e misturadas com um pouco de água até formar uma pasta, que é passada sobre o ferimento. Essa pasta fica sobre o local lesionado até que ela perca a umidade e fique ressecada. Depois disso, se retira o que sobrou de ervas sobre o ferimento. Durante o período de tratamento não pode molhar o local, pois as propriedades da erva,

que ficou sobre o machucado, podem ser perdidas. Esse tratamento é feito em três momentos - um na primeira visita ao benzedor e as outras duas vezes nos dois dias posteriores ao da primeira consulta e início do tratamento.

Além da ezipla, outras orações são ensinadas pelo benzedor como, por exemplo, a para se tratar espanto:

### **Oração para curar espanto**

*Pai, filho, e Espírito Santo,*

*Peço que saia desse corpo esse espanto!*

*E me dê o poder para que essa pessoa possa ficar curada agora.*

*Em teu nome, eu rezo essa oração,*

*Para que o espanto saia desse (a) irmão (ã).*

*Com o poder de Deus Pai, com o poder de Deus Filho,*

*Com o poder do Espírito Santo,*

*da Santa Maria e o poder do Filho dela. Amém.*

Para a realização das suas benzeduras, o senhor Francisco não costuma usar vassourinha, pinhão-roxo ou outras ramas. As ervas e plantas não normalmente usadas apenas na realização dos remédios, pomada, chás. “*Deus nos dá o poder pra orar e pedir, sem a necessidade de usar nada, e é assim que eu faço*” (Francisco, entrevista/2020). Geralmente ele apenas estende as mãos sobre as pessoas e realiza suas jaculatórias.

A partir da pesquisa, percebe-se que o benzimento pode ser realizado mesmo que não ocorra a presença do benzido, caso citado por uma de nossas informantes:

*Quando é o caso de não poder vir por morar longe, as pessoas me dão o nome no papel e eu oro pra elas. Eu pego esses nomes, coloco dentro da bíblia, oro por elas e vou fazendo as orações conforme cada doença, como se a pessoa tivesse aqui presente. Agora na pandemia teve muitos casos. Teve um que trabalha com essas coisas de soldar ferro. Ele estava bem ruim com essa doença do Covid, e aí pediu pra irmã dele só me trazer o nome. E aí eu o entreguei, coloquei o nome na bíblia, fiz um chá, mandei pra ele tomar, e graças a Deus ele ficou bom, e depois disso, a primeira coisa que ele fez foi vir aqui em casa agradecer (Raimunda, entrevista/2020).*

Mesmo que não haja a presença física do enfermo, o benzimento não tem sua importância e valor diminuídos quanto ao reestabelecimento da saúde, pois ele pode ser adaptado conforme a necessidade de cada pessoa, desde que haja a fé por parte de quem dele necessita. Nesse caso, essa confiança e credibilidade sobre o benzimento pode ser notada a partir da visita de agradecimento

do benzido à benzedeira, pelos auxílios prestados durante o período em que o mesmo com o seu corpo em desordem física.

Outra técnica usada por parte dos benzedores é a ‘costura de rasgaduras’. *“A rasgadura é um rompimento que dá no músculo quando a gente faz um movimento forte e de mau jeito. Aí pra essa doença eu pego um pano, uma linha de costura e uma agulha”* (Raimunda, entrevista/2020). O tratamento consiste na técnica de movimentar a agulha, que, com uma linha, vai sendo passada em folhas ou pedaços de tecidos, por cima da parte lesionada, reproduzindo movimentos de costuras, enquanto as jaculatórias para esse procedimento específico são realizadas. O movimento é reproduzido de 3 a nove vezes, dependendo da dor e do tamanho da parte lesionada.

### **3.4 Os benzedores e o sistema de saúde**

A história do homem sempre esteve pautada em como sua vida seria conduzida no seu transcorrer. O viver, adoecer e morrer sempre estiveram presente durante todo esse processo, mesmo antes do surgimento das profissões responsáveis por realizar o cuidado da saúde institucionalmente, como é o caso da enfermagem, medicina, fisioterapia, etc. Antes da formulação dessas profissões - que se pautam na cura e recuperação dos enfermos -, o ser humano já possuía seus agentes que realizavam tais atividades a partir de práticas xamânicas e saberes populares, passados de geração em geração ao longo dos séculos.

Segundo Nery (2006), qualquer pessoa que vá a pequenas cidades do interior, comunidades da zona rural, ou até mesmo nos grandes centros urbanos, encontrará em algum momento com os benzedores, rezadores, costureiros, desmentidores, etc. Pessoas que possuem atividades pautadas no mundo mágico-religioso, por orações, rezas e simpatias.

Pensar que a benzeção seja o recurso em saúde a ser utilizado apenas pelas populações esquecidas, marginalizadas, com poucos (ou nenhum) acesso às políticas públicas - como é discutido em muitos trabalhos - é ignorar o valor simbólico das benzeduras e duvidar da eficiência e importância que tais saberes possuam para as populações que fazem uso de seus recursos e cuidados, que independe de classe social, religião ou grau de escolaridade.

As pessoas que realizam o benzimento são vistas pela população não apenas como aquelas que detém um saber popular, mas sim como um recurso, acionado assim que se nota o aparecimento da enfermidade. A credibilidade que as benzições e os benzedores possuem em Amaturá pode ser percebido em muitos casos como, por exemplo, quando há primeiramente a



procura pelos benzimentos, em vez de se buscar as práticas institucionalizadas desenvolvidas nas unidades de saúde<sup>44</sup> do município, como acontece no caso do professor Silva e sua filha.

Frequentemente, os atendimentos em saúde e consultas médicas pautam-se com base em relações muito vagas, onde o doente relata sua queixa, o médico as ouve e em seguida prescreve o receituário médico. *“Por vezes já levei minha mãe no hospital e os médicos além de não conseguirem dizer o que ela tinha, ainda nem sequer olhavam pra ela direito. Era todo o tempo de cabeça baixa, apenas preenchendo o prontuário”* (Silva, entrevista/2020). Essa relação distante e vaga acaba por muitas vezes não permitir que o cliente externar tudo aquilo que realmente sente, relação que é diferente entre benzedor e benzido, que é construída a partir de uma interação mais próxima e humana. Essa estreita relação que há entre as partes permite que o benzedor cuide não apenas da enfermidade, mas sim de todas as suas identidades totais, agindo tanto no campo físico quanto no espiritual e nas relações sociais (PATROCÍNIO, 2016, p. 25).

O Brasil é um país com pluralidade de saberes e culturas, e no que diz respeito as formas de cuidado em saúde não é diferente. O país possui uma gama de alternativas que podem ser adotadas para o tratamento de enfermidades, sendo elas influenciadas pelos valores, práticas e representações dos sujeitos. Seguindo essa linha de reflexão, as formas de se buscar a saúde podem ser classificadas como:

[...] a biomédica (exercida por médicos e profissionais de saúde com formação específica), as “tradicional” ou “populares” (praticada por curadores especializados, como massagistas, feiticeiros, parteiras ou xamãs, ou pentecostais e carismáticos, dos cultos cristãos), e também aquelas, eu incluiria, de matriz africana ou espírita; as “alternativas” (*new age* ...); as de tradições acadêmicas não biomédicas (como acupuntura, (...), etc.); e aquelas centradas na auto atenção, tanto as praticadas por grupos de auto ajuda quanto a exercida pelo grupo doméstico no cotidiano. (MENÉNDEZ apud SCOPEL, 2013, p. 30)

A prática tradicional em saúde é um dos recursos para o tratamento das doenças que está à disposição de quem delas necessitar, e quem as manipula não é visto como um recurso terapêutico informal, mas sim como um especialista. Ela pode ser acionada pelos benzedores, com seus ritos e mistérios. Isso proporciona uma atenção mais humanizada e especializada, cujos critérios e formas para o tratamento de determinada enfermidade segue metodologias diferentes das utilizadas pela medicina institucional - exercida por indivíduos que pautam suas ações em saúde a partir de ensinamentos eruditos.

---

<sup>44</sup> O município de Amaturá possui em sua zona urbana 2 (duas) Unidades Básicas de Saúde (UBS Altina Gonçalves e UBS Sérgio Pessoa) e o Hospital Frei Roberto de San Severino.

Mesmo que exista pouco reconhecimento institucional com o benzimento, tais práticas não perdem o seu mérito ou sua importância na recuperação da saúde, pois “as formas populares e tradicionais de atenção em saúde não podem ser ignoradas, em face da presença, efetividade e importância que possuem” (SCOPEL, 2013 p. 30).

Apesar de ter paradigmas diferentes, a benzeção em alguns momentos se utiliza do sistema oficial de saúde. Ao contrário do que pode parecer *a priori*, as benzedoras não têm um comportamento de negação em relação ao profissional erudito. Elas admitem a importância da intervenção desses profissionais no cuidado à saúde, sendo comum indicar um acompanhamento junto a um profissional em saúde, utilizando-o como complemento de sua terapia (DE MEDEIROS, et al, 2013, p. 13).

Essa negação de saber, que existe dos profissionais da medicina institucional com quem realizam as práticas tradicionais, não acontece quando se trata do oposto. Há ainda, atualmente, a negação de profissionais da saúde com aqueles que realizem suas atividades em saúde a partir de ensinamentos “populares”. Geralmente são transmitidas de pai para filho ou a partir de um dom, diferente da medicina institucional, que pauta a transmissão das técnicas em saúde a partir de uma pessoa formada para um aprendiz. Oliveira (1985), nos informa que “as novas políticas sociais de saúde também se constituem num modo de bloquear a capacidade que nossa população tem de refletir sobre as suas doenças e de encontrar, muitas vezes, no âmbito da cultura popular, a solução para a cura”.

A negação com as atividades de benzimentos e suas práticas terapêuticas é uma estratégia utilizada pelas instituições de saúde para descredibilizar os benzedores, que combatem não só as enfermidades de ordem física, mas também espirituais. Tais instituições resistem em permanecer com pensamentos preconceituosos mesmo após as discussões que já foram debatidas pela maior instituição de saúde do mundo, a OMS (Organização Mundial da Saúde).

Segundo a OMS (1978), deve haver em todas as partes do mundo o estímulo, a promoção e desenvolvimento da medicina tradicional. Para a instituição, as atividades desenvolvidas por tais práticas é um mister de todos os conhecimentos teóricos e práticos, sendo eles justificáveis ou não, acionados para diagnóstico, para prevenção e para o combate de desarmonias físicas, mentais e sociais, baseados nas experiências e saberes, transmitidos verbalmente (ou não) de geração em geração. A OMS considera tais atividades como resultado de uma medicina ativa e de experiências ancestrais.

No caso de Amaturá, essa negação dessa forma de saber/fazer saúde, por parte dos médicos e enfermeiros, em relação às práticas de benzeduras, é algo que aparenta se encaixar totalmente com o que seria o ideal para o sistema de saúde estipulada pela OMS, diferentemente do que é corriqueiro se encontrar em demais pesquisas sobre o tema.

No município há uma relação sem aparente entrave entre eles. Isso é percebido nas falas dos próprios benzedores ao perguntar sobre possíveis alterações na frequência de benzeduras ou algum tipo de conflito com a chegada do SESP<sup>45</sup> (Sistema Especial de Saúde Pública) e dos profissionais da medicina institucionalizada: *“não, a chegada deles não mudou em nada. Isso continuou do mesmo jeito. As pessoas continuaram vindo da mesma forma aqui. Continuaram acreditando na gente. Quem vinha, continuou vindo, e quem não vinha, aparecia quando tinham alguma doença* (Raimunda, entrevista/2020). Outro interlocutor fala: *“o pessoal da saúde nunca implicou com a gente e nem a gente com eles. Eles vieram pra somar com a gente em busca de não deixar que as pessoas daqui ficassem ruins ou morressem”* (Francisco F., entrevista/2020).

Entre os benzedores, apenas uma interlocutora nos informou ter algum tipo de desentendimento. Esse embate teria ocorrido com um médico, há cerca de 30 anos, enquanto desempenhava suas atividades como parteira, *“eu tive problema com apenas um que veio de fora. Ele dizia que não podia mexer na barriga das gestantes. Mas por que não podia mexer se a criança estava de atravessado na barriga da mãe?”* (Maria, entrevista/2020). Mexer a barriga da gestante é algo muito comum em Amaturá. O processo se resulta em examinar a saúde do bebê durante toda a gestação, é o que seria o pré-natal a partir dos saberes tradicionais em saúde. Outro objetivo da atenção à gestação é averiguar se a criança está na posição ideal para o parto, onde, caso não esteja, ocorre a intervenção da parteira com seus ‘toques’ para que aconteça a movimentação do bebê para posição correta.

Em muitos desses casos, onde a medicina ocidental não encontrou maneiras de intervir sobre determinadas enfermidades, ou procedimentos necessários, os benzedores possuem estratégias e meios de cuidado a partir de seus remédios caseiros, banhos, garrafadas e benzimento. São eles os responsáveis por apresentar à população uma alternativa em saúde quando o sistema de saúde institucional não lhes fornece mais suporte.

O acervo teórico (fisiologia, anatomia, patologia) da formação técnica é insuficiente para construir, junto aos usuários, novas ações em saúde. Assim, o acervo teórico que pauta a

---

<sup>45</sup> O Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) foi criado em 1942, a partir do acordo entre o Brasil e os Estados Unidos, tendo como objetivos o saneamento de localidades responsáveis pela produção de matérias-primas de interesses militares dos Estados Unidos, como a borracha da região amazônica, e o minério de ferro e mica do Vale do Rio Doce. Posteriormente o SESP foi sendo expandido para as demais regiões do país.

rotina de cuidados precisa ser repensado. O foco está na doença e não no doente (DE SOUZA, 2013, p. 18).

Enquanto o médico insistia em afirmar que a benzedeira/parteira não podia realizar tais procedimentos durante a gestação, outro médico, que atuava no município vizinho, não só aceitava tais atividades quanto realizava recomendações de dona Maria a suas pacientes. *“O doutor Gabriel, que era médico em Santo Antônio do Içá, me mandava de duas ou três gestantes para que eu virasse aqui os bebês e ajeitasse eles na barriga da mãe quando estava de atravessado”* (Maria, entrevista/2020). Isso nos apresenta que, assim como há profissionais que rejeitem tais saberes, há também aqueles que acreditam e reconhecem que tais atividades são eficazes e essenciais para a saúde das populações, evitando que procedimentos mais complexos sejam realizados, como o caso da cesárea em gestantes. Um caso claro de cesárea evitada, mediante as práticas tradicionais, nos foi citado pela benzedeira:

*Quando uma comerciante daqui de Amaturá estava gravida da sua filha, que hoje já está moça, o médico disse pra ela que ela iria pra faca, que iria ser operada pra ter a filha. Ela disse que não queria isso, que não queria ir pra faca. Mas ele disse que não tinha como, que atravessado ela não podia nascer. E ela disse: “e agora, doutor?” Ele disse: “vá lá com a dona Maria pra ver se ela dá jeito”. Aí não demorou nada e ela veio aqui. Veio do hospital direto pra cá. Aí eu endireitei a criança na barriga dela e com oito dias a menina nasceu de parto normal, graças a Deus* (Maria, entrevista/2020).

Em Amaturá, não só se percebeu o reconhecimento de tais atividades de saúde, como também há o trabalho em conjunto de benzedores com o sistema de saúde, conforme nos relatam os participantes do estudo: *“eles sempre vêm me chamar pra vir do hospital pra ir lá. Tem vezes que quando a pessoa adoce e não conseguem resolver eles mesmos trazem a pessoa na ambulância aqui em casa pra eu cuidar”* (RAIMUNDA, entrevista/2020). Outro benzedor também nos relata que:

*Muitas vezes cansaram de me chamar para ir á no posto rezar em alguém. Eu rezei muito no hospital também. Os pais das crianças que estavam internadas me chamavam ou até mesmo aquelas pessoas que estavam doentes mandavam me chamar para ir lá no hospital. E eu ia rezar sem problema nenhum. O pessoal lá me deixava rezar sem nenhum problema* (MILTON, entrevista/2020).

Esse livre acesso ao sistema de saúde e o consentimento para a realização de suas benzeduras nas unidades de saúde do município foi algo bastante relatado pelos benzedores. Os interlocutores nos contam um pouco sobre suas atividades de benzimentos nas unidades: *“muitas vezes quando algum não conseguia tratar aquela doença eles mandavam as pessoas virem aqui comigo que talvez eu pudesse ajudar. Eu ia lá benzer pra quebranto, pra espanto, e pra mau-olhado”* (MILTON, entrevista/2020). Outro benzedor nos fala: *“quando eles não*

*conseguem dar jeito lá, eles encaminham pra cá. Ou então, alguém que está internado lá no hospital com mau-olhado e mandam me chamar e eu vou lá. Muitas vezes eu já fui lá no hospital, e eu nunca tive nenhum problema por lá”* (Francisco B., entrevista/2020). Ambos nos dizem realizar benzimentos de doenças que possuem como causa a ordem espiritual, não sendo assim, em muitos casos, a cura ser acionada por medicamentos e técnicas de tratamento existentes na medicina institucional, que cuida apenas das enfermidades de ordem física.

Isso muitas vezes ocorre, pois, ao se deparar com a realidade, o profissional encontra um cenário totalmente distinto do transmitido em sua formação, onde se vê diante de processos patológicos que não tiveram medicamentos produzidos (DE SOUZA, 2013). Então, ocorre por cada uma das especialidades saber até onde pode chegar os limites dos seus saberes e das suas práticas, tendo a medicina erudita e o benzimento formações em campos e metodologias distintas. *“Eu já fui muito no hospital visitar doentes, e sempre via gente que estava mal por dias com doenças que o médico não sabia qual era. Aí só era o benzedor ir lá e pronto, era resolvido. Eu acho que cada um sabe até onde chega o seu saber”* (Carvalho, entrevista/2020).

Deve-se observar que a saúde pode ser realizada, não apenas em clínicas especializadas ou instituições reconhecidas pelo sistema de saúde. Ela também se desenvolve nos mais variados espaços individuais ou coletivos e, por variadas formas do saber/fazer. A OMS (1978) recomenda que seja realizada a integração das práticas tradicionais de saúde à medicina moderna, buscando assim garantir o respeito, o reconhecimento e a união entre as diversas formas de tratamento e cura. Essa integração, reconhecimento e respeito, entre os saberes, pode ser notado pouco a pouco a partir das falas dos benzedores:

*Eu já fui benzer no hospital, por diversas vezes, e nunca me impediram de rezar. Quando me chamam pra ir lá eu sempre vou. Se tiver algum médico ou enfermeiro atendendo, eu os espero terminarem de ver o paciente pra eu o ver depois. Eles sempre perguntam se eu não quero rezar primeiro e ver o paciente antes deles, e eu sempre digo que não, que eu prefiro esperar ele fazer o dele pra poder eu fazer o meu, sem que ninguém atrapalhe ou se incomode um com o outro. Afinal todos nós estamos lá pelo mesmo motivo* (Francisco F., entrevista/2020).

Todos os saberes podem (e devem), ser considerados na hora de se buscar o reestabelecimento da saúde do indivíduo, permitindo-lhe usar diversas alternativas para se reestabelecer o equilíbrio do corpo, pois:

Os tratamentos das doenças são construções individuais e sociais que fazem parte da vida cotidiana em qualquer sociedade [...] a visão de mundo que norteia o indivíduo em determinada sociedade — as crenças e costumes que fazem parte de sua cultura — estabelece um ‘fazer sentido’ que interfere no processo saúde/doença/tratamento (LEITE, 2006, p 118).

Por ser a enfermidade e os cuidados em saúde uma construção social, e possuir agentes causadores variados, se faz necessário repensar objetivamente sobre a necessidade de implementação das práticas alternativas em saúde nos diversos campos do saber e instituições, sem que se esqueça do contexto em que doente e cuidador estejam inseridos. Elaborar estratégias e ações de saúde que façam sentido de forma lógica, clínica e, ainda, sem que se esqueça de todo o processo sociocultural que envolve a vida e saúde de cada população, como aparenta acontecer em Amaturá.

Não podemos realizar a sistematização dos saberes dos benzedores de Amaturá, nem suas orações, benzimentos, recursos terapêuticos e procedimento, como uma fórmula que pode ser executada de maneira fácil e sem nenhuma eficácia ou representatividade sociocultural.

Há um grande conjunto de elementos simbólicos que permeiam a benção como, por exemplo, a sua relação com o divino; a solidariedade dos benzedores; o dever em realizar a bondade; as fórmulas e rezas aprendidas; a interação com os recursos da natureza; e as mais variadas experiências, necessárias para que se aprenda a tratar as enfermidades, sejam elas de ordem física ou espiritual. Dessa forma, a atuação dos benzedores, tão importantes para a saúde da população, também proporciona a continuidade e reconhecimento espontâneo de tal fenômeno - inclusive pelas instituições e profissionais da medicina ocidental - como acontece na cidade de Amaturá.

## **5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A referida pesquisa surgiu a partir do desejo de inteirar-me sobre as práticas tradicionais de benzimento existentes no município de Amaturá. Buscou conhecer seus aspectos e características dessas práticas realizadas na cidade, por homens e mulheres que, bravamente, e com grande dedicação, desempenham as atividades de cura. Pautadas nas cosmo-vivências — ligadas às plantas, ervas, às benzeduras, às simbologias —, desde muito antes de a medicina erudita se fazer presente, o que nos leva a repensar o conceito de “medicina alternativa”, sendo tão citado, por grande parte classe de profissionais da saúde institucional, ao se referir às práticas milenares de cura desenvolvidas pelas populações tradicionais.

No decorrer do texto apresentamos o gigantesco universo da benção que existe na cidade de Amaturá. A partir de histórias contadas por quem benze; por quem é benzido; e, a partir da pesquisa *in locus*, objetivou-se a refletir o ato da benção que ocorre no município. Essa reflexão, se apresentou como uma tarefa árdua para o pesquisador, mas foram auxiliadas a partir das leituras de fortes pesquisadores, tais como: Quintana (1999), Oliveira (1985),

Gomes e Pereira (2004), De Moura (2009), Vargas (2016), Souza (2002), além de outros, não menos importantes.

A partir do aporte da pesquisa qualitativa, de Minayo (2010), com inspiração na etnografia, segundo Angrosino (2009), e com a realização de entrevistas semiestruturadas, nas orientações de Richardson (2012) e Minayo (2008) conheceu os agentes da benção em Amaturá. Agentes estes, que possuem seus saberes a partir de experiências mágico-religiosas ou saberes xamânicos que, ao logo dos tempos, são transmitidos oralmente para aqueles que seguirão adiante com a realização das benzeduras.

Os benzedores de Amaturá desempenham um grande papel social na cura de males que resultem na desordem a partir de natureza física ou espiritual dos habitantes do município. A população busca os atendimentos dos benzedores independente de idade, classe social e crença religiosa. Nota-se ainda, que a população amaturaense possui grande confiança nos detentores dos saberes e nas suas práticas, visto que em vários casos há a procura dos benzedores antes da do médico.

Na cidade de Amaturá, o benzimento está em atuação em todas as camadas sociais, o que é de grande significância, visto que as pessoas são parte fundamental para a popularização dos benzedores e das suas práticas. Dessa maneira, elas, no momento em que divulgam a eficácia da benção, ajudam na consolidação do papel de atuação dos benzedores, assim também como ajudam no reconhecimento e permanências de tais saberes.

Cabe ressaltar, que as práticas de benzedura em Amaturá são realizadas de forma gratuita, sem nenhum tipo de remuneração ou “agrado” por parte dos benzidos. Para os benzedores o ato de ajudar o próximo é a sua grande recompensa, pois nada é mais gratificante que cumprir com amor e respeito a missão que lhes foi presenteada. Missão esta que hão de desempenhar com muita felicidade até o dia da sua partida.

O espaço de atuação dos benzedores de Amaturá aparenta estar consolidado e definido, visto que não há relatos de entrevas com entidades ou determinados segmentos da sociedade, ou instituições públicas. Isso não deve ser associada como enfraquecimento da sociedade que não demonstram maiores resistências, mas sim que o benzimento e as benções possuem lugar marcante e específico no combate às enfermidades que não fazem parte do leque de atuação dos médicos e enfermeiros.

Notou-se ainda que a medicina institucionalizada não interfere no campo da benção, pelo contrário, houve muitos relatos da atuação conjunta, em várias situações, de benzedores e profissionais da medicina erudita, no tratamento de enfermidades da população amaturaense

nos lugares de atuação dos médicos. Dessa forma, temos as benzeduras sendo realizadas livremente e sem nenhum tipo de ressalva no hospital do município ou postos de saúde.

Além do mais, foi percebido ser bastante forte a ligação dos benzedores de Amaturá com o universo da natureza. A partir do auxílio da floresta - e dos seus recursos - são realizadas as benzições, os banhos, remédios, pomadas, etc. São conhecimentos provindos do xamanismo e da pajelança, que se fazem muito presentes na realização das práticas de cura e intervenções nos benzidos.

Após um longo caminho percorrido, estamos aqui diante do fim dessa dissertação, que arduamente foi elaborada durante um período de pandemia, responsável por ceifar a vida de várias pessoas em todas as localidades do mundo, inclusive no município de Amaturá. Que este trabalho não seja apresentado como um fim, como um ponto de chegada, mas sim como um início, como um ponto de partida para novos aprendizados e pesquisas. Que prossiga para as mais diversas óticas de se observar as práticas de benzimento, que existem e se fazem necessárias e presentes para as mais variadas populações, tal como é observado entre os moradores do município de Amaturá.



## 6 - REFERÊNCIAS

- ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita. **Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: UNESP, 2002.
- ALVES, Miriam Cristiane; SEMINOTTI, Nédio. **Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v 43, supl. 1, ago. 2009, p. 85-91.
- AZZI, Riolando; VANDER, Claus. **História da igreja no Brasil: Ensaio de interpretação a partir do povo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. Tradução Carlos Felipe Moisés. Palas Athena: São Paulo, 1991, p. 250.
- CASTRO, Edna. **Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais**. In DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec NUPAUB, 2000, p. 169.
- CAVALCANTE, Patrícia Carvalho. **De nascença ou de simpatia: iniciação, hierarquia e atribuições dos mestres na pajelança marajoara**. Belém, 2008, p 104.
- DE MOURA, Elen Cristina Dias. **Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008**. São Paulo, 2009, p. 211.
- DE OLIVEIRA, J, P. **Ação indigenista e utopia mineralista. Pacificando o branco: Cosmologias do contato no norte-amazônico**. São Paulo: UNESP, 2002.
- DE OLIVEIRA, R. Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: UNESP Editora, 1998, p. 220.
- DE SOUZA, R, F, B. **Pra curar tem que ter fé: Curandeiros, Benzedoras e Rezadores – memórias de indivíduos numa perspectiva Histórica**. 2013.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo, 2000.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. [Tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 136p.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, baixo amazonas**. 2 ed. São Paulo, 1976. 284p.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p.212.
- GOMBERG, Estélio. **Hospital de Orixás. Encontros terapêuticos em um Terreiro de Candomblé**. Salvador. EDUFBA, 2011.
- GOMES, N, P de M. **Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra**. Mazza Edições. Belo Horizonte, 2004, p. 329.
- JÚNIOR, A; JÚNIOR, F de B; FERES, N. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.
- KLEINMAN, Arthur. **Concepts and a model for the comparison of medical systems as cultural systems**. *Social, Science and medicine*. n 12, 1978, p 85-93.

- LANGDON, Esther Jean; WIIK, Flávio Braune. **Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura**. Rev. Latino-Am. 2010, vol.18, n.3, pp.459-466.
- LEITE Vasconcelos. **Negociando fronteiras entre culturas, doenças e tratamentos no cotidiano familiar**. Hist Ciên Saúde. 2006; 13(1) 113-128.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **“O feiticeiro e sua magia”** In: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Saraiva, 2008.
- LIMA, Paulidayane Cavalcanti de. **Saberes e práticas tradicionais de cura: estudo sobre a transmissão das terapêuticas entre os Kapinawá**. 2018, p. 116.
- LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde**. São Paulo: DIFEL, 1984.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo & VILLACORTA, Gisela Macambira. **“Pajelança e encantaria amazônica”**. In: PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados**. - Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- \_\_\_\_\_. **“Medicinas populares e pajelança cabocla” na Amazônia**. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). **Saúde e doença um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.
- \_\_\_\_\_. Gisela Macambira VILLACORTA. **Pajelança e encantaria amazônica**. Trabalho apresentado nas VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, São Paulo, 22-25 set. 1998.
- \_\_\_\_\_. **Uma outra invenção da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém: Cejup., 1999.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5. Ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **“Representações da Cura no Catolicismo Popular”**. In: Alves, Paulo Cesar (Org.). **Saúde e doença: Um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.
- \_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação**. In: **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.
- MORIN, Edgar. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Tradução e notas, Flávia Nascimento. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 490.
- NETTO, Oyama Braga Martins. **Os sentidos da religiosidade em Amaturá, Amazonas: A festa de São Cristóvão**. 2011, p. 127.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas**. Campinas, 1983, p 193.
- ORO, Ari Pedro. **Na Amazônia um messias de índios e brancos**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- PATROCÍNIO, Marianne Shirley Azevedo do. **Uma história de fé e poder: estudo sobre as benzeções em Jardim do Seridó-RN**. Caicó, 2016.

PENA MACIEL, Benedito. **Entre os rios da memória: história e resistência dos Cabebas na Amazônia Brasileira.** In: SAMPAIO, Patrícia; ERTHAL, Regina de Carvalho. **Rastros da memória: histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia.** Manaus: EDUA, 2006.

PENAFORTE, Gilcirley Santana. **Ofício de fé: rezadeiras no município de São Paulo de Olivença –AM.** 2021, p. 126.

QUINTANA, M. Alberto. **A Ciência da Benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise.** EDUSC. Bauru/SP. 1999

RICHARDSON, Roberto Jany. **Pesquisa social; métodos e técnicas** / Roberto Jarty Richardson; colaboradores Jose Augusto de Souza Peres ... (et al.). - 3. ed. - 14. reimpr. - Sao Paulo:Atlas, 2012.

RORIGUES, Melina Soares. **Benzedoras e Raizeiras: entre novas e velhas práticas.** 2018, p. 154.

SALGADO, Liliane Lizardo. **Mutawarisá: Benzimento entre os Baré de São Gabriel da Cachoeira - Alto Rio Negro.** Manaus. 2016, p.169.

SANTOS, A, M, D S. **Medicinas Tradicionais no Vale do Rio Negro (Amazonas, Brasil). Observações sobre Etnofarmacologia e o Uso da Planta Saracura-Mirá (Ampelozizyphusamazonicus): Atividade Farmacológica e/ou Eficácia Simbólica.** Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, sér. Ciências Humanas, Belém, v. 1, n. 1, p. 137-147, jan-abr. 2005.

STEINER, J, E. **Origem do Universo e do homem.** Instituto de Estudos Avançados da USP. Revista Estudos Avançados: USP, 2006.

TRAMONTE, Cristiana. **Com a Bandeira de Oxalá! Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis.** Florianópolis. 2001, p. 512.

TRINDADE, D, do C. **As benzedoras de Parintins: práticas, rezas e simpatizantes.** Manaus: Edua, 2013, p. 196.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Alvores da conquista espiritual do alto Solimões.** In: SAMPAIO, Patrícia; ERTHAL, Regina de Carvalho. **Rastros da memória: histórias e trajetórias das populações indígenas na Amazônia.** Manaus: EDUA, 2006.

VARGA, I van D. **Geografia da saúde: ambiente e sujeitos sociais no mundo globalizado.** Editora Manaus, 2016, p. 308.

WEITZE, A, H. **Magia, religiosidade e superstição na cultura popular.** Franco Editora, Juiz de Fora, 2007, p. 204.

YAMÃ, Yaguarê. **Urutópiag: A religião dos pajés e dos espíritos da selva.** São Paulo. IBRASA, 2005, p. 128.

## ANEXOS

### ROTEIRO DA ENTREVISTA – BENZEDORES DE AMATURÁ

#### 1- Dados de Identificação Pessoal

Nome:

Idade: Sexo:

Local de Nascimento: Estado Civil:

Grau de escolaridade: Ocupação profissional:

Tempo em que reside no município de Amaturá:

#### 2- Dimensão Histórica/Familiar

O que o (a) senhor(a) sabe sobre as primeiras pessoas que benziam em Amaturá?

Você poderia me falar um pouco sobre as pessoas que benziam antigamente?

Lembra de alguma história que contavam sobre eles que achou interessante?

Quando os pais necessitavam de serviços em saúde como faziam?

Tem lembrança de alguma situação de doença que aconteceu na sua família que houve a procura dos benzedores?

Os pais tinham alguma devoção a algum santo? Qual (ais)?

Você frequentava alguma religião com sua família?

Com qual frequência iam?

De que forma participava em sua igreja?

Os pais eram promesseiros?

Os pais ou mães costumavam levá-lo (a) em benzedores?

Tinha outra pessoa na família que benzia ou benze?

#### 3- Dimensão Pessoal da Prática Religiosa

É devoto de algum santo?

Pertence ou frequenta alguma religião?

Há quanto tempo frequenta a igreja que participa?

Como ou através de quem foi o primeiro contato com a religião?

Participa de que forma com a igreja que frequenta?

Para quem pede proteção durante as rezas e benzimento?

Participava ou participa de alguma festa de santo? De que forma participava ou participa?

Quando e como originou suas atividades de benzimento?

Há quanto tempo desempenha as atividades de benzimento?

Qual a importância da fé para a eficiência dos benzimentos e melhora dos enfermos?

#### **4- Dimensão Clínica da doença.**

Quais são as doenças ou enfermidades que o (a) senhor (a) benze?

Quais são as mais comuns de aparecerem?

Quais são as mais raras de aparecerem?

Como o senhor faz para descobrir qual a doença que acomete o doente que lhe procura?

Como o senhor determina o número de vezes que a pessoa deve vir para benzer?

Quais são as doenças que tem ou teve mais dificuldade para curar?

#### **5- Dimensão prática do benzimento.**

Como você se vê diante da prática de benzimento?

Como foi o seu processo de aprendizado para a realização do benzimento nas pessoas?

Faz uso dos recursos naturais (plantas, águas, banhos, barro, cinza, descreva outros) para lhe auxiliar durante as práticas de benzimento? Quais seriam eles e por que os utiliza?

Geralmente como acontece a procura das pessoas ao (a) senhor (a) para que você as benza?

Qual o público que o senhor (a) atende durante os benzimentos?

São de todas as idades ou tem um público específico? (Crianças, adultos, idosos ou atende a todos?)

Em que horário realiza os seus atendimentos às pessoas que lhe procuram para as práticas de benzimento?

A chegada da medicina ocidental alterou de alguma forma suas atividades de benzimento ou rezas? De que forma?

Já teve alguma desavença ou entrave com alguém ou com alguma instituição por conta das suas atividades de benzimento no município de Amaturá?

Quais os desafios encontrados pelo (a) senhor (a) para o exercício de suas atividades no município? Existiu ou existe algum?

Possui algum familiar ou conhecido que tenha o interesse em aprender e continuar com as práticas tradicionais de benzimento?

Quais são suas perspectivas para o futuro das práticas tradicionais de benzimento no município de Amaturá?